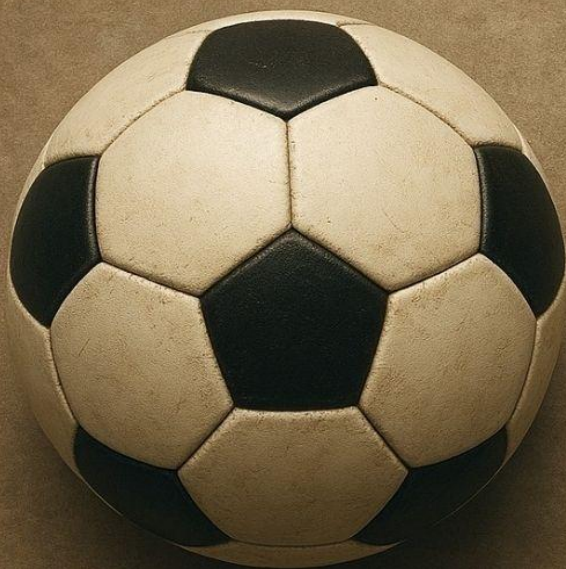




DOS CAMPOS DE FUTEBOL A ARTE NAS NAVALHAS

A HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO DE FERNANDO MELO



FERNANDO BELZUNCES MELO BRAGANÇA DE OLIVEIRA

DOS CAMPOS DE FUTEBOL A ARTE NAS NAVALHAS

A HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO DE FERNANDO MELO

1ª Edição



Autor

Fernando Belzunces Melo Bragança de Oliveira

DOI-GERAL: 10.47538/AC-2025.64



Ano 2025

DOS CAMPOS DE FUTEBOL A ARTE NAS NAVALHAS

A HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO DE FERNANDO MELO

1ª Edição

Catálogo da publicação na fonte

O48d

Oliveira, Fernando Belzunces Melo Bragança de.

Dos campos de futebol: a arte nas navalhas – a história de superação de Fernando Melo [recurso eletrônico] / Fernando Belzunces Melo Bragança de Oliveira. — 1. ed. — Natal : Editora Amplamente, 2025.
recurso digital

Formato: eletrônico

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5321-053-0 (recurso eletrônico)

DOI-GERAL: 10.47538/AC-2025.64

1. Futebol. 2. Esporte e sociedade. 3. Superação pessoal. 4. Biografia esportiva. I. Oliveira, Fernando Belzunces Melo Bragança de. II. Título.

CDD: 796.334092

CDU: 796.332

Direitos para esta edição cedidos pelos autores à Editora Amplamente.

Editora Amplamente

Empresarial Amplamente Ltda.

CNPJ: 35.719.570/0001-10

E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br

www.amplamentecursos.com

Telefone: (84) 999707-2900

Caixa Postal: 3402

CEP: 59082-971

Natal- Rio Grande do Norte – Brasil

Copyright do Texto © 2025 Os autores

Copyright da Edição © 2025 Editora Amplamente

Declaração dos autores/ Declaração da Editora: disponível em:

<https://www.amplamentecursos.com/politicas-editoriais>

Editora-Chefe: Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

Assistentes Editoriais: Caroline Rodrigues de F. Fernandes; Margarette Freitas Baptista

Bibliotecária: Mônica Karina Santos Reis CRB-15/393

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Diagramação: Luciano Luan Gomes Paiva; Caroline Rodrigues de F. Fernandes

Capa: Canva®/Freepik®

Parecer e Revisão por pares: Revisores

Creative Commons. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC-BY-NC-ND).



Ano 2025

AGRADECIMENTOS

Nenhuma história é escrita sozinha. Por mais que a vida pareça um campo onde jogamos individualmente, há sempre mãos invisíveis que nos sustentam, vozes que nos encorajam e corações que acreditam em nós quando já duvidamos de nós mesmos.

Agradeço, antes de tudo, a Jesus Cristo que me encontrou quando eu já não sabia onde procurar a mim mesmo. Foi Ele quem transformou a culpa em propósito, a dor em testemunho e o trabalho em instrumento de fé. Se agora posso contar esta história, é porque Sua graça me alcançou e me ensinou que os recomeços são parte do plano, não exceções a ele.

À minha esposa, Tamella, minha companheira em todos os desertos e celebrações, agradeço por sua fé inabalável e por me amar mesmo quando eu ainda estava aprendendo a amar a mim mesmo. A você devo não apenas o lar que construímos, mas o homem que me tornei.

Aos meus filhos, Antônio e Manuella, por serem faróis de luz em meio às minhas madrugadas incertas. Cada sorriso de vocês é um lembrete de que o tempo que vivi valeu a pena, e de que o futuro ainda está sendo escrito com ternura e esperança.

Aos meus pais, que me ensinaram o valor do trabalho e da honestidade, e à minha irmã, por seu carinho constante. Tudo o que conquistei tem raízes no amor e na estrutura que recebi em casa.

Aos amigos que se tornaram irmãos, especialmente Eduardo Felipe, cuja amizade ultrapassou fronteiras e cujo incentivo foi essencial para que a barbearia deixasse de ser um sonho e se tornasse realidade.

A todos os que passaram pela minha vida, professores, colegas, clientes, mentores e até mesmo aqueles que me desafiaram, deixo meu respeito e gratidão. Cada um, à sua maneira, foi parte do processo que me trouxe até aqui.

Por fim, agradeço a você, leitor. Que esta história, escrita com verdade e fé, encontre um lugar em seu coração e o lembre de que nenhuma queda é definitiva, e nenhum recomeço é pequeno demais quando há propósito envolvido.



Ano 2025

Sumário

NOTA DO AUTOR	6
PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	8
O COMEÇO DE TUDO	
CAPÍTULO 1	11
DO SONHO AO DESAFIO: A VIDA NO FUTEBOL	
CAPÍTULO 2	20
O CHAMADO DO FUTEBOL	
CAPÍTULO 3	42
A CALIFÓRNIA	
CAPÍTULO 4	57
UM RECOMEÇO NO BRASIL	
CAPÍTULO 5	73
A ARTE QUE NASCEU DAS NAVALHAS	
CAPÍTULO 6	96
FERIDAS DA INOCÊNCIA À CURA: UMA HISTÓRIA DE RESTAURAÇÃO EM CRISTO	
POSFÁCIO	103

NOTA DO AUTOR



Sou um homem moldado pelo tempo, pelas quedas e pelos recomeços. Por muitos anos, busquei sentido nas conquistas que o mundo valoriza — títulos, reconhecimento, estabilidade — até descobrir que o verdadeiro sucesso nasce quando encontramos paz entre o que somos e o que fomos chamados a ser.

Minha trajetória começou nos campos de futebol, passou por terras estrangeiras, enfrentou vícios, superou silêncios e, por fim, encontrou propósito nas mãos que aprenderam a dar forma não apenas a cabelos, mas a novas histórias de superação. De atleta sonhador a empresário, de um jovem perdido a um homem restaurado pela fé, cada fase da minha vida foi uma escola onde o preço do aprendizado se pagava com perseverança.

Hoje, à frente da barbearia que carrego como extensão da minha própria história, compreendo que cada navalha afiada simboliza muito mais do que técnica: representa disciplina, sensibilidade e o poder de recomeçar com elegância, mesmo depois das dores mais profundas.

Este livro não é sobre sucesso, é sobre transformação. Não é sobre glória, é sobre propósito. E se há algo que desejo que o leitor leve destas páginas, é a certeza de que Deus usa até os capítulos mais confusos para escrever os finais mais bonitos.

Com gratidão e esperança,

Fernando Belzunces Melo Bragança de Oliveira

PREFÁCIO

Tudo começou em uma bela manhã de uma quarta-feira, quando eu recebo uma mensagem de um grande amigo me chamando para escrever o prefácio do seu livro. E, é claro, com muita honra e felicidade, aqui estou transcrevendo toda a sua história e trajetória até o momento atual. O Fernando é uma pessoa muito especial, com uma energia incrível e o dom de solucionar problemas. Isso foi uma primeira imagem que eu tive assim que o conheci. Nossa história começa há muitos anos, quando morávamos em San Diego, Califórnia. Assim que nos conhecemos, foi uma amizade muito forte logo no início. Os anos foram se passando, se fortalecendo, ele se transformando e criando uma pessoa incrível, se tornando o homem que é hoje em dia. Por conta de toda essa história e essa trajetória, houve diversas quedas, diversas vitórias. Algumas quedas um pouco mais demoradas, mas ele sempre saindo, subindo e submergindo, ficando na superfície, assim como está hoje em dia.

Acredito que tudo o que ele se tornou, e que venha acrescentar e adicionar nessa história que se chama vida, é algo muito grandioso. Superação, abstinência, perseverança, acordar todos os dias querendo vencer. Essa é a verdade. Espero que, em seguida, essa leitura mude um pouco a cabeça de vocês para se tornarem pessoas melhores. E assim seguir.

Mais uma vez, um agradecimento ao Fernando por me proporcionar essa experiência e essa honra de escrever esse prefácio.

Eduardo Felipe Siqueira Cabral

INTRODUÇÃO

O COMEÇO DE TUDO

Sempre acreditei que a vida é uma sucessão de campos, alguns de grama verde e fresca, outros de terra batida, áridos e desafiadores. Em cada um deles, joguei partidas diferentes: algumas vencidas com brilho, outras marcadas por tropeços e quedas que me obrigaram a levantar com mais força. Hoje, ao olhar para minha história, vejo que não foram as vitórias que me definiram, mas o modo como aprendi a continuar mesmo quando o placar estava contra mim.

Nasci em um lar simples, cercado por valores que, à época, talvez eu não compreendesse por completo. Cresci observando meu pai trabalhar com as próprias mãos, moldando o mundo ao seu redor com disciplina e dedicação. Havia um tipo de nobreza silenciosa naquele ofício, uma lição escondida entre o barulho das máquinas e o cheiro de madeira. Minha mãe, por sua vez, era a alma sensível da casa, a que via beleza no detalhe, a que acreditava que, mesmo em dias difíceis, a fé era o combustível que mantinha o coração aceso. Entre eles, aprendi que dignidade não se mede por títulos e pela maneira como se enfrenta o dia.

O futebol foi o primeiro palco em que descobri o poder da entrega. Naquele campo de bairro, de traves improvisadas, encontrei o primeiro espelho da vida. O suor, o esforço, a frustração e a euforia me ensinaram cedo que o talento abre portas, porém é o caráter que as mantém abertas. Ali, entre passes errados e gols improváveis, aprendi o valor da persistência. E, sem perceber, o esporte começou a moldar o meu corpo e a minha alma.

A infância foi marcada por simplicidade e sonho. Eu via nos jogos a liberdade que, mais tarde, o mundo adulto tentaria substituir por obrigações e metas. Havia algo de puro naqueles dias: o barulho das risadas, a poeira subindo do chão, a sensação de que o futuro era uma página em branco esperando para ser escrita. Talvez por isso o futebol tenha sido, por tanto tempo, a metáfora perfeita da minha existência, um jogo que exige foco, paciência e, sobretudo, resiliência.

Com o passar dos anos, a vida me levou a lugares que eu jamais imaginaria alcançar. A Califórnia, por exemplo, não era apenas um destino no mapa, mas uma travessia interior. Ali, distante das minhas origens, enfrentei o silêncio da solidão, o peso das responsabilidades e o reflexo das minhas próprias escolhas. Foram anos intensos, marcados por descobertas e dores, vitórias e recaídas. A experiência de viver em outro país me ensinou mais do que qualquer sala de aula poderia ensinar. Aprendi a valorizar o trabalho, a disciplina e a coragem de recomeçar quando tudo parecia incerto. Aprendi, também, que o sucesso exterior pouco vale se o coração estiver desordenado.

Houve períodos sombrios, em que a névoa das minhas decisões me afastou de quem eu era. Lutei contra vício, medos e a falsa sensação de controle. Foi uma batalha silenciosa, travada na mente e ao mesmo tempo comecei a entender que Deus não nos abandona nas ruínas, Ele nos encontra nelas e nesse encontro surgiu o primeiro lampejo de transformação.

Voltar ao Brasil depois de quatro anos no exterior foi como retornar a um campo conhecido, porém com novas regras. Eu já não era o mesmo jovem que partira cheio de ilusões. Carregava cicatrizes, arrependimentos e, ao mesmo tempo, uma sede imensa de recomeçar. Trabalhar na empresa da minha mãe me ensinou o valor da humildade e a importância de servir antes de liderar. Foi ali, na rotina das tarefas simples, que redescobri a força do trabalho e a beleza do processo, que crescer não é subir degraus rapidamente, e sim construir bases sólidas com paciência e integridade.

O amor entrou na minha vida como uma semente plantada em solo fértil. Conhecer minha esposa, Tamella, foi um divisor de águas. Sua força, sua fé e sua coerência despertaram em mim o desejo de ser um homem melhor. Ela acreditou em mim quando nem eu acreditava e por causa do amor dela eu comecei a compreender o amor de Deus. A família que construímos se tornou o maior reflexo da graça: um espaço onde o perdão é diário e a esperança se renova em cada amanhecer.

A barbearia, que hoje carrego com tanto orgulho, nasceu de maneira quase desprezível. Começou como uma necessidade prática, um gesto simples de cortar meu próprio cabelo para economizar, e se transformou em uma paixão silenciosa que foi ganhando forma e propósito com o tempo. Transformar esse dom em profissão foi mais do que um ato de coragem, foi uma confissão de fé. Porque empreender, no fundo, é acreditar que o invisível pode se tornar visível. É transformar um sonho em matéria, uma ideia em realidade.

Com o tempo, percebi que cada etapa da minha vida, por mais desconexa que parecesse, fazia parte de um mesmo plano. O futebol me ensinou disciplina; a dor me ensinou empatia; a fé me ensinou propósito e a soma de tudo isso que deu origem a esta história — uma jornada de quedas, superações e renascimentos.

Não escrevi este livro para enaltecer conquistas, mas para revelar processos, porque, por trás de cada vitória, há uma história de vulnerabilidade, por trás de cada sorriso, há um passado de lágrimas. A vida, aprendi, não se mede pelas vezes que acertamos, mas pelas vezes que tivemos coragem de recomeçar.

Este livro é, portanto, um convite: a olhar para a própria trajetória com mais compaixão, a perceber que os atalhos nem sempre conduzem à chegada e que o verdadeiro sucesso é permanecer fiel àquilo que te faz levantar todos os dias.

Ao contar essa história, não falo como quem chegou, e sim como quem continua caminhando. Ainda há campos a serem jogados, desafios a serem vencidos e sonhos a serem cultivados. A diferença é que, agora, caminho com os pés firmes e o coração em paz. Carrego comigo a certeza de que cada etapa, cada queda e cada conquista foram necessárias para que eu pudesse compreender o que realmente importa: viver com propósito, trabalhar com amor e acreditar que, mesmo quando o corte é profundo, é possível esculpir algo belo a partir dele.

Se o futebol me ensinou a lutar e a barbearia me ensinou a criar, foi a fé que me ensinou a permanecer. E é essa permanência, silenciosa e constante, que hoje dá sentido a tudo.

Bem-vindo à minha história. Que ela inspire você a encontrar a sua.

CAPÍTULO 1

DO SONHO AO DESAFIO: A VIDA NO FUTEBOL

Origens

Nasci em São Bernardo do Campo, no dia 7 de outubro de 1985, em meio ao ritmo frenético de uma cidade industrial que pulsava com o barulho das fábricas, o cheiro de óleo e fumaça, e o vai e vem incessante de pessoas em busca de oportunidades. As ruas pareciam nunca dormir, havia sempre um motor ligado, uma buzina soando, um trabalhador apressado de lancheira em mãos e expressão cansada. Era como se a cidade respirasse o mesmo ar denso da produção, um misto de esforço e esperança que se misturava à rotina de quem sonhava com uma vida melhor.

Essa cidade, que parecia nunca descansar, foi o cenário dos meus primeiros passos, dos meus primeiros sorrisos e das minhas primeiras lágrimas. No entanto, dentro desse ambiente urbano barulhento, minha vida não se resumia às ruas de concreto. Ela se construía nos laços familiares, nas tardes com dezenas de primos e nas longas conversas em torno de mesas que pareciam pequenas demais para caber tanta gente, tanta risada e tanto afeto.

Meu pai nasceu no Espírito Santo, em uma família pobre com doze irmãos. A casa era simples, de chão batido, e a vida era marcada por privações: roupas divididas entre irmãos, sapatos remendados, refeições modestas que, muitas vezes, mal alimentavam todos. Mesmo assim, havia amor, aquele amor silencioso, que se manifestava mais nos gestos do que nas palavras. Foi nesse ambiente que ele aprendeu, ainda menino, o valor da persistência e da disciplina.

Quando chegou a São Bernardo do Campo, trazia apenas uma mala pequena e um desejo enorme de mudar o rumo da própria história. O destino o colocou no caminho de um rapaz do bairro Baeta Neves, que lhe ensinou, com paciência e generosidade, a arte de fabricar sofás, desde a marcenaria até o último ponto de costura no tecido. Meu pai aprendeu tudo observando, testando, errando e refazendo. Tinha um talento nato para transformar madeira e espuma em algo que transmitia conforto e beleza.

Com o tempo, ele começou a produzir seus próprios sofás no fundo da casa da minha avó. Era um quartinho simples, improvisado, onde o cheiro de cola e verniz se misturava ao

aroma do café passado no coador de pano. Dali saíram as primeiras peças, feitas com cuidado e orgulho, que logo chamariam a atenção de quem passava pela rua. Um representante das Casas Bahia, encantado com o acabamento impecável, indicou seu trabalho a Saul, um dos fundadores da rede. Saul aprovou o sofá, fez a primeira encomenda, e aquele pedido foi o estopim que transformou a vida do meu pai.

A partir dali tudo mudou. Ele começou a expandir, comprou terrenos vizinhos, aumentou a produção, contratou funcionários. Em poucos anos, o pequeno quartinho se transformou em uma fábrica com três galpões, frota própria de caminhões e uma parceria sólida com as Casas Bahia que duraria mais de uma década. O nome da empresa, Estofados Bragança, tornou-se sinônimo de trabalho árduo, de um sonho construído com suor e fé.

Mas, apesar de todo o sucesso profissional, meu pai nunca deixou de ser aquele homem simples e presente. A fábrica ficava próxima ao campo do Madureira, onde eu comecei a jogar futebol, e era comum que eu passasse por lá antes dos treinos. Às vezes tomava um café com ele, observava o movimento das máquinas e ouvia o som ritmado dos grampeadores e serras, que pareciam marcar o compasso da nossa vida. Brincava com meu padrinho, irmão gêmeo de meu pai, que tinha o mesmo sorriso, a mesma risada fácil. Quando ele faleceu, anos depois, senti muito a perda mesmo ainda criança.

A proximidade entre a fábrica, o campo e minha rotina acabou criando uma ligação invisível entre o trabalho do meu pai e os meus primeiros passos no futebol. Era como se, de alguma forma, o som das máquinas me acompanhasse até o gramado, lembrando-me de onde eu vinha e do esforço que sustentava cada conquista.

Minha mãe, por outro lado, nasceu e cresceu em São Bernardo do Campo. Tinha a energia da cidade correndo nas veias e uma criatividade que parecia não caber dentro dela. Seguiu carreira na publicidade e no marketing, um universo totalmente diferente da rigidez fabril. Era uma mulher de ideias, apaixonada por estética, palavras e pessoas. Mesmo com as viagens constantes de trabalho, ela mantinha um olhar atento sobretudo, e nossa casa nunca perdia aquele toque de aconchego que só ela sabia dar. Cresci, portanto, entre dois mundos muito distintos: o da força empreendedora do meu pai, marcada pelo cheiro de madeira e espuma da fábrica, e o da sensibilidade criativa da minha mãe, que via beleza em cada detalhe da vida. Entre ambos, aprendi que o equilíbrio entre o esforço e a inspiração é o que dá sentido às nossas escolhas.

A quebra do ideal de família

Até os oito anos, minha visão de família era a de uma fortaleza: pai e mãe sempre juntos, um lar com cheiro de café fresco pela manhã e conversas na mesa de jantar, tudo parecia inabalável ao meu olhar de criança. Havia algo de sagrado na rotina, uma segurança silenciosa que fazia a infância parecer eterna. Eu acreditava que nada poderia abalar aquele equilíbrio. As reuniões de família, sempre cheias de vozes, risadas e o som de talheres batendo nos pratos, me faziam pensar que união era uma lei natural, algo que simplesmente existia, como o ar que se respira.

Por isso, quando a separação dos meus pais aconteceu, foi como se o chão tivesse sido arrancado debaixo dos meus pés. Eu não entendia como duas pessoas que representavam, para mim, a base do mundo, poderiam seguir caminhos diferentes. O vazio que ficou não era apenas emocional, era físico. A casa parecia maior, os dias mais longos e o silêncio mais pesado. A frustração se transformou em silêncio. Por um tempo, eu simplesmente parei de falar com meu pai. Era o único jeito que encontrei, ainda tão pequeno, de expressar uma dor que eu não conseguia traduzir em palavras. Minha mãe tentava me explicar, dizia que às vezes os adultos precisavam seguir estradas diferentes, mas nada daquilo fazia sentido. Eu esperava, no fundo, que tudo fosse apenas um mal-entendido, que bastaria um gesto, uma reconciliação, para que as coisas voltassem a ser como antes. Mas os dias passavam, e a reconciliação nunca vinha.

Com o tempo, a vida se reorganizou, ainda que de forma torta. Fui me reaproximando do meu pai, aos poucos, em encontros marcados por um carinho tímido, como se estivéssemos reaprendendo a nos reconhecer. As brigas entre eles, porém, continuavam, e eu e minha irmã — um ano mais nova — éramos inevitavelmente arrastados para o meio das discussões. Foi nessa fase que assumi, quase sem perceber, o papel de protetor dela. Eu inventava jogos, criava histórias, fazia o possível para distraí-la e evitar que ela sentisse o mesmo peso que eu. Naquele momento, compreendi que ser irmão não era apenas dividir brinquedos, mas era também construir uma barreira invisível para proteger quem se ama do que pode machucar.

Apesar de tudo, amor nunca faltou. Tanto meu pai quanto minha mãe, à sua maneira, estavam sempre presentes. Minha mãe, mesmo com as viagens de trabalho, encontrava formas de demonstrar carinho: um bilhete na mesa, um telefonema no meio da tarde, um doce favorito deixado na geladeira. Já meu pai, mesmo mergulhado na rotina da fábrica, fazia

questão de me ver todos os dias. O campo do Madureira, onde eu jogava, ficava próximo de seu trabalho, e muitas vezes eu o via passar, acenando de longe. Essa constância, ainda que discreta, me dava segurança.

Essa fase deixou marcas profundas e ao longo da vida fui aprendendo que amor não se mede pela ausência de falhas, mas pela insistência em estar presente, mesmo quando o cenário é de conflito. A separação dos meus pais quebrou um ideal, é verdade, mas também me deu uma lição: a vida não é feita de perfeição, e sim da forma como aprendemos a lidar com as imperfeições.

As férias na chácara

As férias com meu pai eram um mergulho em um mundo que parecia existir em outra dimensão. Longe da rotina urbana de São Bernardo do Campo, da fumaça das fábricas e do barulho das ruas movimentadas, a chácara representava um espaço de respiro e descoberta. Era o tipo de lugar onde o tempo corria diferente, as horas pareciam mais lentas, os dias mais longos e a infância mais viva. Era como se, ao cruzar o portão de madeira daquele lugar, eu deixasse para trás os pesos da cidade e da separação dos meus pais para me reconectar com algo essencial: a simplicidade da vida.

Os dias começavam cedo, embalados pelo canto dos galos e pelo cheiro do café fresco que vinha da cozinha. O som das panelas batendo, o ranger do piso de madeira, o barulho distante de um trator ao longe, tudo fazia parte da trilha sonora da chácara. O ar era diferente, mais leve, carregado de um frescor que só o campo oferece. Havia uma névoa fina nas manhãs, e o orvalho nas folhas fazia o sol nascer como se o mundo estivesse coberto de pequenos diamantes. A primeira visão da manhã era sempre marcada pela vastidão do verde, pelos pastos molhados e pelo brilho tímido do sol nascendo atrás das colinas. Para uma criança, aquele cenário tinha gosto de aventura e liberdade.

Eu e meus primos corríamos sem destino, explorando cada canto como se fôssemos desbravadores. Aquele era o nosso reino: o curral virava castelo, a árvore mais alta, torre de vigia. O barulho dos animais se misturava às nossas risadas, e não havia limites entre a imaginação e o real. As galinhas eram alvo das nossas brincadeiras, as ovelhas despertavam nossa curiosidade, e até os bois, imensos e imponentes, faziam parte do espetáculo que alimentava nossa imaginação. Montar a cavalo era sempre uma experiência mágica: sentir o

trote firme, segurar as rédeas com mãos pequenas e enfrentar o vento no rosto me dava uma sensação de poder e liberdade que nenhum outro lugar proporcionava. Cada galope era uma vitória e cada tombo, uma lição silenciosa de coragem. O campo também tinha seu silêncio especial. À noite, quando o cansaço das correrias finalmente nos derrubava, nos reuníamos em torno de fogueiras improvisadas. O fogo estalava como se falasse conosco, lançando fagulhas douradas que dançavam no ar e se perdiam no céu escuro. Acima de nós, o firmamento era um espetáculo à parte: uma constelação tão clara que parecia impossível de ser vista da cidade. Era ali, ouvindo as histórias dos adultos sobre trabalho, superação e família, que eu compreendia o valor da coletividade. Cada história trazia consigo um conselho disfarçado, sobre respeitar a natureza, sobre valorizar o suor do próprio rosto, sobre não esquecer de onde viemos.

Esse ambiente me ensinou lições que levarei para sempre. A chácara me mostrou que felicidade não está no excesso e sim na simplicidade. Aprendi também que as raízes, representadas ali pela presença de tios, primos e meu pai são a nossa âncora. Elas nos mantêm firmes quando a vida tentar nos arrancar do chão. Esses dias de campo me moldaram mais do que eu poderia imaginar. Foram eles que, anos depois, me ajudaram a entender o valor do esforço, da família e da paz que só o essencial pode oferecer.

Ilhabela e o mar

Se a chácara do meu pai era sinônimo de rusticidade, aventura e cheiro de terra molhada, Ilhabela representava o oposto: leveza, frescor e a imensidão azul que me abraçava sempre que chegávamos lá. Era o refúgio da minha mãe, e, por consequência, tornou-se também o meu. A travessia de balsa já era uma cerimônia. O barulho das ondas batendo no casco, o vento bagunçando o cabelo, e o cheiro salgado do mar anunciavam que a ilha estava perto. A cada chegada, eu sentia que o peso da cidade ficava para trás.

A casa que ela tinha na ilha era cheia de vida. As janelas viviam abertas, e o som do mar entrava como uma música de fundo constante. A brisa marítima invadia os cômodos trazendo consigo aquele cheiro inconfundível de maresia e de liberdade. Logo ao desembarcar, eu já sentia o coração bater mais leve, como se cada onda tivesse o poder de levar embora as tensões da semana.

As férias em Ilhabela eram marcadas por dias inteiros de descobertas. Eu me aventurava pelas praias, cada uma com uma personalidade diferente: algumas mais agitadas, cheias de turistas e movimento; outras quase desertas, onde parecia que o tempo tinha parado apenas para que eu pudesse ouvir o barulho das ondas e o canto dos pássaros. O sol queimava a pele, o sal grudava no corpo, e o riso vinha fácil, era uma alegria que não precisava de motivo. Brincar na areia, construir castelos que a maré sempre levava embora, nadar até perder o fôlego, tudo isso fazia parte de uma rotina da qual eu nunca enjoava.

Foi ali que, por volta dos treze ou quatorze anos, conheci uma paixão que me acompanharia por muito tempo: o surf. A primeira vez que subi em uma prancha foi uma mistura de expectativa e frustração. Eu caí incontáveis vezes, engoli litros de água salgada e voltei para a areia exausto, achando que talvez aquilo não fosse para mim, mas havia algo no mar, uma espécie de voz silenciosa que me chamava de volta. Cada vez que eu caía, ele parecia sussurrar: “Tente outra vez.” E tentei. Até que, um dia, consegui ficar de pé e deslizar, ainda que de forma desengonçada, sobre a crista da onda. Foi um instante curto, mas muito incrível para mim. Eu me senti invencível. Aquela sensação de equilíbrio sobre algo tão instável me marcou, era como aprender a confiar em mim mesmo pela primeira vez naquelas incontáveis tentativas.

O surf me ensinou muito mais do que uma habilidade esportiva. Ele me mostrou que a vida é feita de tentativas, de quedas e de recomeços. Aprendi que cada derrota é apenas parte do aprendizado e que persistir é a única forma de conquistar algo verdadeiro. A cada queda, nascia em mim uma vontade maior de levantar e a cada pequena vitória, a confiança crescia. O mar se tornou meu espelho: nele eu via minha força, mas também minha vulnerabilidade. Ele me ensinou que há beleza até mesmo naquilo que não controlamos.

Ilhabela, para mim, não era apenas um destino de férias: era um lugar de construção interior. Enquanto a chácara me ensinava sobre coletividade, esforço e coragem, o mar me ensinava sobre paciência, resiliência e liberdade. Os dois mundos, tão diferentes entre si, se tornaram dois lados de uma mesma moeda: o da vida. Um me ensinava a resistir, o outro a fluir. Um me dava chão, o outro me dava horizonte. Essas experiências, aparentemente simples, formaram em mim uma base sólida para o que viria no futuro, uma mistura de força, fé e esperança que ainda hoje me acompanha. Todo esse aprendizado, essas impressões que descrevo é um resumo do que fui entendendo ao longo da minha vida, de que tudo vai nos

construindo e cooperando para o nosso bem, ainda que a cada fase não tenhamos clareza e nem maturidade para entender certas coisas que só lá na frente farão sentido.

O contraste entre os dois mundos

Olhando para trás, percebo como vivi uma infância marcada por dois cenários quase opostos, mas que, no fundo, se completavam. De um lado, havia a chácara, o cheiro de terra molhada, o barulho dos galos ao amanhecer, a correria atrás de bois e galinhas com meus primos, a vida simples e dura, mas cheia de calor humano. Do outro, havia Ilhabela, o sal do mar grudado na pele, o som das ondas embalando os dias, a brisa leve que trazia uma sensação de paz, o aprendizado paciente sobre quedas e recomeços que o surf me proporcionou. Esses dois universos não existiam apenas como lembranças distintas, mas como forças complementares dentro de mim, cada uma me puxando para um lado, ensinando lições diferentes sobre a vida, sobre mim mesmo e sobre o mundo que eu começava a descobrir e não moldaram apenas minhas memórias, mas também a forma como aprendi a encarar a vida.

A chácara me ensinava que tudo exige esforço, que nada vem de graça, que é preciso sujar as mãos para colher os frutos. Já o mar me lembra que nem tudo está sob nosso controle, que há forças maiores do que nós, como a correnteza ou a maré, e que aprender a respeitar essas forças é também aprender a viver.

O campo me mostrava a importância da persistência e da disciplina, enquanto o mar me ensinava a leveza e o desapego. No campo, eu era guiado pelo concreto: plantar, cuidar, colher. No mar, eu era guiado pelo invisível: o vento, as marés, o instinto. E entre esses dois extremos percebo que mesmo que inconscientemente, comecei a compreender que a vida é feita desse mesmo equilíbrio, de raízes e de asas, de chão e de horizonte.

É curioso perceber como eu podia ser duas versões de mim mesmo dependendo do ambiente em que estava. No campo, me sentia destemido, como se pudesse enfrentar qualquer obstáculo com a força bruta da persistência. No mar, eu me sentia pequeno diante da imensidão e ao mesmo tempo, conectado a algo maior, como se cada onda me lembrasse de que a vida é feita de ciclos, altos e baixos, calmarias e tempestades. Quando estava na chácara, meu corpo queria movimento, trabalho, ação. Eu acordava antes do sol, escutava os sons da natureza, e me sentia parte de algo maior que eu. Já em Ilhabela, o movimento era

interior: o mar me fazia pensar, refletir, silenciar. As ondas iam e vinham, como se me ensinassem a respirar junto com elas, e eu aprendia, aos poucos, a escutar o que havia dentro de mim.

Esse equilíbrio, embora eu não tivesse consciência plena na época, foi fundamental para a formação da minha personalidade. A força que aprendi com o campo me fez lutar quando a vida exigiu esforço, e a leveza que aprendi com o mar me salvou quando precisei perdoar e recomeçar. A rusticidade da chácara e a leveza do mar conviviam dentro de mim, criando um contraste que se transformaria em combustível nos momentos mais desafiadores da minha vida. Esses dois mundos me prepararam, mesmo sem que eu percebesse, para entender que o sucesso não nasce do acaso, mas da soma das experiências, e que a fé e a coragem caminham lado a lado quando a vida exige resistência. Anos mais tarde, quando enfrentei dores, frustrações e recomeços, percebi que essas duas escolas, a da terra e a da água, haviam me ensinado o que nenhum livro poderia: a importância de continuar tentando, mesmo quando o chão treme ou a maré se eleva demais.

Escola e estudos

Quando comecei a estudar, por volta dos sete anos, a escola nunca me pareceu um lugar de grandes aventuras. Eu aprendia, fazia o necessário, mas sem aquele brilho que alguns colegas mostravam quando mergulhavam nos livros. Para mim, estar sentado atrás de uma carteira era apenas parte da rotina, importante, sim, mas sem encanto. Lembro-me vagamente do cheiro de giz que tomava conta da sala, do quadro negro sempre meio apagado, das vozes misturadas das crianças e do barulho seco das canetas batendo nas mesas. O relógio na parede parecia andar devagar, e eu me pegava olhando para a janela, imaginando o campo, o mar, qualquer lugar que tivesse mais vida do que aquelas paredes brancas e as chamadas orais, das cópias intermináveis no caderno e até das broncas dos professores quando eu me distraía, o que não era difícil. Eu acompanhava o conteúdo, fazia as lições, no entanto, sempre existia uma distância entre o que estava no quadro e o que realmente me movia por dentro. Os livros traziam histórias de heróis e descobertas, mas nada disso me atraía. Não era falta de esforço, era apenas uma sensação de que ficar ali sentado estudando não fazia sentido na minha cabecinha de criança.

Naquela idade, eu ainda não tinha palavras para explicar isso. Era mais como uma intuição silenciosa, uma vontade de estar em movimento, de correr, de descobrir o mundo fora daquelas quatro paredes. Eu via alguns dos meus colegas encantados com livros de histórias, enquanto, para mim, a maior aventura ainda parecia estar do lado de fora, esperando ser encontrada. Eu gostava de aprender, mas não de ficar parado. Queria entender o porquê das coisas, não apenas decorar as respostas. E talvez tenha sido isso que me fez buscar, mais tarde, caminhos tão diferentes, que exigiam tanto do corpo quanto da mente.

Essa impressão cresceu aos poucos. Mesmo sem entender, eu sentia que faltava algo que fizesse meu coração bater mais forte, algo que desse sentido ao meu esforço e às minhas manhãs acordando cedo. Os cadernos, as provas e até as broncas dos professores estavam lá, mas tudo isso parecia ocupar apenas um espaço secundário na minha vida. Talvez porque eu ainda não tivesse encontrado o que realmente me chamava, o que me faria acordar todos os dias com propósito. Foi só mais tarde, quase por acaso, que essa peça faltando começou a se encaixar. Uma descoberta simples, nascida de um encontro inesperado, acabaria preenchendo esse vazio e mudando completamente o rumo da minha história.

Essa revelação, no entanto, pertence ao próximo capítulo, porque foi a partir dela que tudo realmente começou. E, ao olhar para o meu passado, vejo que nada foi em vão. Nem a inquietação das aulas, nem os dias distraídos, nem a sensação de não pertencer. Tudo isso fazia parte de um chamado maior, que eu ainda não entendia, mas que já estava me preparando para o campo onde, de fato, eu aprenderia as maiores lições da minha vida.

CAPÍTULO 2

O CHAMADO DO FUTEBOL

Raízes e origens

Antes de o futebol se tornar parte da minha vida, eu já carregava comigo a força da história dos meus pais. Suas trajetórias, marcadas pela simplicidade e pelo esforço, me ensinaram desde cedo que o trabalho é capaz de transformar destinos. Cresci ouvindo essas histórias entre o almoço de domingo e as noites em família, e nelas aprendi que vitória não é acaso, é caminho construído dia após dia, com escolhas pequenas, firmes e repetidas. Mesmo sem entender todos os detalhes, percebia que o esforço sustentava os sonhos e que nada, absolutamente nada, se ergue sozinho.

Minha mãe, cresceu em São Bernardo e costumava contar que, na infância, tinha poucas roupas para frequentar a escola. Eram tempos de limitações, mas também de aprendizado. Foi nesse cenário que ela descobriu a importância de perseverar, de seguir em frente mesmo quando os recursos eram escassos. Ela lembrava das manhãs frias, do uniforme estendido atrás da geladeira para secar mais rápido, do caderno reaproveitado com margens tortas, do caminho feito a pé segurando o lápis como se fosse um tesouro. Dizia que a dignidade morava nas pequenas atitudes, como chegar na hora, respeitar o professor, cuidar do que era de todos. Ao ouvir, eu entendia que caráter nasce no detalhe, e que esperança é disciplina com o coração aceso.

Já para o meu pai que veio do Espírito Santo, de uma família grande, com muitos irmãos e poucos recursos, a vida nunca foi fácil, mas foi justamente essa realidade que o impulsionou a buscar algo melhor. A construção da fábrica de sofás foi fruto de muito trabalho e dedicação. Esse espaço acabou se tornando um símbolo dentro da nossa família, prova de que era possível sair da simplicidade e alcançar estabilidade com esforço e determinação. Eu me lembro das mãos marcadas, do cheiro de cola e tecido, do barulho constante das máquinas, da precisão com que ele media, cortava e montava cada peça. Ele falava pouco, mas a postura dizia tudo, e eu aprendia sem perceber que constância é outro nome para fé em movimento. Ver a fábrica crescer, um sofá por vez, ensinou que o tempo

é aliado de quem não desiste e que beleza também mora no que é útil, no que serve, no que acolhe.

Depois da separação, minha mãe também trilhou seu próprio caminho. Criativa e batalhadora, encontrou oportunidades na área de marketing e construiu sua carreira em publicidade, alcançando o reconhecimento pelo qual sempre lutou. Eu a via transformar rascunhos em ideias, ideias em campanhas, campanhas em resultados. Quando o prazo apertava, ela fazia café, respirava fundo e recomeçava, e aquele gesto simples me mostrou que coragem não é barulho, é continuidade. Suas palavras tinham afeto e firmeza, e dela eu herdei a convicção de que imaginar é o primeiro passo para realizar, que a mente precisa estar aberta e o compromisso, muito bem firmado.

Essas histórias faziam parte do meu dia a dia, surgindo em conversas rápidas ou lembranças compartilhadas em família. E, mesmo sem entender completamente, eu absorvia essas lições. Desde cedo aprendi que disciplina, resiliência e dedicação não eram apenas palavras bonitas, mas princípios que moldavam a vida. Na prática, isso significava levantar cedo, ajudar no que fosse preciso, ouvir antes de responder, cumprir o combinado, aceitar correção sem perder o ânimo. Eu aprendia que a palavra dada tem peso, que respeito não se impõe, se conquista, e que gentileza não é fraqueza, é força em silêncio. Com meu pai, eu via a firmeza da rotina, com minha mãe, a leveza das ideias, e no equilíbrio entre os dois eu encontrava um norte para meus próprios passos.

Foi nesse ambiente entre a memória das dificuldades e a realidade de conquistas, que minha própria jornada começou a se desenhar. E justamente ao lado da fábrica do meu pai, símbolo do trabalho duro e da transformação da nossa família, eu conheceria o lugar que mudaria meu destino, o campo do Madureira.

A paisagem da minha infância tinha sons e cheiros que eu nunca esqueci, o barulho de máquina trabalhando sem pausa, o cheiro de madeira cortada, o café passado no fim da tarde, e, ao fundo, a alegria que vinha do campo, a bola batendo, a risada dos meninos, a chamada para formar os times. Entre um mundo e outro, eu caminhava como quem aprende duas linguagens, a da persistência e a do sonho, e sem perceber eu começava a juntar as duas dentro de mim.

Herdar a história dos meus pais era mais do que repetir exemplos, era reconhecer que eu também precisava escolher diariamente quem eu queria ser. Algumas vezes eu errava, voltava, corrigia, e entendia que amadurecer é aceitar a própria imperfeição sem abrir mão

do objetivo. Quando me faltavam respostas, eu lembrava das cenas simples de casa, meu pai medindo duas vezes antes de cortar, minha mãe revisando uma frase até ela caber com sentido, e isso me servia como mapa para seguir. Também aprendi que prosperidade não é só sobre dinheiro, é sobre paz nas escolhas, é sobre saber por que se levanta todos os dias e por que vale a pena continuar. Em casa, vitória nunca apareceu como milagre, apareceu como constância, apareceu como justiça feita ao esforço. Esse entendimento acalmou a ansiedade do menino que queria tudo depressa, eu comecei a respeitar os processos, a confiar mais no tempo, a valorizar a paciência que antecede as conquistas.

Quando olho para trás, percebo que a fábrica me ensinou o valor da precisão, e a mesa de trabalho da minha mãe, o valor da imaginação, e que as duas coisas, juntas, me prepararam para o que viria. Foi por isso que, quando o futebol entrou, eu o reconheci, não como fuga, mas como continuidade, havia treino que lembrava rotina de oficina, havia jogo que lembrava criação de campanha, havia disciplina e havia invenção, e eu, no meio, me sentia inteiro.

Essas memórias são mais do que lembranças queridas, são alicerces. Em dias difíceis, eu volto a elas para reorganizar o coração, em dias felizes, eu volto para agradecer. Elas me lembram de onde vim, de quem eu sou e do que nunca devo abrir mão, e, por isso, sigo com gratidão, com humildade e com a vontade de honrar cada passo que veio antes de mim.

Foi assim que me aproximei do portão do Madureira, carregando o repertório que a vida em casa me deu, a prática de fazer bem o simples, o hábito de tentar de novo, a coragem de aprender em público, e a alegria de dividir com os outros o que se aprende. Eu não sabia, mas estava prestes a encontrar um lugar que daria forma a tudo isso, um lugar onde o esforço ganharia gramado, onde a criatividade teria traves, onde o coração aprenderia a correr no ritmo da bola.

O campo ao lado da fábrica

Ao lado da fábrica do meu pai havia um lugar que parecia pulsar em outro ritmo, o campo do Madureira. Ele não era apenas um espaço de futebol, era o coração do bairro. Ali se encontravam crianças e adolescentes de diferentes idades, sempre correndo, gritando, rindo alto e comemorando gols como se fossem conquistas de campeonato. Quem passava pela rua inevitavelmente parava por alguns segundos, atraído pela energia daquele campo.

O gramado era irregular, o alambrado enferrujado, e as traves, pintadas de branco desbotado, carregavam as marcas de centenas de bolas que já haviam passado por ali. O chão, de terra batida misturada a pequenas porções de grama, exalava um cheiro forte depois da chuva, o cheiro da infância. Às vezes, o sol refletia sobre a poeira levantada pelos meninos, criando uma névoa dourada que parecia transformar aquele espaço simples em um palco de sonhos.

Eu costumava observar tudo de fora, como quem espiava um espetáculo que ainda não sabia se podia fazer parte. Para mim, ainda menino, os garotos que jogavam pareciam mais fortes, mais rápidos, quase heróis de um mundo reservado apenas a eles. A bola rolava de um lado para o outro, gasta de tanto uso, mas com o poder de transformar cada jogada em motivo de festa.

Ficava ali parado por longos minutos, segurando a mochila da escola e esquecendo do tempo, hipnotizado por aquele vai e vem. Os gritos de incentivo, as discussões acaloradas por um pênalti duvidoso, o riso depois de um gol contra tudo isso me fascinava. Aquela desordem alegre tinha uma harmonia própria, e eu sentia que ali havia algo mais do que apenas um jogo. Era como se aquele campo fosse um pedaço vivo do bairro, um lugar onde as diferenças desapareciam e todos se tornavam iguais diante da bola. Havia algo magnético naquelas cenas e eu não entendia o porquê, mas sentia vontade de atravessar o alambrado e correr junto. Não era uma reflexão consciente, afinal, eu tinha apenas sete anos, mas a sensação simples de que ali dentro havia uma alegria que eu não encontrava em nenhum outro lugar.

Em casa, a rotina era marcada por horários, responsabilidades e regras. No campo, parecia haver liberdade. Lá ninguém perguntava sobre notas, ninguém cobrava perfeição, apenas esperava que você corresse e tentasse. Era um espaço onde o erro fazia parte do aprendizado, e onde a superação se escondia atrás de cada tentativa. Naquele tempo, o futebol ainda não era um sonho, era apenas uma curiosidade que se transformava em encantamento a cada nova tarde observando os meninos jogarem.

Foi então que meu pai me levou até o campo e me apresentou ao professor Ezequiel, treinador do Madureira. Ele era um homem respeitado na comunidade, conhecido pela firmeza na forma de ensinar e pela capacidade de olhar nos olhos de cada garoto como se pudesse enxergar além da habilidade. Seu jeito transmitia segurança: falava pouco, mas cada palavra parecia ter peso.

Tinha ombros largos, voz grave e uma calma que impunha respeito. Quando ele caminhava pelo campo com o apito pendurado no pescoço, todos sabiam que era hora de silêncio e atenção. Diziam que o professor Ezequiel já havia revelado vários meninos para times grandes, mas o que realmente o destacava era a maneira como ensinava a ver o futebol como uma escola de vida. Ele dizia que um bom jogador não começa chutando bem, começa aprendendo a ouvir.

Naquele primeiro dia, o professor me colocou diretamente no treino. Eu me lembro da mistura de medo e expectativa. O coração acelerado, as mãos suadas, a dúvida se eu seria aceito pelos outros meninos. Era como entrar em um universo com códigos próprios, onde todos já sabiam as regras, menos eu. Mas bastou o primeiro toque na bola para que o nervosismo desse lugar a algo novo. Os tropeços e os passes errados não importavam, o que importava era estar ali, correndo junto, dividindo risadas, tentando acertar como os outros. Cada chute que dava me aproximava mais da sensação de que aquele espaço também podia ser meu. Foi como se eu tivesse atravessado uma fronteira invisível, deixando do lado de fora o medo e a timidez. A bola parecia ter vida própria, e quando ela tocava meus pés, tudo ao redor desaparecia. O som das máquinas da fábrica, que tantas vezes eu ouvira de longe, se misturava agora ao som do apito do treinador. Pela primeira vez, senti que aquele lugar não era apenas o campo ao lado da fábrica, era o ponto de encontro entre o mundo do meu pai e o meu.

O campo do Madureira logo deixou de ser apenas o vizinho da fábrica do meu pai para se tornar parte essencial da minha rotina. Eu descobri ali uma alegria que não se parecia com nenhuma outra. O tempo parecia voar quando eu estava em campo, as tardes acabavam depressa demais, e, quando o treino chegava ao fim, a vontade era de continuar jogando. Mesmo cansado, eu voltava para casa com o uniforme sujo e o coração leve. O cheiro da grama, da terra e do suor se misturava, e aquilo, para mim, era o perfume da vitória. À noite, deitado na cama, revivia mentalmente cada lance, cada passe certo, cada elogio do professor, e dormia com um sorriso no rosto. Nos dias de chuva, quando o campo ficava encharcado e o treino era cancelado, eu sentia um vazio estranho, como se faltasse ar. Era nesses momentos que eu percebia o quanto o futebol já fazia parte de mim.

Eu ainda não sabia dar nome a esse sentimento, mas foi no Madureira que uma paixão começou a nascer dentro de mim. Uma paixão simples, de menino, que crescia a cada risada, a cada gol improvisado, a cada tarde compartilhada com os colegas. Sem perceber, eu estava

dando os primeiros passos em uma jornada que me marcaria para sempre. O campo era pequeno, mas ali dentro o mundo parecia enorme. Cada bola disputada era um universo de emoções. A amizade entre os meninos era sincera, mesmo quando o jogo terminava em brigas de ego e provocações. No dia seguinte, tudo voltava ao normal, porque o futebol tinha esse poder de curar as pequenas feridas da infância. O Madureira era, ao mesmo tempo, escola, refúgio e espelho. Foi nele que aprendi sobre respeito, convivência e sobre como se levantar depois de cair.

Com o tempo, percebi que aquele espaço também era um elo entre gerações. Os mais velhos ensinavam os mais novos, não apenas a jogar, mas a se comportar, a ter humildade e a valorizar cada oportunidade. Lembro-me de ouvir histórias sobre jogadores que haviam começado ali e depois seguiram para clubes maiores. Aquilo alimentava um sonho silencioso em mim — o sonho de um dia também ser lembrado como um deles.

Meu pai, embora não assistisse aos treinos, sabia do meu entusiasmo. Às vezes, ao passar de caminhão pela rua da fábrica, ele acenava e eu, suado e feliz, respondia com o mesmo orgulho. Era como se, de alguma forma, ele entendesse que aquele campo estava moldando algo dentro de mim, algo que talvez nem ele pudesse ensinar. A disciplina que eu via nele no trabalho agora ganhava forma no meu próprio corpo, no esforço de cada treino, na vontade de melhorar a cada dia.

Aos poucos, o campo do Madureira se transformou em uma extensão da minha casa, e o professor Ezequiel, em uma espécie de mentor. Ele não ensinava apenas dribles ou passes, ensinava a ter postura, a olhar nos olhos, a agradecer depois do treino. Dizia que o futebol era para os fortes, mas que a verdadeira força estava na mente, não nas pernas. Essas palavras ecoaram dentro de mim e, sem que eu percebesse, começaram a definir o tipo de jogador e de pessoa que eu queria ser.

Hoje, quando fecho os olhos e tento voltar àquela época, consigo ouvir o som das chuteiras batendo no chão, o grito distante de um gol, o apito do professor e, ao fundo, o ronco das máquinas da fábrica. São sons que, juntos, compõem a trilha sonora da minha infância. Cada um deles me lembra de que a grandeza pode nascer nos lugares mais simples, e que o sonho, para florescer, precisa apenas de alguém disposto a acreditar.

Primeiros treinos e rotina no Madureira

Depois daquele primeiro dia, o campo do Madureira deixou de ser apenas um lugar de curiosidade e passou a ser parte da minha vida. A cada treino, algo novo se revelava, não era só correr atrás da bola, mas aprender a pensar o jogo, a ouvir instruções, a se esforçar mesmo quando o corpo já pedia descanso.

Os dias de treino se tornaram o centro da minha rotina, e tudo o que estava em volta parecia girar em função daquilo. Eu acordava já imaginando o que o professor iria ensinar, e passava o dia contando as horas para vestir o uniforme e amarrar as chuteiras. A sensação era de que, ali dentro, eu tinha encontrado um lugar onde o tempo ganhava outro significado. O relógio parecia correr mais rápido enquanto eu jogava, mas, ao mesmo tempo, cada minuto valia por uma eternidade.

O professor Ezequiel comandava tudo com firmeza. Ele tinha um jeito direto, às vezes até duro, mas que transmitia respeito. Não precisava levantar a voz para impor autoridade, bastava um olhar sério para que todos corressem mais rápido ou prestassem mais atenção. Quando corrigia um movimento, fazia de forma clara, quase sempre mostrando na prática como deveria ser feito. Para nós, garotos, cada palavra parecia uma regra de ouro. Era um homem de poucas palavras, mas de gestos exatos. Quando ele cruzava os braços e observava, sabíamos que estava analisando cada detalhe, e bastava um aceno de cabeça para que todos se reposicionassem. Ele tinha uma forma especial de ensinar, que não era apenas técnica, era também emocional. Nos fazia entender que o futebol não se jogava só com os pés, mas com a mente, e que antes de chutar uma bola era preciso aprender a pensar.

Lembro-me de uma vez em que ele me chamou de lado e disse: “Protege a bola com o corpo, não com a pressa. A pressa te faz perder, o corpo te faz segurar.” Aquilo ficou gravado em mim. Era só uma orientação técnica, mas eu senti como se tivesse descoberto um segredo. Detalhes assim iam moldando meu jeito de jogar e também a forma como eu começava a me enxergar dentro de campo. Aquelas palavras simples se tornaram um princípio que levei para a vida. Com o tempo, entendi que ele não falava apenas do jogo, mas da existência. Aprendi que a pressa também nos faz perder oportunidades, que a calma e o controle são as maiores forças de quem quer crescer. E o mais incrível era que, aos poucos, essas lições iam além do futebol, moldando a maneira como eu via o mundo, as pessoas e até a mim mesmo.

O clima nos treinos era de mistura, havia os mais velhos, que já dominavam a bola com confiança, e nós, mais novos, tentando imitar cada gesto, cada drible, como se fossem mestres. Eu queria aprender rápido, queria mostrar que também podia estar à altura. Errava muito, claro, mas cada acerto, por menor que fosse, trazia uma alegria que me fazia voltar no dia seguinte com ainda mais vontade. Quando acertava um passe difícil ou ouvia um elogio, sentia como se tivesse conquistado um título. E, quando errava, o desejo de melhorar falava mais alto do que a frustração. O professor Ezequiel dizia que um bom jogador é aquele que erra tentando acertar, e eu tentava seguir isso como um mantra. Com o tempo, comecei a entender que a diferença entre quem chega longe e quem desiste está justamente em continuar tentando quando ninguém mais acredita.

Enquanto muitos colegas esperavam o fim de semana para brincar na rua ou jogar videogame, eu contava as horas para calçar a chuteira. O Madureira se tornou a minha segunda casa. O campo tinha sons que aprendi a reconhecer, o apito do professor, as palmas de incentivo, a bola ecoando contra as traves, as gargalhadas no vestiário depois de um treino puxado. Eram sons que me preenchiam e me davam a sensação de que eu estava no lugar certo.

Aquela rotina se tornou meu refúgio. Mesmo nos dias em que o corpo doía ou o cansaço parecia maior que a vontade, algo dentro de mim me empurrava para o campo. Havia uma alegria que nascia do esforço, um prazer que vinha do suor, e uma paz que eu só encontrava quando a bola estava nos meus pés. O cheiro da grama, o barulho das chuteiras batendo no chão e o vento frio da tarde formavam o cenário perfeito para os meus sonhos de menino.

Nessa fase, meus pais não estavam presentes. Meu pai nunca assistiu a um jogo meu, pois estava sempre ocupado com a fábrica, cuidando dos negócios. Minha mãe, muitas vezes em viagens de trabalho, também não podia estar ali, nas arquibancadas. Eu entendia, ainda que sentisse falta. Eles me apoiavam como podiam, mas a vida os puxava para outros compromissos.

Às vezes eu olhava para a arquibancada e imaginava como seria vê-los ali, torcendo por mim. Não por falta de amor, mas por desejo de partilha. Eu queria que vissem o quanto eu estava me esforçando, o quanto o futebol me transformava. Ainda assim, a ausência deles nunca virou ressentimento. Aprendi cedo que o amor pode estar presente mesmo à distância, e que o apoio verdadeiro nem sempre precisa ser visto para ser sentido.

Foi então que entrou em cena alguém que marcaria profundamente meu início no futebol, o tio Toninho. Ele foi mais que um acompanhante, foi meu parceiro de jornada. Era ele quem me levava aos treinos, quem esperava sentado na beira do campo, muitas vezes em silêncio, mas sempre atento. Era ele quem vibrava a cada gol, quem me dava um tapinha nas costas quando eu errava e quem me incentivava a continuar tentando. O tio Toninho era simples, de poucas palavras, mas de uma presença inconfundível. Chegava sempre antes do treino começar, encostava no alambrado com um boné surrado e os braços cruzados, e dali não tirava os olhos de mim. Às vezes, me dava um sinal de aprovação com a cabeça, e aquele gesto valia mais do que qualquer aplauso. Ele me ensinou que amor e apoio se medem pela constância, e não pela quantidade de palavras. Me recordo da sensação de, ao sair de campo cansado, encontrar o olhar dele, firme e orgulhoso. Não havia discursos longos nem cobranças, mas havia presença. E, para uma criança, isso valia mais do que qualquer palavra.

O tio Toninho não tentou ocupar o lugar do meu pai ou da minha mãe, apenas esteve lá, e essa constância fez toda a diferença. Era como se o simples fato de saber que ele estava ali me tornasse mais confiante. Ele me esperava, ajudava a carregar a mochila, perguntava como tinha sido o treino e, mesmo sem entender todos os termos do futebol, ouvia com interesse. Nossos trajetos de volta para casa eram marcados por silêncio e cumplicidade. Ele falava pouco, mas quando dizia “você jogou bem hoje, garoto”, era como se o mundo inteiro tivesse reconhecido meu esforço.

Foram esses primeiros treinos no Madureira que começaram a moldar minha disciplina e minha confiança. Ali aprendi a importância da dedicação, da paciência e da resiliência. Ali também entendi, mesmo sem perceber na época, que o futebol seria mais do que uma atividade da infância. Era como se, a cada treino, uma peça do quebra-cabeça da minha vida fosse se encaixando.

A convivência com os colegas me ensinava sobre respeito e companheirismo, o professor me ensinava sobre foco e superação, e o tio Toninho me ensinava sobre amor e presença. Era uma combinação perfeita, ainda que eu não tivesse consciência disso. O futebol, que começou como brincadeira, estava se transformando em linguagem, em propósito. E eu, um menino curioso e sonhador, começava a entender que talvez o meu lugar no mundo estivesse mesmo ali, entre o barulho das chuteiras e o eco das arquibancadas vazias ao cair da tarde.

O Madureira foi meu primeiro lar fora de casa, um espaço onde eu aprendi a lidar com vitórias e derrotas, com elogios e críticas. Cada erro era uma lição, cada acerto, uma motivação. Era o começo de uma caminhada que me levaria por caminhos que eu ainda não imaginava, mas que, de alguma forma, já estavam escritos naquelas tardes de treino, sob o olhar atento de quem acreditava em mim.

Imagem: Treinador Ezequiel e o meu primeiro time.



Fonte: Arquivo pessoal.

O salto para o São Caetano

Aos treze anos, depois de muitas tardes correndo no campo do Madureira, chegou o momento de dar um passo maior. O Madureira tinha sido minha escola inicial, o lugar onde descobri a paixão pela bola e onde construí amigos que levarei para sempre. Mas havia em mim algo que pedia mais. Eu já não era apenas o garoto que treinava para aprender, eu começava a me destacar. E quando isso acontece, o próprio jogo abre novas portas. O reconhecimento veio de forma natural, quase silenciosa. O professor Ezequiel começou a me colocar em jogos mais difíceis, a me dar funções de liderança dentro do time e a falar de mim com um certo orgulho para quem quisesse ouvir. Eu percebia em seu olhar que ele via

potencial, e isso me dava ainda mais vontade de me superar. Cada treino era uma oportunidade de mostrar que eu estava pronto para voar mais alto.

Diante desse cenário surgiu a oportunidade de ir para o São Caetano. Para mim, que cresci vendo aquele clube aparecer em noticiários e ser respeitado no cenário nacional, vestir sua camisa parecia quase um sonho. Era como se, de repente, o menino que jogava perto da fábrica de sofás do pai fosse convidado a pisar em um palco muito maior. A primeira vez que ouvi o nome “São Caetano” vindo da boca do professor, meu coração acelerou. Era o time que eu via na televisão, o clube que enfrentava gigantes e fazia história com coragem.

Saber que alguém de lá queria me ver jogar parecia inacreditável. Passei dias imaginando como seria colocar aquele uniforme azul, sentindo que estava prestes a viver algo que poderia mudar minha vida para sempre. Lembro-me com clareza da primeira vez que cheguei lá. Tudo parecia diferente. Os campos eram verdes, bem cuidados, marcados com linhas perfeitas. O vestiário tinha armários organizados, uniformes dobrados, chuteiras alinhadas. O simples ato de colocar aquele uniforme azul foi um dos momentos mais marcantes da minha adolescência. Eu me olhei no espelho e, pela primeira vez, senti que estava vivendo de verdade o que até então era apenas um sonho de criança. O cheiro do gramado recém-cortado, o som das traves sendo testadas, a conversa animada dos jogadores nos corredores, tudo parecia mais profissional, mais intenso, mais real.

Quando pisei no campo pela primeira vez, senti um frio na barriga, uma mistura de nervosismo e gratidão. Era como se cada passo que eu dava naquele gramado carregasse o peso de todos os meus treinos no Madureira, todas as tardes em que sonhei com aquele momento. Contudo, junto com o orgulho vinha o nervosismo. A sensação era de estar recomeçando do zero. No Madureira, eu era conhecido, tinha meu espaço, era respeitado pelos colegas e pelo professor Ezequiel. No São Caetano, ninguém me conhecia. Eu era só mais um garoto entre dezenas de outros, todos talentosos, todos sonhando com o mesmo futuro. Era preciso mostrar valor desde o primeiro toque na bola. Ali, percebi o verdadeiro significado da palavra mérito. Cada treino era uma disputa silenciosa, cada erro parecia custar caro. Era um ambiente competitivo, mas, ao mesmo tempo, inspirador. Havia nos olhos daqueles meninos o mesmo brilho que existia nos meus: o desejo de vencer, de ser visto, de fazer parte de algo maior. E foi nesse clima que comecei a construir uma nova versão de mim, mais madura, mais consciente do que queria.

Os treinos eram intensos, muito mais exigentes do que eu estava acostumado. Havia preparação física, treinos táticos, repetições intermináveis de fundamentos. Nada era feito por acaso, cada exercício tinha um propósito. Ali, percebi que talento não bastava. Era preciso disciplina, dedicação e paciência. Muitas vezes, voltei para casa exausto, com dores no corpo, mas com a sensação de estar me tornando mais forte a cada dia. Os preparadores físicos exigiam muito. Acordávamos cedo, fazíamos longas corridas, trabalhávamos força, resistência e técnica. Os treinos pareciam nunca acabar, mas havia algo gratificante em suportar o cansaço e perceber a própria evolução. Eu aprendia não apenas a jogar melhor, mas a suportar a dor, a lidar com o fracasso, a respeitar os limites do corpo e da mente. Aos poucos, fui entendendo que o futebol era também uma metáfora da vida: o sucesso nasce do esforço silencioso, não das conquistas imediatas.

A rotina também mudou. Os deslocamentos eram mais longos, o tempo livre quase desapareceu. Enquanto meus colegas de escola falavam de videogames, festas ou passeios, minha vida girava em torno de treinos, jogos e recuperação física. Não me importava. Pelo contrário, eu me orgulhava do que muitos poderiam achar ser um sacrifício, mas que para mim era algo muito leve e prazeroso, pois eu amava aquilo tudo. Sentia que cada esforço era parte do preço que se paga para perseguir um sonho. Acordar cedo deixou de ser obrigação e virou privilégio. Cada manhã era um novo recomeço. Mesmo nos dias frios, quando o corpo queria mais alguns minutos de descanso, bastava pensar no campo, nas chuteiras e na bola para que o sono desaparecesse. Eu tinha uma certeza: aquele esforço um dia valeria a pena. E essa convicção era mais forte do que qualquer cansaço.

Claro que houve momentos desafiadores. Encarar garotos mais velhos e mais fortes exigia dedicação redobrada, e nem sempre as coisas saíam como eu planejava, todavia, cada treino, mesmo nos dias em que os erros apareciam, era uma chance de aprender algo novo. Foram justamente esses desafios que me fizeram evoluir e me mostraram que o crescimento no futebol vem tanto das vitórias quanto das dificuldades. Aprendi que no futebol, assim como na vida, não se pode ter medo de cair. É preciso levantar-se, corrigir, tentar de novo. Mesmo nos dias mais cansativos, quando o corpo doía e as pernas pareciam não responder mais, eu nunca pensei em parar. A paixão que sentia pelo futebol era maior do que qualquer dor. O cansaço físico era apenas um lembrete de que eu estava me dedicando a algo que amava profundamente. Bastava lembrar de onde eu havia vindo, da fábrica do meu pai, do campo de terra batida do Madureira, para entender o quanto já tinha conquistado. Cada gota

de suor era uma prova viva da minha entrega, uma forma silenciosa de agradecer pelas oportunidades que a vida me dava.

Jogar futebol não era um sacrifício, era um privilégio. E cada treino, por mais difícil que fosse, reforçava dentro de mim a certeza de que eu estava exatamente onde deveria estar. O São Caetano me deu muito mais do que treino e estrutura. Ele me ensinou o valor da persistência, da resiliência e da humildade. Entendi que cada treino era uma nova chance de provar que eu merecia estar ali. E, aos poucos, fui conquistando meu espaço.

Com o passar dos meses, comecei a ser chamado para jogos importantes. A confiança do técnico crescia, e a minha também. Cada partida era uma oportunidade de me superar e mostrar que eu estava pronto para desafios maiores. No primeiro jogo em que entrei como titular, o frio na barriga era imenso, mas quando a bola rolou, tudo desapareceu, pois eu estava exatamente onde sempre quis estar.

Foram dois anos intensos, de amadurecimento acelerado. No início, eu era apenas mais um menino tímido, ansioso para não errar. No final, já era um jogador mais confiante, preparado para novos desafios. E quando completei dezessete anos, surgiu uma oportunidade ainda maior, a de entrar no Lions FC, um time comandado por investidores coreanos que oferecia a chance de transformar o sonho em realidade. Quando o convite chegou, lembro-me de ter ficado em silêncio por alguns segundos, sem saber o que dizer. Eu olhei para o uniforme azul do São Caetano e senti um misto de gratidão e nostalgia. Aquele clube havia me ensinado a crescer, a suportar a dor, a confiar em mim mesmo e ao mesmo tempo, uma nova porta se abria. Era como se a vida me chamasse para o próximo capítulo, e eu sabia que precisava atender a esse chamado.

O São Caetano foi, para mim, mais do que um clube. Foi uma escola de caráter, um espelho do mundo real. Ali aprendi que o sucesso é feito de pequenos passos e que, por trás de cada conquista, há uma infinidade de esforços invisíveis. Carreguei comigo a certeza de que o futebol, mais do que uma profissão, era o instrumento através do qual eu aprenderia a lidar com a vida. E esse aprendizado, forjado entre dores, vitórias e superações, me prepararia para tudo o que viria a seguir.

Lions FC: o sonho profissional

Aos dezessete anos, um novo horizonte se abriu diante de mim: o Lions FC. O clube, sediado na cidade de Salto, tinha algo diferente de tudo o que eu já havia vivido. Era comandado por um grupo de investidores coreanos que buscava jovens talentos no Brasil para formar e levar ao futebol profissional na Coreia. Para nós, meninos cheios de sonhos, aquilo soava como um convite direto para o futuro. Era como se o destino tivesse me chamado mais uma vez. Depois de tantos anos de treinos, suor e disciplina, finalmente aparecia uma chance real de transformar o que eu mais amava em carreira. O Lions FC surgiu como uma promessa de recomeço, um projeto que unia o rigor asiático à paixão brasileira, e eu estava decidido a provar que merecia estar ali.

A estrutura era simples, mas a disciplina impressionava. Cada treino parecia carregado de um peso especial, como se estivéssemos sendo observados a todo instante e, de fato, estávamos. Os investidores acompanhavam de perto, atentos a cada detalhe: postura, dedicação, resistência. Não bastava jogar bem; era preciso mostrar comprometimento absoluto, dentro e fora de campo. Eles observavam tudo, desde o modo como amarrávamos as chuteiras até a forma como reagíamos após um erro. Não havia espaço para desatenção. O futebol ali não era apenas técnica, era comportamento, mentalidade e entrega. Para um garoto de dezessete anos, era como viver sob um microscópio, mas também era fascinante perceber o quanto aquele ambiente me fazia crescer.

A rotina era intensa. Os treinos começavam cedo e não davam espaço para descuido. Corridas longas, trabalhos físicos puxados, repetições técnicas incansáveis. A cobrança era constante, mas eu não a via como fardo. Pelo contrário, era motivação. Cada sessão era uma oportunidade de provar que eu estava pronto para dar o próximo passo. O cansaço vinha rápido, mas a vontade de melhorar vinha mais rápido ainda. Havia dias em que o corpo parecia não aguentar, mas bastava o primeiro toque na bola para que toda a exaustão desaparecesse. Ali, percebi o poder da paixão. Era ela que me movia, que me fazia levantar cedo, enfrentar a dor e seguir acreditando, mesmo quando o progresso parecia lento.

No Lions, percebi que o futebol era mais do que talento e alegria. Ali, aprendi a importância da mentalidade. Era preciso ter força não apenas nas pernas, mas também na cabeça. Resistir ao cansaço, manter a concentração, encarar cada treino como uma final. Foi nesse ambiente que cresci como jogador e como pessoa, entendendo que o sucesso não vem apenas do que se faz no campo, mas também da forma como se encara as adversidades. Cada

erro era visto como uma chance de corrigir, e cada acerto, uma lição para ser repetida. Aprendi que a diferença entre os que chegam longe e os que ficam pelo caminho está na capacidade de permanecer firme quando tudo parece desmoronar. O Lions FC me ensinou que a disciplina é a forma mais pura de amor pelo sonho.

Havia uma atmosfera de esperança entre nós, jogadores. Todos sabíamos que os destaques poderiam ser levados para a Coreia com contrato profissional. Era como viver em constante expectativa: a cada treino, a cada jogo, o futuro parecia estar em jogo. Eu me sentia pronto, confiante, determinado a agarrar essa oportunidade. As conversas nos dormitórios eram sempre sobre isso. À noite, deitados nas camas, imaginávamos como seria jogar em outro país, vestir uma camisa estrangeira, ouvir um hino diferente e ver nosso nome estampado em jornais. Aqueles sonhos compartilhados criavam uma energia única. Éramos rivais e, ao mesmo tempo, irmãos, unidos pela mesma vontade de vencer.

Essa fase foi, sem dúvida, uma das mais marcantes da minha vida. O Lions FC não era apenas um clube; era um portal para os sonhos, um teste de fogo que separava os que apenas gostavam de futebol daqueles que estavam dispostos a vivê-lo como destino. E eu estava decidido: queria estar entre os escolhidos. Cada manhã naquele centro de treinamento era um recomeço. O som do apito do técnico ecoando, o barulho das chuteiras batendo contra o gramado e o cheiro da grama molhada formavam a trilha sonora de uma rotina que, para mim, era sinônimo de felicidade. Eu não jogava por obrigação, jogava porque era o que me fazia sentir vivo. O Lions FC se tornou o meu mundo e dentro dele, eu acreditava que tudo era possível.

Nos treinos coletivos, a intensidade era tamanha que, às vezes, o sol parecia nem nascer completamente antes de começarmos a correr. O professor coreano responsável pela preparação física tinha uma rigidez que nos deixava exaustos, mas ele também nos ensinava sobre foco, postura e respeito. Eles valorizavam cada detalhe: a forma de cumprimentar os colegas, o modo de agradecer ao final de cada treino, o respeito pelos técnicos. E eu gostava disso. Via ali um propósito. Sentia que aquele estilo disciplinado me tornava mais maduro.

Com o tempo, comecei a me destacar. As orientações dos treinadores coreanos, unidas à base que eu trazia do São Caetano, fizeram meu futebol evoluir muito. Eu me sentia leve, confiante e cada vez mais preparado. Os olheiros observavam atentamente, anotavam detalhes, e a expectativa de ser escolhido aumentava a cada semana. Às vezes, eu me pegava imaginando como seria viver na Coreia, como seria treinar em outro idioma, jogar em

estádios cheios, representar o meu país longe de casa. Essa ideia me fazia treinar ainda mais forte. Havia uma exigência constante em tudo, até nos momentos de descanso. Alimentação, horário de sono, comportamento dentro e fora do campo, tudo era controlado. Era um ambiente que moldava o caráter, que testava nossa paciência e a capacidade de seguir regras. Alguns colegas desistiram no meio do caminho, incapazes de lidar com tanta pressão, mas eu via aquilo de outra forma. Cada dia era uma chance de provar que eu não era apenas mais um garoto talentoso, e sim alguém preparado para viver o futebol como missão.

Entre uma sequência de treinos e jogos, comecei a entender que o futebol ia muito além do campo. O Lions FC me ensinou sobre respeito, sobre convivência e sobre resiliência. Aprendi a conviver com diferentes culturas, com diferentes temperamentos, com diferentes maneiras de ver o mundo. Era uma escola de vida, e eu me sentia privilegiado por estar ali. O tempo no Lions FC me transformou profundamente. Eu já não era mais o garoto tímido que chegou com medo de errar. Tinha se formado dentro de mim uma confiança serena, uma certeza de que o esforço é o caminho mais seguro para qualquer conquista. Eu não buscava mais apenas reconhecimento; buscava superação. Queria ser melhor do que fui ontem, a cada treino, a cada toque na bola. Foi ali que percebi que o verdadeiro sonho não está apenas no destino, mas na jornada.

O Lions FC foi o ápice de uma fase e o início de outra. Eu não sabia ainda, mas o mesmo campo que me ensinou sobre disciplina e esperança seria também o cenário de uma das maiores provações da minha vida: uma lesão que mudaria tudo. No entanto, até aquele momento, tudo era fé, força e futuro. Eu sentia que estava prestes a viver a virada mais importante da minha história.

A queda: a lesão que mudou tudo

O Lions FC era, para mim, o trampolim para o futuro. Cada treino me aproximava da chance de assinar um contrato e viver o futebol de forma profissional. Aos dezoito anos, eu sentia que estava pronto: o corpo forte, a técnica apurada, a cabeça preparada para os desafios. Eu acreditava que, em breve, meu nome estaria entre aqueles escolhidos para jogar na Coreia. Naquele momento, tudo parecia encaixar. Era como se os anos de treino, de disciplina, de suor, finalmente comessem a dar frutos. Cada vez que eu entrava em campo, sentia que o sonho estava ao alcance das mãos. A confiança era tamanha que eu chegava

mais cedo para os treinos, ficava depois do horário, praticava fundamentos sozinho, repetindo passes e finalizações até o cair da noite. O futebol não era apenas o que eu fazia, era o que eu era.

Fui surpreendido de uma forma inesperada e triste justamente nesse período, quando tudo parecia estar se encaminhando para o auge, que a vida decidiu mudar o roteiro. Era um dia chuvoso, o tipo de chuva que deixa o campo pesado e traiçoeiro. A bola vinha alta, e eu me preparei para dominá-la, algo que já tinha feito centenas de vezes. Pulei com naturalidade, com a confiança de quem conhecia cada movimento do próprio corpo. Mas, no mesmo instante, um dos jogadores coreanos, veloz e intenso, veio disputar a jogada. Ele escorregou na grama molhada e não conseguiu frear. Seu corpo caiu sobre o meu, e meu pé esquerdo, preso no gramado, não teve para onde escapar. O estalo foi seco, alto, inconfundível. Senti uma dor aguda que percorreu meu corpo inteiro, uma dor que não parecia apenas física, e caído ali no chão sem conseguir mover a perna, enquanto o treino parava e os colegas corriam na minha direção, era como se, junto do tornozelo, algo dentro de mim também tivesse se rompido. O silêncio que se seguiu ao grito foi ainda mais marcante. Naquele instante, o tempo pareceu parar. Eu via rostos borrados ao meu redor, ouvia vozes confusas, mas nada fazia sentido. A dor tomava conta de tudo. Quando o fisioterapeuta se aproximou, eu vi em seu olhar algo que me assustou, pois não era apenas preocupação, era certeza de que algo sério havia acontecido.

O diagnóstico veio rápido: ruptura do talo-fíbula do tornozelo esquerdo. Palavras que até então não significavam nada para mim, mas que passaram a carregar um peso imenso. Eu sabia que não era uma contusão simples; era uma barreira enorme no caminho que eu vinha trilhando. A notícia caiu sobre mim como uma avalanche. Eu ouvi o médico explicando os detalhes, o tempo de recuperação, a necessidade de imobilização, mas, por dentro, só havia um ruído distante, uma mistura de negação e medo. Eu, que passara anos construindo meu corpo para o jogo, me via agora dependente de muletas e fisioterapia. Era como se, de repente, o mundo tivesse perdido a cor.

Vieram então nove meses de recuperação. Nove meses que pareciam não ter fim. A rotina era feita de fisioterapia, exercícios lentos, dores que me testavam a cada movimento. No início, eu alimentava esperança. Cada pequena melhora era comemorada como um gol: dobrar um pouco mais o pé, andar sem mancar, dar os primeiros chutes na bola. Os primeiros meses foram os mais difíceis. As madrugadas eram longas, o tornozelo latejava, e eu me

perguntava quando voltaria a sentir o cheiro do gramado, o som da chuteira batendo na bola. A solidão era constante. Enquanto os colegas treinavam, eu ficava preso em uma sala fria, cercado por aparelhos, elásticos e pesos. Era uma luta silenciosa, diária, contra o próprio desânimo.

À medida que o tempo passava, percebia que algo havia mudado. Fisicamente, o corpo se recuperava, contudo, a mente carregava um bloqueio invisível. Voltar aos treinos significava encarar divididas, contatos, choques. E, cada vez que alguém se aproximava, uma parte de mim hesitava. Eu sempre fui um jogador de dois pés, confiante nas jogadas, mas o medo de apoiar o esquerdo, o medo de reviver aquela dor, me travava. Era como se meu corpo estivesse pronto, mas minha mente ainda vivesse no momento da queda. Cada entrada, cada dividida, se tornava uma batalha entre o instinto e o receio. E, quando o medo vence no futebol, o jogo muda completamente. No futebol, confiança é tudo. Ela é a linha que separa um bom jogador de um jogador comum. E eu já não tinha a mesma confiança. Passava a evitar jogadas que antes encarava sem pensar, chegava atrasado em divididas, perdia a naturalidade que sempre me acompanhou. Eu tentava disfarçar, mas por dentro sabia: não era mais o mesmo. É difícil explicar o que acontece dentro de um atleta quando ele perde a confiança. O corpo responde, mas o coração hesita. É como dirigir um carro com o freio de mão puxado, você ainda se move, mas nunca na velocidade de antes. E o pior é que ninguém percebe o que se passa por dentro. Os técnicos veem o esforço, os colegas notam a dedicação, mas ninguém sente o medo que toma conta do peito a cada toque na bola.

Essa lesão não levou apenas nove meses da minha carreira. Levou também a leveza do meu jogo, a ousadia de quem acreditava que tudo era possível. Aos poucos, percebi que o sonho que parecia tão próximo começava a se distanciar. O contrato na Coreia, o futuro profissional, tudo parecia escapar de mim como areia entre os dedos. O que mais doía não era o tornozelo, era o vazio. Eu olhava para os gramados e sentia saudade de mim mesmo, do garoto destemido que acreditava que o mundo era seu campo de jogo. As pessoas me diziam que eu era jovem, que teria outras chances, mas, no fundo, eu sabia que aquele tipo de oportunidade não aparece duas vezes.

E, com essa percepção, veio a frustração. Uma frustração que não doía no corpo, mas na alma. Eu tentava me convencer de que aquilo era apenas uma fase, que o tempo resolveria, mas, no fundo, algo dentro de mim sabia que o sonho não seria o mesmo. Ainda tentei seguir treinando, insistindo, buscando o ritmo, mas o brilho que existia antes já não

estava lá. O futebol, que sempre tinha sido meu refúgio, agora me lembrava daquilo que perdi.

Foram meses de conflito interno, tentando entender por que tudo tinha acontecido justo naquele momento em que eu me sentia mais preparado. Por que o destino, tão generoso até ali, havia me virado as costas de forma tão abrupta? As respostas não vinham, e talvez nunca venham. Mas hoje, olhando para trás, entendo que aquela dor também me ensinou, me mostrou que a vida, assim como o futebol, tem seus imprevistos, e que a verdadeira força está em continuar, mesmo quando o sonho muda de forma.

O futebol me ensinou a cair e levantar, mas aquela foi a primeira vez em que a queda não era apenas física. Era uma queda de dentro. Uma ruptura que me forçou a olhar para além das chuteiras, para descobrir quem eu era sem o uniforme, sem os aplausos, sem o campo. E, embora na época eu não soubesse, aquela lesão seria o início de um outro tipo de jornada, mais dura, mais silenciosa, mas também mais transformadora.

Frustração e novos caminhos

A lesão havia mexido não só com o meu tornozelo, mas também com tudo aquilo em que eu acreditava. O futebol já não me oferecia a mesma confiança, e a tentativa de me adaptar à faculdade só aumentava o vazio que eu sentia. Era como se eu tivesse perdido meu lugar no mundo. Essa mistura de frustração e desorientação me deixou revoltado, bravo com tudo e com todos. A sensação era de estar preso em um corpo que não respondia mais aos meus sonhos. Eu via os colegas seguirem suas rotinas, alguns jogando, outros se formando, e eu me sentia suspenso entre dois mundos: o do que fui e o do que não sabia mais se conseguiria ser. Não havia manual para lidar com essa perda. O futebol sempre fora minha bússola, e, sem ele, eu me via andando em círculos, tentando entender o que ainda fazia sentido.

Foi nesse cenário que, infelizmente, encontrei um refúgio que parecia oferecer conforto, mas que na verdade me aprisionou ainda mais: a maconha. Até então, nunca tinha experimentado nada parecido. Nunca fui de beber, nunca usei drogas, mas entre amizades erradas e o ambiente universitário, acabei me deixando levar. No começo, era só curiosidade, um jeito de tentar aliviar o peso que eu carregava por dentro. As conversas eram sempre as mesmas — “é leve”, “não faz mal”, “todo mundo usa” — e, aos poucos, aquilo começou a

soar convincente. Era como se o mundo inteiro dissesse que eu tinha direito de relaxar, de esquecer por um tempo tudo o que havia perdido. E, por um breve momento, realmente parecia funcionar.

O início foi sutil. A sensação de relaxamento, o esquecimento momentâneo das dores e da raiva funcionavam como uma espécie de anestesia. Mas logo percebi que esse refúgio se transformava em vício. O que começou como um hábito esporádico foi, pouco a pouco, se tornando rotina. Um cigarro à noite, depois outro pela manhã, e, quando percebi, aquilo já fazia parte dos meus dias. Eu me dizia que podia parar quando quisesse, que ainda tinha controle, mas era mentira. A maconha se tornou um tipo de companhia silenciosa, uma presença que me afastava do que realmente importava.

Aos 18 para 19 anos, quando iniciei a faculdade, comecei a fumar com frequência. Aos poucos, aquilo foi tomando espaço na minha rotina. Não era apenas um hábito passageiro: era uma prisão silenciosa, que me acompanharia por muitos anos. Hoje reconheço o quanto me prejudicou, o quanto me fez perder oportunidades e o quanto me afastou de quem eu poderia ter sido naquele período.

A droga me dava a falsa sensação de estar no controle, mas, por dentro, eu estava me perdendo. Comecei a faltar em aulas, me desligar das conversas com a família, me afastar de pessoas que me queriam bem. O que antes era amor pela vida foi sendo substituído por uma apatia que me consumia sem que eu percebesse. A alegria genuína que o futebol me dava parecia ter sido trocada por um vazio disfarçado de tranquilidade. Minha mãe percebeu. Ela sempre foi atenta, e quando descobriu que eu estava me envolvendo com a maconha e com festas, seu maior medo foi me perder. Temia que, pela frustração que eu vivia, eu acabasse indo além, me afundando em algo mais pesado. Foi nesse contexto que ela tomou uma decisão difícil: me mandar para fora do país, numa tentativa de me afastar das más influências e me dar um novo começo. Lembro-me da expressão dela no dia em que conversamos sobre isso. Havia tristeza nos olhos, mas também amor. Não era uma punição, era um pedido silencioso para que eu me encontrasse novamente. Ela acreditava que mudar de ambiente poderia me ajudar a recomeçar, a reconstruir o que o vício e a frustração estavam destruindo. E, mesmo sem entender completamente na época, hoje sei que aquele foi um dos gestos mais corajosos e amorosos que uma mãe poderia ter.

A ideia inicial dela era que eu fosse para Ohio, mas não aceitei. O frio, a distância, o isolamento, nada disso me atraía. Eu queria ir para um lugar onde pudesse recomeçar, mas

também viver, me divertir, experimentar algo novo. Foi assim que escolhi a Califórnia. O plano inicial era passar apenas três meses. Uma espécie de pausa, um respiro. A Califórnia me parecia um sonho: sol, praia, liberdade. Eu imaginava que, entre ondas e novas experiências, poderia reencontrar o garoto leve que o futebol havia deixado para trás. O que eu não sabia é que a jornada que começava ali seria muito mais profunda do que eu podia imaginar.

Mas a vida, mais uma vez, tinha outros planos. O que era para ser uma temporada curta se transformou em quase quatro anos. Os primeiros meses foram de adaptação. Tive que aprender a viver sozinho, lidar com a saudade, com o idioma, com as diferenças culturais. Aprendi a cozinhar, a pagar contas, a me virar em um país onde ninguém sabia meu nome. Ao mesmo tempo, aquele novo cenário me trazia um sentimento de liberdade. Eu podia ser quem quisesse, recomeçar sem rótulos, sem o peso das expectativas. Era um recomeço silencioso, cheio de dúvidas, mas também de possibilidades.

Essa decisão marcou um divisor de águas na minha vida. A frustração ainda me acompanhava, e o vício também, mas ao mesmo tempo eu ganhava um novo tipo de responsabilidade: morar sozinho, cuidar da minha casa, do meu carro, do meu trabalho. Era como se, em meio ao turbilhão, eu estivesse sendo forçado a amadurecer. A Califórnia me ensinou lições que nenhum campo de futebol havia ensinado. Aprendi que a solidão pode ser professora, que o silêncio pode curar e que recomeçar dói, mas é necessário. Mesmo nos dias em que a saudade apertava e a tentação de voltar às velhas fugas aparecia, havia em mim uma nova consciência. Eu estava tentando, pela primeira vez em muito tempo, retomar o controle da minha vida.

Olho para trás e vejo o quanto essa fase me marcou. Foi dura, foi confusa, mas também foi ela que me lançou para uma experiência que mudaria minha visão de mundo. A ida para a Califórnia não apagou minhas feridas, no entanto, abriu portas que eu jamais teria conhecido se tivesse ficado parado no Brasil. Foi lá que entendi que, às vezes, Deus nos empurra para longe não para nos punir, mas para nos curar. O que parecia uma fuga se tornou um caminho de transformação. Cada dia longe da minha zona de conforto me obrigava a olhar para dentro, a confrontar minhas fraquezas, a descobrir o homem que eu estava me tornando.

O próximo capítulo da minha vida começaria ali, do outro lado do continente, em um lugar que me acolheria com novos desafios, novas descobertas e, ao mesmo tempo,

novos conflitos. A Califórnia seria o cenário de um recomeço inesperado. Eu não sabia ainda, mas aquele seria o início de uma das fases mais intensas e transformadoras da minha jornada. Um período de erros, acertos e reencontros — comigo mesmo, com meus propósitos e, mais tarde, com a fé que eu havia deixado adormecida dentro de mim.

CAPÍTULO 3

A CALIFÓRNIA

Um novo começo

Eu estava disposto a dar um novo rumo para a minha vida, então, cruzei fronteiras e, em 2005, ano em que cheguei à Califórnia, inicialmente apenas para estudar inglês, vivenciei uma nova visão. Ao pisar naquela terra foi como abrir os olhos para um mundo completamente novo. Eu deixava para trás o Brasil com a mala cheia de dúvidas e uma certeza frágil: precisava recomeçar. O plano era ficar apenas três meses, um respiro depois da frustração com a lesão, da decepção com a faculdade e da sensação de vazio que me perseguia. Mas, no fundo, havia algo dentro de mim que já sabia: dificilmente seriam apenas três meses.

O avião pousou na ensolarada San Diego no fim de tarde. Lembro-me das janelas do aeroporto refletindo o pôr do sol, como se a cidade me recebesse em tons de dourado e laranja. Tudo parecia vibrar em outro ritmo: as vozes aceleradas em inglês, os anúncios que eu não compreendia, o movimento incessante das pessoas com malas na mão. E eu ali, parado, com o coração acelerado, tentando entender como me encaixava naquele cenário.

O combinado era simples: um amigo que já morava em San Diego iria me buscar, porém, de última hora, ele precisou viajar ao Brasil e não pôde estar lá. Mandou outro conhecido no lugar, um rapaz mexicano que mal falava inglês e tampouco português. Ele apenas me reconheceu pela descrição, fez um sinal rápido e me conduziu até o carro. Nenhuma palavra foi trocada no caminho. Apenas silêncio, faróis cortando as avenidas largas e minha mente repetindo: “O que eu estou fazendo aqui?” Quando chegamos ao hotel, ele apenas apontou para a entrada, acenou com a cabeça e foi embora. Eu, com meu inglês inexistente, tive de me virar com a recepcionista. Mostrei os papéis da reserva, falei meu nome do jeito mais simples possível e recebi a chave do quarto. Subi em silêncio, guiado pelas placas e pelo instinto.

Entrei no quarto sem acender a luz. Larguei a mochila no chão, sentei-me na cama e deixei as lágrimas caírem. Chorei por uns trinta, quarenta minutos. Não era apenas saudade da família, era um choro de medo, de solidão, de quem se viu completamente perdido em

um lugar desconhecido. Eu me perguntava se tinha feito a escolha certa, se não teria sido melhor ficar no Brasil, mesmo frustrado, mas cercado pelo ambiente familiar. Era como se todo o peso das decisões, dos erros e das expectativas viesse à tona de uma só vez. O silêncio do quarto parecia gritar. As paredes brancas refletiam aquela sensação de vazio que, até então, eu tentava esconder atrás de uma aparência de coragem. Pela primeira vez, percebi o que era realmente estar só: sem língua, sem voz, sem ninguém para traduzir o que o coração queria dizer.

Depois do choro, veio uma decisão silenciosa: eu não podia me deixar vencer. Peguei o dicionário de bolso que trazia comigo, meu único “companheiro de idioma”, coloquei no bolso da calça e decidi sair. Marquei bem os arredores: a fachada do hotel, as placas, o desenho das ruas. Dei a primeira volta no quarteirão, só para reconhecer o caminho. Depois arrisquei uma segunda, ampliando um pouco o círculo. Na terceira, fui ainda mais longe. Era como se, a cada volta, eu expandisse também a minha coragem. O ar frio da tarde californiana cortava o rosto, e cada passo soava como uma pequena vitória. Eu observava as pessoas conversando nos cafés, as vitrines coloridas, os ônibus passando em horários precisos, tudo parecia funcionar como uma engrenagem perfeita, e eu, com meu inglês quebrado, me sentia uma peça fora do lugar, tentando entender o mecanismo.

Foi nessas voltas que encontrei um supermercado chamado Vons. Entrei tímido, observando as pessoas, tentando decifrar gestos. Comprei o que parecia mais fácil de preparar: miojo, salsichas, refrigerante. Passei no caixa apenas apontando, sem dizer uma palavra além de “*thank you*”. Voltei para o hotel, cozinhei a comida no micro-ondas e, pela primeira vez naquele dia, senti que havia vencido uma batalha, ainda que pequena. Fui dormir, pois estava muito cansado, mesmo sendo cedo ainda, acredito que umas seis ou sete horas da noite, resolvi dormir, já que na televisão tudo que estava passando era em inglês e eu não entendia nada, então peguei no sono. Isso foi de um sábado para domingo. Naquela noite, antes de adormecer, fiquei olhando para o teto escuro do quarto. Pensava em tudo o que tinha abandonado, os amigos, o cheiro do café da minha mãe, o barulho da fábrica do meu pai, o campo do Madureira. Tudo parecia tão distante, como se pertencesse a outra vida. Eu me perguntava se um dia voltaria a sentir aquele mesmo pertencimento, mas, ao mesmo tempo, algo dentro de mim sussurrava que era exatamente ali, naquele quarto estranho, que começava o capítulo mais importante da minha história.

No dia seguinte, acordei cedo e repeti o ritual: sair para explorar. Passei em frente ao estádio do San Diego Padres, me sentei um pouco para observar o movimento, tentando absorver a paisagem. Entrei em um McDonald's para comer. Quando perguntei pelo lanche, só consegui apontar o número no cardápio e dizer "*number three*". Não entendi quando chamaram meu pedido e fiquei parado, até perceber que a sacola esquecida no balcão era a minha. Peguei e fui embora rindo de mim mesmo, mas também um pouco orgulhoso de ter conseguido sobreviver mais um dia. Esses pequenos episódios, que pareciam banais, foram os que me ensinaram o verdadeiro significado de coragem. Não era sobre fazer grandes feitos, mas sobre resistir ao medo diário, sobre enfrentar o desconhecido um passo de cada vez.

Então aconteceu algo que mudou meu rumo. No elevador do hotel, ouvi alguém atender o telefone dizendo "alô". Uma palavra simples, mas que, para mim, soou como música. Olhei para o rapaz e perguntei: "Você é brasileiro?" Ele confirmou, e eu, sem vergonha alguma, desabei a falar. Contei que tinha chegado sozinho, que não falava inglês, que estava perdido. Ele me recebeu com paciência, me levou até o quarto dele, conversamos por horas. No dia seguinte, ele me mostrou o caminho da escola de inglês onde eu começaria as aulas. Aquele encontro foi como um respiro. Não era apenas o alívio de encontrar alguém que falava a mesma língua, mas a sensação de que Deus tinha me enviado uma mão amiga no momento exato. Pela primeira vez desde que chegara, senti que não estava completamente sozinho no mundo.

Naquela segunda-feira, entrei na sala de aula e encontrei outros brasileiros, além de estrangeiros de diferentes partes do mundo. Foi como respirar depois de ter ficado debaixo d'água. Eu não estava mais sozinho. A vida na Califórnia ainda seria desafiadora, mas naquele instante percebi que havia, sim, um caminho possível. As aulas eram uma mistura de sotaques, risadas e confusões linguísticas. Cada nova palavra aprendida era uma pequena conquista, um pedaço de pertencimento que eu reconstruía com esforço. Aos poucos, comecei a entender que aprender inglês não era apenas sobre gramática ou pronúncia, era sobre me reconectar com o mundo, sobre poder expressar quem eu era em outra língua.

Hoje, ao olhar para tudo isso, vejo que aqueles primeiros dias foram um retrato da vida em miniatura. Primeiro o choque, o medo, a dor. Depois, a coragem de dar pequenos passos, a descoberta de que é possível aprender aos poucos, e, por fim, o encontro com pessoas que nos ajudam a seguir. A Califórnia me recebeu assim: dura, exigente, mas cheia

de oportunidades escondidas atrás das dificuldades. Se eu tivesse desistido nos primeiros dias, jamais teria conhecido a versão mais forte de mim mesmo. Foi ali, no limite entre o medo e a coragem, que eu comecei a entender que os maiores recomeços nascem do desconforto. Cada lágrima derramada naquele quarto de hotel, cada caminhada pelas ruas desconhecidas de San Diego, cada palavra pronunciada com esforço foram sementes do homem que eu me tornaria. E, mesmo sem saber, naquele momento, eu já estava começando a vencer.

A vida sozinho

Depois do impacto dos primeiros dias em San Diego, quando tudo parecia um grande teste de sobrevivência, comecei a compreender o que realmente significava viver sozinho. Não era apenas estar distante da minha família ou em um país de língua estranha. Era carregar nas costas a responsabilidade integral da minha vida. No Brasil, por mais que eu já tivesse um ritmo puxado com o futebol, havia sempre alguém para me apoiar: minha mãe organizando a rotina, meu pai cuidando do trabalho, minha irmã dividindo comigo a presença em casa. Na Califórnia, não. Ali, cada prato que eu lavava, cada refeição que eu improvisava, cada conta que eu precisava pagar era um lembrete claro de que não havia mais ninguém para me socorrer.

As primeiras semanas foram marcadas por uma mistura de medo e orgulho. Medo porque, a cada passo, eu me via em situações para as quais não estava preparado. Orgulho porque, ao superá-las, percebia que estava aprendendo algo novo sobre mim mesmo. Lembro-me de encarar a máquina de lavar roupas como se fosse um mistério indecifrável. Girava botões, apertava botões errados, até que, finalmente, vi as roupas limpas e secas, e me senti um vencedor. Na cozinha, o cardápio era simples: miojo, arroz básico, ovos mexidos. Mas o sabor dessas refeições tinha algo especial, pois era a prova de que eu estava me virando sozinho. A solidão, que antes me assustava, começou a se transformar em uma espécie de professora silenciosa. Ela me forçava a amadurecer, a lidar com o tempo, com a fome, com o cansaço e, acima de tudo, com as consequências das minhas escolhas. Não havia mais ninguém para culpar, e essa constatação, embora dura, me fortalecia dia após dia.

Ainda assim, a solidão pesava. O silêncio do quarto de hotel nos primeiros dias parecia se repetir em vários momentos da minha nova rotina. Foi a escola de inglês que começou a mudar esse cenário. Lá, encontrei pessoas que, como eu, carregavam a coragem

e o medo de recomeçar em outro país. Brasileiros, latinos, europeus, asiáticos, todos tentando se adaptar, todos tropeçando no idioma, todos buscando um lugar de pertencimento. Essa diversidade criou entre nós uma espécie de comunidade improvisada. Ríamos dos nossos erros, compartilhávamos refeições simples, celebrávamos cada palavra nova que aprendíamos. Essas amizades improváveis me mostraram o quanto o ser humano é capaz de se reinventar quando está longe de casa. Cada sotaque carregava uma história, cada riso escondia um desafio, e, no meio daquela mistura cultural, eu fui reencontrando partes de mim que nem sabia que existiam. Era como se o mundo tivesse se tornado uma grande escola e eu, mais uma vez, o aluno que precisava aprender do zero.

Contudo havia algo dentro de mim que me acompanhava desde o Brasil: o uso da maconha. Começara ainda na faculdade, como uma espécie de fuga das frustrações. No início, parecia inofensivo, quase uma brincadeira. Com o tempo, se tornou um refúgio perigoso. Como mencionei anteriormente, minha mãe, percebendo meu envolvimento, temeu que eu me perdesse de vez e decidiu me mandar para fora. A esperança dela era de que, em outro ambiente, eu pudesse encontrar um caminho diferente. A realidade, no entanto, foi outra.

Na Califórnia, onde o uso recreativo da maconha era legalizado, o vício encontrou terreno fértil para crescer. Eu não precisava mais esconder nada de ninguém. Podia fumar sem medo de julgamentos, sem olhar por cima do ombro. Isso, em vez de me libertar, me prendeu ainda mais. A droga oferecia um relaxamento momentâneo, uma espécie de esquecimento temporário das angústias. Mas, ao mesmo tempo, me amarrava, me fazia perder oportunidades, me roubava energia. Hoje, olhando para trás, vejo com clareza o quanto isso me prejudicou. Quantos trabalhos deixei de abraçar, quantos relacionamentos deixei de aprofundar, quantas chances simplesmente passaram por mim porque eu estava preso naquele ciclo. Era como carregar uma âncora invisível: por fora, eu parecia livre, surfando, estudando, trabalhando, mas por dentro, algo me mantinha preso ao fundo. Eu justificava o hábito dizendo que me ajudava a relaxar, quando, na verdade, me afastava de mim mesmo. A maconha era meu refúgio e minha prisão.

Mesmo assim, havia uma contradição interessante: enquanto o vício crescia, minha vida prática exigia responsabilidade. Eu cuidava da casa, pagava as contas, trabalhava. Não me deixava cair no abandono. A droga era um fardo, mas também convivía com o senso de disciplina que, de algum modo, consegui manter. Essa dualidade marcou profundamente

meu tempo na Califórnia. De dia, eu era o rapaz responsável, pontual, que buscava crescer. À noite, era o jovem que buscava se anestesiá-lo, que precisava desligar o peso das cobranças e das incertezas. Era uma guerra silenciosa, travada dentro de mim, e muitas vezes, eu mesmo não sabia qual lado estava vencendo.

Foi também nesse período que comecei a me abrir para as descobertas culturais. Com os colegas da escola, vieram os primeiros convites para festas. Como nos Estados Unidos a idade mínima para baladas era 21 anos, muitos atravessavam a fronteira para Tijuana, no México. Eu fui com eles. As noites em Tijuana eram intensas, cheias de música, luzes, gente de todos os estilos. Para um jovem de 18, 19 anos, que carregava dentro de si tantas frustrações, aquilo parecia uma válvula de escape irresistível. E eu me entreguei. O som alto das discotecas, as risadas misturadas de idiomas diferentes, as ruas iluminadas por letreiros coloridos, tudo isso formava um cenário que me fazia esquecer por algumas horas quem eu era e de onde tinha vindo. Mas, quando o sol nascia e a euforia passava, o silêncio voltava a me visitar. Era nessa hora que eu percebia o vazio que as luzes não conseguiam preencher.

Ao mesmo tempo, comecei a explorar San Diego. No início, morava em *downtown*, centro da cidade, longe da praia, porém meu coração sempre esteve voltado para o mar. Foi por meio das amizades que construí com o Alessandro Salvatore e o Eduardo Felipe, que esse sonho se tornou possível. Juntos, começamos a procurar uma casa em Pacific Beach. Quando finalmente encontramos e nos mudamos, senti que um novo capítulo começava.

Morar em Pacific Beach era como viver em um paraíso improvisado. Duas quadras me separavam da praia. Eu ia de skate até o mar, surfava sempre que podia, caminhava pela areia no fim da tarde. O som das ondas se tornou parte da minha rotina. Era como se, entre uma aula e outra, entre um trabalho e outro, eu encontrasse no oceano a paz que tanto precisava. O mar tinha esse poder de me colocar no eixo. Bastava entrar na água para sentir que os pensamentos se organizavam, que o medo diminuía e que a vida voltava a fazer sentido. Eu olhava o horizonte e lembrava que, apesar de tudo, havia algo maior me esperando. O oceano era minha terapia silenciosa.

Nesse cenário, minha irmã também decidiu se juntar a mim. Ela estava em Washington, trabalhando como *au pair*, mas não se adaptou bem à família que a hospedava e resolveu tentar a vida ao meu lado. No início, moramos juntos, no entanto, nossas rotinas eram muito diferentes. Eu estava mergulhado nas festas, no vai e vem de amigos, na intensidade da vida noturna. Ela, por outro lado, buscava estabilidade, tranquilidade. O

choque foi inevitável. Até que, depois de uma festa barulhenta, recebemos a notificação de despejo — o famoso “*30-day notice*”. Ela ficou magoada. Sentiu que não podia confiar em mim para oferecer a segurança que esperava. Decidiu, então, morar com amigas. Foi difícil vê-la partir. Eu queria tê-la por perto, mas, ao mesmo tempo, não conseguia renunciar ao estilo de vida que eu estava levando. Foi uma das primeiras lições duras sobre como nossas escolhas afetam não apenas a nós mesmos, mas também aqueles que amamos. Aquela separação me doeu mais do que eu deixei transparecer. Ver minha irmã indo embora por causa das minhas decisões foi um golpe silencioso. Pela primeira vez, percebi que liberdade sem responsabilidade pode ferir quem está perto. Foi um daqueles aprendizados que a vida não ensina com palavras, mas com consequências.

Entre erros e acertos, fui construindo minha história na Califórnia. O vício em maconha me puxava para baixo, as festas, muitas vezes me afastavam de responsabilidades. Por outro lado, eu também aprendia a me virar, a cuidar de mim, a assumir compromissos. Era como se eu vivesse em duas direções opostas: de um lado, a imaturidade de um jovem perdido; de outro, a maturidade forçada de alguém que precisava sobreviver sozinho.

Hoje consigo ver que essa fase foi uma mistura de dor e crescimento. Foi nela que entendi que independência não é apenas fazer o que se quer, mas arcar com as consequências disso e que liberdade pode ser tanto uma bênção quanto uma prisão, dependendo de como a usamos, e mesmo quando parece que estamos nos perdendo, a vida sempre encontra formas de nos ensinar algo valioso. A Califórnia me ensinou que amadurecer é um processo cheio de contrastes, e que, às vezes, o caminho certo passa por estradas erradas. Aprendi a valorizar a simplicidade de estar vivo, de ter saúde, de poder recomeçar. E, mesmo com todos os tropeços, foi ali, entre o barulho das festas e o silêncio do mar, que eu comecei, aos poucos, a reencontrar o caminho de volta para mim mesmo.

Primeiros trabalhos

Na Califórnia, além dos estudos e das amizades, precisei encarar uma realidade inescapável: era hora de trabalhar. Não havia mais a estrutura da casa dos meus pais, nem o conforto de alguém garantindo que as contas estariam pagas no fim do mês. Eu precisava do meu próprio dinheiro para viver, e isso significava aceitar qualquer oportunidade que aparecesse, por mais simples ou dura que fosse.

Meu primeiro emprego foi como *dishwasher*, lavador de pratos em um restaurante. Lembro da sensação ao entrar na cozinha pela primeira vez: um ambiente quente, barulhento, cheio de pressa. Pilhas de pratos sujos se acumulavam, panelas pesadas iam e vinham, ordens eram gritadas em inglês, um inglês que eu mal entendia. No início, era como estar em uma batalha diária contra o tempo. Minhas mãos ficavam vermelhas de tanto esfregar, minha roupa encharcada pelo vapor e pela água que respingava o tempo todo. Era um trabalho duro, mas, de certa forma, também transformador. Ali, percebi que, mesmo sem dominar o idioma, eu podia me virar. O esforço físico, o suor, a disciplina de estar no horário e dar conta da função me ensinaram mais do que eu poderia imaginar. No fim de cada turno, ao sair exausto da cozinha, eu sentia que estava conquistando algo: não apenas dinheiro, mas também confiança em mim mesmo. Havia algo de silenciosamente nobre naquele trabalho. Enquanto muitos o viam como algo simples ou sem importância, para mim, era uma oportunidade de provar que eu podia começar do zero. Lavar pratos não era uma queda, era um recomeço. Cada pilha de louça limpa era como uma página virada da minha própria história, uma lembrança de que o valor do trabalho não está no cargo, mas na entrega.

Com o tempo, consegui um emprego diferente, que se tornaria parte importante da minha vida na Califórnia: *delivery* de pizzas. De bicicleta no início e, depois, de carro, eu cruzava as ruas de San Diego levando caixas quentes que espalhavam aroma de queijo e massa recém-saída do forno. Esse trabalho me deu muito mais contato com as pessoas. Era uma forma de me obrigar a tentar falar inglês, ainda que no começo fosse só para dizer o preço ou agradecer a gorjeta. Aos poucos, as palavras começaram a fluir com mais naturalidade.

A cidade, vista da janela do carro, ganhou outro significado. As colinas, as casas bem cuidadas, os letreiros luminosos, o trânsito organizado, tudo fazia parte de uma nova rotina que eu estava aprendendo a decifrar. Entre uma entrega e outra, eu me pegava pensando em como a vida podia ser curiosa: há poucos anos, eu corria em campos de futebol sonhando com contratos, e agora dirigia com uma pilha de caixas no banco do passageiro e de algum modo, sentia que tudo isso fazia sentido. Cada rota, cada cliente, cada palavra ensaiada em inglês era um pequeno passo no processo de reconstruir minha identidade.

O *delivery* também me mostrou um lado curioso da cidade. Conheci bairros ricos, com mansões que pareciam cenários de filmes, e bairros mais simples, onde as pessoas me recebiam com sorriso aberto e gratidão genuína. Cada entrega era uma história. Às vezes,

ganhava gorjetas generosas; outras, saía de mãos abanando, porém em todas elas, aprendia algo novo sobre aquele país que agora chamava de lar. Comecei a perceber que o trabalho, mesmo o mais simples, era uma ponte entre mundos. De um lado, estava eu, o imigrante tentando se adaptar; do outro, famílias americanas com suas rotinas, seus cheiros, seus modos de falar. Aos poucos, fui entendendo a cultura de dentro para fora, não pelos livros, mas pelas portas que se abriam toda vez que alguém dizia “*thank you*” com um sorriso sincero.

Enquanto trabalhava no *delivery*, meu círculo de amizades se expandia. Eu convivia cada vez mais com americanos, não apenas brasileiros ou latinos. Isso me forçou a praticar o idioma e mergulhar na cultura. Com esse convívio, meu inglês deixou de ser apenas uma sequência de palavras decoradas e passou a se tornar uma língua viva, que eu conseguia usar para me expressar. Foi nesse período que decidi prestar o TOEFL, o exame que mede a proficiência no inglês. Passei e consegui até uma bolsa de 25% para estudar em um *college*, o *Grossmont College*, onde joguei futebol por dois anos. Esse momento foi uma virada interna. Quando recebi o e-mail com o resultado do TOEFL, fiquei em silêncio por um bom tempo, olhando para a tela. Lembrei do garoto que, meses antes, mal sabia pedir um lanche no McDonald’s. Aquele resultado não representava apenas uma nota, era um símbolo da minha superação. Uma nova porta se abriu dentro de mim, e eu finalmente pude respirar com mais liberdade.

Estudar e jogar novamente, mesmo que em outro nível, me trouxe uma sensação de resgate. Eu nunca recuperei o brilho da carreira interrompida no Brasil, mas dentro do campo voltei a sentir aquele frio na barriga bom, aquele prazer de estar em movimento, de fazer parte de um time. Foi como se o futebol me devolvesse um pedaço de mim mesmo, mesmo em meio a tantas mudanças. Os treinos, as viagens curtas, os jogos de final de semana me reconectavam com algo essencial. Eu me lembrava das tardes no Madureira, do cheiro da grama molhada, da sensação da chuteira batendo na bola. O campo, mesmo em outro continente, ainda era um lugar onde eu me sentia em casa.

Ao mesmo tempo, continuei trabalhando em restaurantes. Foi em um deles, o *Bella Roma Restaurant*, que vivi uma das experiências mais marcantes da minha vida profissional até então. Comecei, como de costume, ajudando em tarefas básicas: atender o balcão, receber pedidos, fazer entregas. Mas a dona do restaurante, uma mulher exigente e ao mesmo tempo generosa, percebeu algo em mim. Ela via que eu era rápido, dedicado e, acima de tudo, confiável. Pouco a pouco, ela me deu mais responsabilidades. Passei a abrir a loja, preparar

a massa da pizza, organizar a cozinha antes da chegada da equipe. Com o tempo, me tornei gerente. Abria o restaurante de manhã, cuidava de cada detalhe, atendia clientes, fechava a loja de madrugada. Era uma rotina intensa, que consumia minhas energias, mas que também me dava um orgulho imenso.

Ser gerente foi uma conquista que, à primeira vista, parecia pequena para os outros, mas para mim tinha um valor imensurável. Eu, que cheguei sem falar inglês, agora era responsável por uma equipe multicultural, liderando pessoas, resolvendo conflitos, tomando decisões. Às vezes, olhava em volta, o barulho dos pratos, o cheiro de massa assando, as conversas misturadas e pensava: “Eu consegui”. Aquilo era mais do que um emprego. Era o resultado concreto de anos de persistência.

No Bella Roma, aprendi o valor da confiança. A dona me entregava as chaves, me deixava responsável pelo caixa, pelas compras, pela rotina da equipe. Eu, que havia chegado sozinho e inseguro, agora era visto como alguém capaz de liderar, de manter um negócio funcionando. Essa confiança me marcou profundamente. Foi como se, pela primeira vez, eu tivesse prova concreta de que podia ser útil em qualquer lugar do mundo, mesmo longe da minha terra natal. Ainda assim, havia uma contradição constante dentro de mim. Durante o dia, eu era o trabalhador responsável, que cumpria horários, que assumia funções de liderança.

Durante a noite, muitas vezes me perdia em festas, excessos e no vício que carregava desde o Brasil. Essa dualidade me acompanhou por muito tempo: de um lado, a disciplina; do outro, a fuga. Era como se eu vivesse em dois mundos paralelos, tentando equilibrar as contas da vida adulta sem deixar de lado a imaturidade que insistia em permanecer. Houve dias em que saí do restaurante de madrugada, exausto, e ainda assim aceitei convites para festas que duravam até o amanhecer. Eu queria viver tudo, experimentar tudo, como se tivesse medo de perder tempo. Só anos depois percebi que, naquele excesso de movimento, havia também um grito por equilíbrio. O trabalho me ensinava constância, as festas me mostravam o vazio. E entre esses dois extremos, eu fui aprendendo a encontrar o meio-termo da maturidade.

Apesar disso, foram justamente esses trabalhos que moldaram grande parte do meu caráter. Ser *dishwasher* me ensinou humildade; ser *delivery* me deu resiliência e coragem; ser gerente me mostrou que eu podia ir além do que imaginava. Cada função foi uma peça no quebra-cabeça da minha formação, uma preparação silenciosa para desafios maiores que

ainda viriam. Eu vejo que a Califórnia foi uma espécie de escola prática da vida. Nenhum diploma, nenhuma aula teórica poderia ter me ensinado o que aprendi entre panelas, pizzas e pessoas. Aprendi que dignidade não está no cargo, mas no esforço. Que liderar é servir. E que o sucesso verdadeiro começa quando você decide não desistir. Percebo que esses primeiros trabalhos na Califórnia foram mais do que formas de ganhar dinheiro. Eles foram parte essencial do meu processo de crescimento. Foi ali, entre pratos sujos, pizzas entregues e longas madrugadas de trabalho, que aprendi a importância do esforço diário, da disciplina e da confiança. E, mesmo carregando erros e vícios, foi no trabalho que encontrei um caminho de dignidade, um ponto de equilíbrio em meio ao caos da juventude.

O trabalho foi o primeiro alicerce da nova vida que eu estava construindo. Ele me deu propósito quando o resto parecia confuso, me deu rotina quando tudo era instável e me ensinou que, mesmo nas tarefas mais simples, há grandeza quando se faz com o coração.

Crescimento e responsabilidades

Se os primeiros trabalhos me ensinaram humildade e disciplina, foi na soma de tudo que vivi na Califórnia que percebi que estava crescendo, mesmo que, muitas vezes, à força. A vida estando sozinho me colocava constantemente diante de escolhas que eu não podia adiar. Eu era, ao mesmo tempo, o jovem que queria aproveitar festas até o amanhecer e o homem que precisava acordar cedo para abrir o restaurante. Essa contradição era desgastante, mas também formadora. Era como viver entre dois mundos que se chocavam dentro de mim: o da liberdade sem limites e o da responsabilidade que me chamava para amadurecer. Cada manhã cansada depois de uma noite longa era uma lembrança de que eu precisava encontrar um equilíbrio.

Quando passei no TOEFL e consegui ingressar no *college*, senti uma vitória pessoal que não consigo medir apenas em notas. Para quem, meses antes, mal sabia pedir um lanche em inglês, como já mencionei, ser aceito para estudar e ainda conquistar uma bolsa de 25% foi como provar a mim mesmo que era capaz. No *Grossmont College*, joguei futebol reencontrei algo que pensei ter perdido para sempre: o prazer de competir. Não era mais o mesmo sonho de se tornar profissional, mas era a lembrança de que ainda havia em mim aquela chama, aquele frio na barriga bom que o esporte sempre me trouxe. As manhãs de treino traziam de volta um sentimento de propósito. Eu me levantava antes do sol nascer, colocava os tênis e sentia novamente o cheiro do gramado úmido. Cada toque na bola era uma conversa

silenciosa com meu passado, uma forma de agradecer por ter saúde, força e vontade, pois naquela estação que eu estava vivendo, jogar futebol novamente, estava sendo um remédio para a alma, já que esse esporte um dia foi minha maior alegria.

O maior aprendizado da Califórnia, no entanto, não veio do trabalho nem da escola. Veio da vida prática. Cuidar da casa, pagar as próprias contas, lidar com a solidão, enfrentar o medo, se levantar depois das quedas. Foi nesse período que entendi que independência não é fazer o que se quer, mas assumir as consequências de cada escolha. E que liberdade pode ser tanto uma bênção quanto uma prisão, dependendo da forma como a usamos. A liberdade, quando mal administrada, cobra caro. E eu aprendi isso com o tempo. Descobri que ser livre não é fazer tudo, mas saber o que não fazer. É dizer não quando tudo em volta diz sim. É entender que amadurecimento não chega de repente, ele se constrói nos detalhes, nas pequenas decisões diárias que, somadas, moldam quem nos tornamos.

Quando penso na Califórnia, penso em contrastes. Dias de sol na praia e noites difíceis de solidão. Orgulho pelas conquistas e vergonha pelos erros. Responsabilidade e fuga e acima de tudo, penso em crescimento. Aquele jovem que chegou perdido e inseguro, aos poucos, foi se tornando alguém capaz de se sustentar, de liderar, de acreditar em si mesmo. Cada manhã em Pacific Beach, com o som das ondas ao fundo, era uma lembrança de que a vida podia ser bela mesmo em meio ao caos. Eu aprendi a encontrar paz em pequenos gestos, como tomar café sozinho antes do trabalho ou caminhar pela areia observando o pôr do sol. A Califórnia, com toda sua beleza e desafios, se tornou uma escola viva, um lugar que me ensinou a cair e levantar, a errar e perdoar, a perder e seguir.

Entre erros e acertos, festas e responsabilidades, a Califórnia não foi apenas um lugar de passagem, mas um capítulo essencial da minha vida, mais do que um destino no mapa, foi mais uma etapa de toda a construção de quem eu me tornei. Ali me vi pequeno diante das dificuldades, mas também grande diante das conquistas. Aprendi a sobreviver longe das raízes, a enfrentar a solidão, a carregar o peso de minhas próprias escolhas. Errei, tropecei, me deixei levar por caminhos fáceis, mas também descobri dentro de mim uma força que não imaginava existir. O tempo me mostrou que amadurecimento é, na verdade, um diálogo entre o passado e o presente. Eu deixei de ser o garoto que buscava reconhecimento e passei a ser o homem que buscava propósito. E, de alguma forma, cada momento vivido ali, até os mais difíceis, foi necessário para me conduzir a esse entendimento.

Cada noite mal dormida, cada prato lavado, cada entrega feita, cada palavra aprendida em inglês foram fragmentos de um processo silencioso: o de me tornar adulto. E se em muitos momentos pensei em desistir, em outros tantos percebi que era justamente naquela terra distante que eu estava sendo moldado. As dificuldades foram o fogo, o trabalho foi o martelo e a fé, ainda silenciosa, começou a se reacender como a chama que resistia mesmo quando o vento batia forte. Eu não sabia ainda, mas aquele processo de amadurecimento seria a base de tudo o que viria depois, inclusive da minha transformação espiritual.

A Califórnia me mostrou que a vida não é feita apenas de vitórias ou derrotas, mas de lições. Que a liberdade pode ser perigosa, mas também transformadora. E que, mesmo longe de casa, é possível se reinventar. Ali eu descobri que crescer não é deixar o passado para trás, mas aprender a olhar para ele com gratidão. Que errar não é o fim, e sim o início de uma nova compreensão e que o verdadeiro sucesso é permanecer de pé, mesmo quando tudo parece instável.

Ao deixar esse capítulo da minha vida, levo comigo a certeza de que aquele jovem que desembarcou em San Diego, inseguro e com lágrimas nos olhos, já não era o mesmo que partia. Eu havia crescido, e, ainda que nem tudo estivesse resolvido, eu sabia que estava pronto para o próximo passo da jornada.

A Califórnia ficou para trás como um retrato antigo, cheio de marcas e também de conquistas. E, no fundo, eu sabia: aquele garoto que chorou no hotel não desapareceu, ele apenas se transformou em um homem que aprendeu a seguir em frente, com fé, coragem e propósito.

Ainda na Califórnia...

O tempo na Califórnia começava a se dilatar de um modo curioso. As semanas deixavam de ser contadas pelos compromissos e passavam a ser medidas pelos silêncios que se acumulavam entre um turno de trabalho e outro. Às vezes, eu saía do restaurante tarde da noite, o corpo exausto, e caminhava até a praia apenas para ouvir o mar. A areia fria sob os pés e o vento úmido no rosto traziam uma espécie de consolo que eu não sabia explicar. Era como se o oceano me reconhecesse, como se entendesse, melhor do que ninguém, aquele vazio que crescia dentro de mim.

Durante o dia, tudo era movimento: clientes, pedidos, tarefas, responsabilidades. À noite, o mundo se recolhia e eu me via frente a frente comigo mesmo. Havia um tipo de solidão que não se resolvia com companhia nem com barulho. Era o silêncio da alma pedindo respostas. As festas já não tinham o mesmo encanto, as conversas soavam repetidas, e até o riso começava a ter gosto de cansaço. O que antes era fuga agora parecia uma prisão disfarçada de liberdade. Comecei a perceber pequenas transformações. Elas não vinham com anúncios grandiosos, mas em gestos sutis. Um dia, ao abrir o restaurante de madrugada, vi o reflexo do amanhecer nas janelas e me senti grato apenas por estar ali, respirando. Em outro, ao caminhar para casa, reparei nas pessoas dormindo nas ruas e me perguntei o que realmente significava “ter sucesso”. Essas reflexões vinham como ondas lentas, quebrando dentro de mim e rearrumando o que eu acreditava sobre a vida. Eu, que antes corria atrás de tudo o que parecia divertido, comecei a sentir falta do que era verdadeiro.

A Califórnia, tão viva e colorida, me obrigava a olhar para dentro, como se cada dia claro lançasse luz sobre as minhas próprias sombras. “Quanto mais eu conquistava um novo cargo, um novo amigo ou uma nova festa, mais claro ficava que algo essencial ainda me escapava. Eu tinha uma vida funcional, mas não plena; estava rodeado de gente, mas me sentia só. O que me sustentava era a rotina, aquele senso quase mecânico de seguir em frente porque parar doía mais. E, mesmo sem perceber, era justamente essa constância que me amadurecia.

Houve noites em que o sono não vinha. Eu ficava deitado, olhando o teto, tentando encontrar sentido no cansaço. A mente revisitava o passado como quem folheia um álbum antigo: o campo do Madureira, o barulho da fábrica do meu pai, o sorriso da minha mãe tentando esconder a preocupação. Tudo parecia distante, mas quanto mais distante parecia, mais eu percebia que era dali, dessas raízes, que eu realmente vinha. Por mais que o mundo tivesse se alargado, o menino que chutava bola no campo de terra ainda existia dentro de mim, pedindo para ser lembrado. E nessa mistura de saudade e silêncio eu comecei refletir.

Certa vez, sentei-me na areia ao entardecer. O céu misturava tons de laranja e violeta, e o sol, antes de partir, deixava uma luz dourada sobre o mar. Fiquei ali por longos minutos, talvez horas, sem pensar em nada concreto. Apenas observava o horizonte e respirava fundo. A verdade é que crescer não se trata de acumular experiências, mas aprender a ficar em silêncio sem se sentir vazio. A calma daquele instante me atravessou de um jeito que não

esqueci. Depois de tanto tempo tentando me encontrar em lugares, pessoas e conquistas, eu comecei a me perceber me encontrando dentro de mim.

Com o tempo, as lembranças começaram a se organizar como peças de um quebra-cabeça. Tudo o que vivi na Califórnia, os empregos, os erros, as festas, o cansaço, as conquistas, deixava de ser fragmento e ganhava coerência. Entendi que as quedas não tinham sido desvios, mas partes do caminho; que as dores não eram castigos, e sim mestres disfarçados. O vício que tanto me aprisionou, já não era apenas o símbolo da minha fraqueza, mas um sinal de que eu tentava preencher algo que ainda não sabia nomear. Foi doloroso admitir isso, porém libertador compreender. A droga havia me anestesiado por um tempo, no entanto, a partir daquelas novas percepções, o que eu mais desejava era sentir, sentir de verdade, sem filtros, sem fugas. Essa vontade de reconexão comigo mesmo foi o primeiro sopro do que, mais tarde, se tornaria uma transformação muito mais profunda.

O reencontro comigo mesmo não veio com respostas prontas e sim com novas perguntas. Quem eu era, afinal, sem o futebol, sem as festas, sem as distrações? O que realmente me fazia feliz? Qual era o propósito por trás de tanta busca? Essas perguntas ecoavam dentro de mim com uma força que me assustava e, ao mesmo tempo, me guiava. Eu sentia que algo novo estava por nascer, algo que exigiria mais coragem do que todas as mudanças anteriores.

Hoje entendo que aquele período foi uma travessia. A Califórnia deixou de ser apenas um cenário e se tornou um espelho onde vi, pela primeira vez, meu reflexo real, sem as camadas de sonho, vaidade ou fuga. Ali, entre o barulho das ruas e o som constante do mar, eu comecei a compreender que as maiores transformações acontecem no silêncio. Aquele reencontro foi, na verdade, um despertar ainda tímido, mas profundo. Um chamado que, mais tarde, se tornaria um verdadeiro ponto de virada.

O capítulo da Califórnia, que começou com a busca por liberdade, terminava, na verdade, com a descoberta de que eu precisava me reencontrar. Eu já não precisava fugir para me sentir vivo. Precisava apenas estar inteiro, consciente e grato e embora eu ainda não soubesse, esse despertar seria o prelúdio da transformação que estava prestes a acontecer: uma que não mudaria apenas meu destino, mas também a maneira como eu enxergava a própria vida.

CAPÍTULO 4

UM RECOMEÇO NO BRASIL

O Retorno

Voltar ao Brasil depois de quatro anos na Califórnia não foi uma decisão impensada, foi o resultado de uma sequência de silêncios, de sinais e de pressões internas que, aos poucos, me empurraram para o inevitável. Em San Diego, eu havia construído algo que, à primeira vista, parecia estabilidade: uma rotina organizada, amizades sólidas, um trabalho que sustentava meus estudos e a sensação, ainda que ilusória, de pertencimento. No entanto, por trás dessa aparente estrutura, havia um cansaço crescente, o tipo de desgaste que não vem apenas do corpo, mas da alma. A Califórnia havia me oferecido experiências valiosas, mas também me exigido um preço alto. O futebol, que havia se tornado meu passaporte para continuar ali e também o meu refúgio, começava a se distanciar do horizonte. O *Grossmont College* representava um sonho realizado, porém era um ciclo que chegava ao fim, pois para continuar eu precisaria ingressar em uma universidade e o custo disso era quase inatingível para um estudante estrangeiro. As mensalidades pareciam uma montanha impossível de escalar, mesmo com a bolsa parcial, o peso financeiro era esmagador.

Não era apenas o dinheiro, contudo. Havia também a condição de estrangeiro, que me colocava constantemente à margem. Viver nos Estados Unidos com um visto temporário é como habitar uma terra emprestada: você constrói, mas não pertence totalmente. Estuda, mas não tem garantias. Trabalha, mas sempre com restrições. Era como caminhar por um terreno bonito, mas repleto de placas invisíveis dizendo: “Apenas até aqui.” Essa sensação, somada à distância da família e à solidão dos dias longos, começou a corroer o encanto que um dia me fez atravessar o oceano.

Ainda assim, a ideia de voltar para o Brasil parecia, por muito tempo, um tipo de derrota. Eu temia ser visto como alguém que havia falhado, que não conseguiu permanecer. Contudo, com o tempo, compreendi que há “derrotas” que, na verdade, são sim, gestos de sabedoria. Decidir voltar foi reconhecer um limite e, paradoxalmente, foi esse reconhecimento que me fez reencontrar a força.

Eu precisava enxergar que o retorno seria um recomeço consciente. Havia uma voz silenciosa dentro de mim dizendo que era hora de reconstruir as bases, de colocar os pés novamente em um chão firme, de resgatar aquilo que o tempo e as circunstâncias haviam deixado adormecido. E, assim, em meio à mistura de alívio e tristeza, embarquei de volta para casa.

A cena do desembarque ainda é viva em minha memória. O cheiro do ar úmido, o som das pessoas falando português por todos os lados, o abraço da minha mãe me recebendo no aeroporto era como se o mundo tivesse diminuído o ritmo. O Brasil me recebia com uma ternura que eu não esperava. As ruas, as vozes, o café fresco na mesa, tudo parecia me dizer: “Você voltou, e isso também é vitória.”

Logo no início, encontrei abrigo no trabalho. Minha mãe, que já havia se estabelecido no ramo da publicidade e era dona da agência 4ALL Comunicação, me ofereceu uma oportunidade. Comecei sem título, sem função definida, apenas com disposição. Fazia de tudo um pouco: entregas, pagamentos, orçamentos, recados, o que fosse preciso. No começo, confesso, havia certo desconforto. Depois de ter vivido no exterior, cuidar de tarefas simples parecia, à primeira vista, um retrocesso, mas foi exatamente nesse período que aprendi uma das lições mais valiosas da vida: nenhum recomeço é pequeno demais quando é feito com propósito.

A rotina na agência me trouxe de volta ao mundo real. As madrugadas insones da Califórnia deram lugar aos dias cheios de compromissos, prazos e metas. Aos poucos, fui conhecendo o funcionamento interno da empresa, o ritmo dos projetos, as exigências dos clientes, o valor da pontualidade e da palavra dada. O ambiente me testava o tempo todo, mas, em vez de me frustrar, isso me fortalecia. Eu estava reaprendendo a começar e, dessa vez, com os pés firmes no chão.

Aos poucos, o aprendiz foi ganhando espaço. Passei a lidar diretamente com clientes, a participar de reuniões, a assumir responsabilidades. Cada nova etapa era como uma nova conquista. Havia em mim o mesmo espírito competitivo do futebol, mas agora voltado para a vida profissional. As metas substituíram os gols, os clientes tomaram o lugar dos torcedores, e o resultado de cada campanha passou a ser o novo placar da minha vitória pessoal.

Com o passar dos anos, meu envolvimento cresceu. Tornei-me responsável pelo atendimento de contas importantes e, mais tarde, cheguei à direção comercial. Essa ascensão não veio apenas do esforço, mas de algo que aprendi a cultivar na Califórnia: a disciplina

silenciosa. Aquele hábito de acordar cedo, treinar mesmo sob o frio, insistir mesmo nas derrotas, tudo isso agora se transformava em comprometimento e constância no trabalho.

Entretanto, o retorno não se resumia a conquistas profissionais. Havia também uma reconstrução interna, mais sutil, mas igualmente importante. Depois de tantas mudanças, percebi que o maior desafio não era voltar a trabalhar ou reorganizar a vida financeira, era reconciliar-se consigo mesmo. Voltar ao Brasil significava também encarar o espelho e aceitar quem eu havia me tornado. Eu já não era o jovem impulsivo de antes, mas também não me via ainda como o homem maduro que gostaria de ser. Era alguém em transição, tentando juntar as peças de uma identidade fragmentada pela distância, pelas escolhas e pelos erros. Muitas vezes, nas viagens longas até a agência ou nas pausas entre uma reunião e outra, eu me pegava pensando na trajetória que me trouxera até ali. A Califórnia, com toda a sua beleza e intensidade, havia me ensinado muito, mas o Brasil me devolvia algo que eu nem percebia que havia perdido: o pertencimento. Aqui, o tempo parecia fluir em outro ritmo. As conversas tinham mais calor, os vínculos mais verdade. E, de algum modo, essa atmosfera me curava de dentro para fora.

A convivência com a família reacendeu um senso de gratidão que o cotidiano acelerado do exterior havia adormecido. O almoço de domingo, o riso espontâneo, o toque familiar, coisas simples, mas profundamente significativas. Descobri que a maturidade está justamente em reconhecer o extraordinário dentro daquilo que parece comum.

Houve também momentos de silêncio, em que precisei enfrentar o peso das lembranças. As escolhas erradas, os vícios, as oportunidades perdidas, tudo isso voltava como um eco, porém eu procurava ver tudo aquilo com serenidade e equilíbrio. Entendi que o arrependimento não precisa ser uma sentença e sim um ponto de partida. Recomeçar, aprendi, é aceitar a própria história sem negar as falhas, transformando-as em degraus.

O retorno, portanto, não foi apenas geográfico, foi espiritual, emocional e humano. Foi o momento em que compreendi que o amadurecimento não é medido pelo lugar onde estamos, mas pela maneira como reagimos aos caminhos que a vida impõe.

Hoje, ao pensar sobre o passado, vejo aquele período como o alicerce do que viria depois. Voltar ao Brasil foi o primeiro passo para voltar a mim mesmo. E percebo que, em certos momentos da vida, é preciso dar um passo atrás para poder enxergar mais longe. Não há vergonha em recomeçar; há, na verdade, uma forma profunda de coragem.

A verdadeira grandeza, descobri, não está em permanecer onde todos aplaudem, mas em ter humildade para voltar quando o coração pede um novo início. E foi exatamente isso que o Brasil representou para mim: o ponto onde deixei de fugir do passado e comecei, enfim, a escrever o futuro.

O Encontro com o Amor

Foi em setembro de 2015 que minha vida começou a tomar um rumo inesperado. Até aquele momento, minhas relações haviam sido marcadas por superficialidade, por uma dificuldade de me entregar de verdade. Sempre havia algo que me prendia, que criava uma barreira invisível. E, no fundo, eu sabia o que era: o peso do vício, a sensação de estar escondendo uma parte de mim. Carregava comigo uma espécie de muro invisível, erguido aos poucos, tijolo por tijolo, entre o que eu mostrava ao mundo e o que eu realmente era.

Quando conheci aquela que se tornaria minha esposa, algo diferente aconteceu. Não foi apenas um encontro comum, ela trazia consigo uma calma que desarmava e um olhar capaz de enxergar o que eu próprio fingia não ver. O primeiro encontro foi simples, sem grandes gestos ou frases ensaiadas. Havia nela uma clareza serena, uma combinação de força e delicadeza que me despertou uma atenção imediata. Suas palavras tinham o peso de quem fala com sinceridade e a leveza de quem não precisa provar nada. Desde o início, senti que aquela mulher era diferente. Sua presença não pedia espaço, conquistava. Havia nela uma serenidade que contrastava com o meu caos interno, uma presença que parecia trazer paz antes mesmo das palavras. O modo como sorria, como ouvia, como se mantinha inteira em cada gesto, despertava em mim um respeito imediato.

Conversamos por horas, e, enquanto ela falava, percebi algo raro: a tranquilidade de estar diante de alguém autêntico. Não havia máscaras, jogos ou artifícios. Cada gesto dela parecia revelar o que eu sempre procurei sem encontrar, a coerência entre o que se é e o que se diz ser.

Já no primeiro encontro, ela foi direta e sincera, com uma clareza que me surpreendeu: perguntou se eu usava algum tipo de substância ou se bebia demais. Não havia julgamento em sua voz, apenas o cuidado de quem sabia o que não queria para a própria vida. A pergunta veio como um espelho inesperado, refletindo o que eu mais tentava esconder. Aquilo me pegou de surpresa e por dentro, senti um abismo se abrir. Eu não

esperava tamanha franqueza logo de início, mas ao mesmo tempo, entendi o que ela queria dizer. Ela tinha valores sólidos, cuidava de si, vivia de forma saudável, e não queria alguém que pudesse arrastar para dentro de sua vida hábitos que ela rejeitava. Essa postura, tão firme e tão autêntica, mexeu comigo. Eu sabia a resposta verdadeira, mas também sabia que poderia perder a chance de viver algo especial se dissesse a verdade. Ela não falava sobre perfeição, mas sobre verdade e a verdade sempre exige coragem. Naquele instante, senti um frio na barriga. Meu coração bateu mais rápido, não apenas pelo encanto natural do momento, mas pelo dilema que se formava dentro de mim. Tomei a decisão de esconder. Disse que não, que não usava nada, e assim segui tentando disfarçar o gosto amargo da maconha com muito café e balas de menta antes de cada encontro. Era uma mentira nascida do medo, e o medo, por menor que pareça, sempre tem o poder de corroer o que é mais puro. Ainda assim, naquele momento, a vontade de ser aceito falou mais alto do que o desejo de ser autêntico.

A partir daquele dia, cada encontro transformou-se em um ritual silencioso. Café forte para mascarar o gosto, balas de menta no bolso, respiração contida antes de cada beijo. Eu sorria e falava sobre sonhos, tentando ignorar a inquietação de quem vive entre o desejo de ser aceito e o medo de ser descoberto. Por fora, eu parecia confiante; por dentro, sentia-me dividido. A cada vez que ela mencionava “o gosto diferente” ao me beijar, um nó apertava minha garganta e eu criava desculpas, inventava histórias, dizia que era o café, o estresse. E, a cada nova mentira, o amor que crescia também me pesava mais no peito. Mesmo assim, algo dentro de mim se transformava. Ela representava um tipo de pureza que não julgava, apenas inspirava. Sua disciplina e seu cuidado com a vida provocavam em mim o desejo de ser melhor. Percebi que, pela primeira vez, queria me tornar alguém digno do amor que recebia.

Esse segredo passou a ser meu companheiro constante. Toda vez que eu saía para vê-la, havia uma preparação silenciosa: um café forte para mascarar o gosto, balas de menta espalhadas pelo bolso, o cuidado em nunca aparecer alterado. Por fora, eu sorria, fazia planos, falava sobre o futuro. Por dentro, carregava uma ansiedade quase sufocante, sempre com medo de ser descoberto. E cada vez que ela comentava sobre “o gosto forte” ao me beijar, era como se uma lâmina me atravessasse. Eu inventava desculpas com naturalidade ensaiada, tentando parecer calmo, qualquer justificativa que pudesse me salvar daquele confronto, quando por dentro uma culpa silenciosa me rasgava. Às vezes, bastava o olhar dela, tão limpo e confiante, para que eu me sentisse pequeno, como se ela enxergasse além das palavras e ao

mesmo tempo, dentro de mim crescia uma certeza: se quisesse realmente viver esse amor, precisaria enfrentar meus próprios fantasmas. E esses fantasmas não eram feitos apenas de fumaça, mas de lembranças, de vícios, de promessas não cumpridas a mim mesmo. Era o confronto entre o homem que eu queria ser e o homem que ainda era.

Nosso relacionamento avançou rápido. Em apenas três meses, já estávamos noivos. Ela conheceu minha família, fomos morar juntos e, pouco depois, nos casamos. A vida ao lado dela tinha um sabor diferente, de estabilidade, de futuro, de família. Eu via nela não apenas a mulher que eu amava, mas uma parceira que parecia acreditar mais em mim do que eu mesmo acreditava. Ela me enxergava com os olhos da fé, como quem vê além das imperfeições e escolhe permanecer por amor. Sua presença trazia ao meu coração uma sensação nova de pertencimento, algo que eu nunca havia experimentado em nenhuma relação anterior.

Contudo, o segredo que eu carregava era como uma rachadura silenciosa, prestes a se abrir a qualquer momento. E esse momento chegou. Um dia, descuidadamente, deixei uma ponteira de cigarro na moto. Ela, movida pelo que chamamos de direção do Espírito Santo (falo sobre isso depois) foi até lá e encontrou. A cena ficou gravada na minha memória como um instante que dividiu a história em duas partes. Ela entrou em casa com o objeto nas mãos, os olhos marejados, e eu senti o chão desaparecer sob os meus pés. Quando me mostrou, vi em seus olhos não apenas a decepção, mas também a dor de quem se sentia enganada. Era como se todo o castelo que estávamos construindo tivesse sido sacudido por um terremoto. Nosso casamento, ainda tão recente, balançou como uma casa atingida por um vendaval. O silêncio que se instalou entre nós parecia mais pesado do que qualquer grito. Eu não tinha o que dizer. As palavras, que antes me serviam de escudo, agora me abandonavam. Tudo o que restava era o peso da verdade nua, que, por mais libertadora que seja, também pode doer profundamente.

Foram dias muito difíceis. Conversamos, brigamos, quase nos separamos. O silêncio entre nós, em certos momentos, doía mais do que qualquer discussão. Eu me vi diante da possibilidade real de perder a mulher que eu amava, não por falta de amor, mas por causa de escolhas erradas que eu insistia em esconder. Havia em mim um desespero silencioso, uma vontade imensa de voltar no tempo e fazer tudo diferente. Passei noites em claro, pedindo a Deus que me desse mais uma chance de reconstruir o que eu mesmo havia destruído. Foi ali que percebi o quanto ela seria fundamental na minha vida. Ela não desistiu de mim. Com

firmeza e amor, me desafiou a mudar, a procurar ajuda, a acreditar que eu poderia ser melhor. Se não fosse por ela, talvez eu não tivesse conseguido dar os primeiros passos rumo à libertação. Por meio da fé dela que comecei a enxergar a minha própria. Enquanto eu afundava em culpas, ela permanecia firme, sustentada por uma esperança que não vinha de si, mas de Deus. Sua força era mansa, mas inabalável; seu amor, exigente, mas redentor.

Minha esposa se tornou não apenas minha companheira, mas um pilar da minha transformação. Sua postura firme, sua vida saudável e sua fé constante me inspiravam. Muitas vezes, enquanto eu ainda tropeçava, ela permanecia com o joelho dobrado em oração, intercedendo por mim. O amor dela não era apenas sentimento, era atitude. E essa atitude se tornaria decisiva nos próximos capítulos da minha jornada. Hoje entendo que Deus a colocou no meu caminho não apenas para caminhar ao meu lado, mas para ser instrumento do meu resgate. O amor dela foi a ponte pela qual atravessei o abismo em que havia caído.

A luta pela libertação

Depois da descoberta, nossa relação seguiu em um equilíbrio frágil. Eu havia prometido parar, olhado nos olhos da minha esposa e garantido que faria diferente, no entanto o caminho não foi tão simples. Por mais que houvesse amor e vontade de mudar, eu ainda estava preso. A cada recaída, a confiança dela era abalada, e o nosso casamento, ainda jovem, parecia viver em um campo minado: qualquer deslize poderia colocar tudo em risco. Era como caminhar sobre um chão instável, em que cada passo exigia atenção redobrada, e cada erro tinha o peso de um terremoto emocional.

Os anos seguintes foram marcados por essa montanha-russa. Eu parava, voltava, fazia promessas e quebrava. Cada queda vinha acompanhada de vergonha e de uma sensação devastadora de fracasso. Eu não era apenas um homem em luta contra um vício, eu era um marido tentando não perder a mulher que amava, tentando não desmoronar diante da própria família. Havia dias em que o arrependimento me consumia por completo; noites em que eu me via diante do espelho e não reconhecia mais o homem refletido ali. A culpa era um visitante constante, e sua presença silenciosa pesava sobre meus ombros como um manto frio e denso.

E, ainda assim, mesmo ferida, minha esposa não desistia. Enquanto eu me sentia culpado tentando vencer aquele problema com minhas próprias forças, ela dobrava os

joelhos em oração. Não eram apenas palavras ditas em momentos de raiva ou desespero; era fé genuína, que pedia a Deus que me libertasse. Essa fé silenciosa dela, feita no quarto, no silêncio da madrugada, me desafiava mais do que qualquer bronca. Ela acreditava que havia algo maior me esperando, mesmo quando eu não conseguia acreditar em mim mesmo. Essa esperança dela me desconcertava. Eu via nela uma convicção que ultrapassava a lógica e os limites humanos. Enquanto eu oscilava entre promessas e recaídas, ela permanecia firme, sustentada por uma fé que parecia nascer de um lugar mais alto, como se fosse um reflexo direto do próprio amor de Deus.

O ponto de virada começou de forma inesperada. Acordei um belo dia e, como se uma voz falasse dentro de mim, me moveu a agir diferente, foi quando eu disse: “Eu não aguento mais! Hoje eu vou me internar.” Aquelas palavras saíram sem ensaio, carregadas de desespero e sinceridade. Era como se algo dentro de mim finalmente tivesse se rendido, reconhecendo que sozinho eu não venceria. Havia um cansaço profundo, não apenas do corpo, mas da alma. Eu queria respirar de novo, queria me reencontrar.

Não era um plano amadurecido, nem uma decisão pensada há semanas. Era um rompante de desespero, com certeza vindo como resposta às orações da minha esposa, um verdadeiro e genuíno grito de esperança. Pegamos o carro e fomos até o primeiro centro de reabilitação que encontrei. Quando cheguei, já na recepção, ouvi uma conversa que me fez estremecer: uma mãe dizia que iria retirar a filha porque lá dentro vendiam drogas. Aquilo me paralisou. Eu buscava ajuda e, em vez disso, poderia mergulhar em um lugar ainda mais sombrio. Senti um arrepio percorrer a espinha, como se o próprio universo me alertasse para não dar aquele passo. O medo se misturou à confusão, e por um instante, pensei em desistir de tudo.

Foi nesse instante que minha esposa voltou. Ela tinha saído, mas, novamente guiada pela direção do Espírito Santo, entrou novamente e disse: “Aqui não é o lugar para você. Vamos embora.” E fomos. Dentro de mim, essa cena se gravou como prova de que Deus estava cuidando, mesmo que eu ainda não entendesse. Foi como se o próprio céu tivesse intervindo, tirando-me pela mão de um caminho errado e recolocando-me no trilho da esperança. Percebi, mais uma vez, que quando já não temos forças, a graça de Deus age em nosso favor de maneiras que ultrapassam qualquer explicação humana.

No dia seguinte, encontramos outro lugar e, dessa vez, um lugar sério, onde eu poderia realmente enfrentar e vencer esse terrível vício que me aprisionou por tanto tempo.

Foram três meses de internação: outubro, novembro e dezembro. Três meses longe de tudo que eu conhecia, sem celular, sem falar com minha família, sem o contato diário que sempre foi essencial para mim. Para alguém tão apegado à família, essa ausência era como atravessar um deserto, mas foi nesse deserto que comecei a reencontrar as forças necessárias para avançar e ser vitorioso nesse processo. Cada dia dentro da clínica parecia o avesso da vida que eu conhecia: enquanto lá fora o mundo seguia apressado, ali dentro o tempo parecia desacelerar, obrigando-me a mergulhar em mim mesmo, a encarar meus medos mais antigos e revisitar minha história sem disfarces. Era um processo doloroso, mas paradoxalmente libertador. Ali dentro, também pude perceber que, por mais pesado que fosse meu problema, havia pessoas enfrentando batalhas ainda mais duras. Vi histórias de destruição familiar, vícios muito mais agressivos, marcas profundas. E, nesse contraste, descobri duas coisas: primeiro, que eu não estava sozinho; segundo que se aquelas pessoas ainda lutavam, eu também poderia lutar. Cada conversa, cada testemunho, cada lágrima compartilhada no refeitório ou nos grupos de apoio me fazia entender que o sofrimento, quando reconhecido, pode se tornar semente de transformação. Vi homens que haviam perdido tudo encontrarem forças para recomeçar, e isso me deu coragem para continuar.

Os psicólogos que me acompanharam, lembro especialmente da Dra. Camila e do Dr. Orlando, foram fundamentais nessa minha batalha e não poderia deixar de mencioná-los aqui e honrar a excelência e profissionalismo com os quais conduziram tudo para que eu conseguisse vencer. Eles não me trataram apenas como “mais um caso”, mas me ajudaram a olhar para dentro de mim, a resgatar a autoestima e a entender a raiz de muitas feridas. Muitas das lições que aprendi com eles aplico até hoje. Eles me ensinaram que a cura verdadeira não está apenas em abandonar o vício, mas em compreender o que nos leva até ele — as dores, as frustrações, os vazios. Sob a escuta atenta deles, aprendi a nomear sentimentos que antes eu apenas mascarava com a fumaça. Aprendi a silenciar o orgulho e a enxergar a vulnerabilidade como ponto de partida, não como fraqueza.

Mas o mais importante foi a transformação espiritual. Até então, eu conhecia pouco sobre Deus. Vinha de uma família católica não praticante, sabia rezar o Pai Nosso e a Ave Maria, mas nunca havia me aprofundado. Nesse processo todo, comecei a conhecer de fato quem é Jesus de verdade. Passei a ler a Bíblia, a participar das conversas, a refletir sobre minha vida sob uma nova ótica e o que antes parecia distante, ou até motivo de zombaria, pois achava que ser “crente evangélico” era só para ser roubado, contudo me converter e

conhecer Jesus, se tornou não só o alicerce da minha reconstrução, como da minha própria vida e família. Foi um despertar profundo. Pela primeira vez, senti a presença de Deus não como ideia, mas como experiência viva. O Evangelho deixou de ser um conjunto de palavras e se tornou uma realidade pulsante. A fé que nascia em mim não era uma fuga, era encontro. Era o recomeço de tudo.

Hoje posso afirmar como é bom conhecer Jesus, andar com Ele, ser conhecido por Ele e, além de tudo, poder apresentá-lo, por meio do evangelho, para mais pessoas para que tenham suas vidas transformadas assim como tive a minha vida completa e plenamente preenchida de um vazio que só Jesus pode preencher. Essa certeza não é teórica, ela nasceu da prática diária de renúncia e confiança. A fé que me libertou foi também a fé que me ensinou a permanecer. E permanecer é, talvez, o maior milagre.

Quando saí, em dezembro, algo havia mudado. Nunca mais fumei. Nunca mais tive vontade. Era como se as correntes tivessem sido quebradas de uma vez por todas. Não foi fácil, a reconstrução do meu casamento exigiu tempo, diálogo, paciência, mas pela primeira vez, eu sentia que era possível. A liberdade verdadeira não veio de um instante mágico, e sim da soma de pequenos passos diários, da escolha constante por permanecer limpo, da entrega silenciosa de cada tentação ao cuidado de Deus. Cada novo amanhecer trazia consigo o sabor da vitória, ainda que silenciosa, ainda que pequena.

Minha esposa, meu filho, minha filha que nasceria pouco depois, e, acima de tudo, minha fé renovada, se tornaram meus pilares. A luta pela libertação não foi apenas contra a maconha; foi contra tudo que me impedia de ser inteiro, de ser o homem que eu sabia que podia ser. Foi uma batalha pela identidade, pela dignidade e pelo propósito. A cada dia vencido, eu me via renascendo, mais consciente, mais forte, mais leve.

E foi assim que uma das fases mais escuras da minha vida deu lugar a um novo começo. A escuridão que antes me cercava se transformou em testemunho. O que antes era motivo de vergonha, tornou-se instrumento de fé. Hoje entendo que Deus não apenas me libertou, Ele me chamou para viver de modo pleno e essa é a verdadeira liberdade.

Ah, e sobre a direção do Espírito Santo, a Bíblia diz que quando recebemos e confessamos Jesus Cristo como o nosso Senhor e Salvador, o Espírito Santo vem habitar em nós e vai nos ensinar tudo o que precisarmos.

Um novo olhar sobre a vida

Sair da internação foi como abrir os olhos depois de uma longa noite. Havia alívio, havia esperança, e uma estranha sensação de vulnerabilidade, como se eu estivesse reaprendendo a caminhar em um terreno novo e sagrado. O que viria agora? Será que eu conseguiria, de fato, manter a promessa que tantas vezes já havia quebrado? A diferença é que, dessa vez, não era apenas sobre parar de fumar; era sobre reconstruir tudo o que eu havia destruído, a confiança, o propósito, a fé, o amor-próprio. Era sobre olhar para a vida com um tipo de gratidão que nasce apenas quando se conhece o fundo do poço.

No início, cada dia parecia um teste. Havia momentos em que a tentação vinha como um sussurro insistente, tentando me lembrar do “alívio” rápido que a maconha trazia. Esses instantes, aparentemente pequenos, eram batalhas intensas travadas em silêncio. Aprendi que as maiores guerras não acontecem no campo visível, mas dentro da mente, onde a vontade e o hábito se enfrentam em silêncio. Contudo, eu já não era o mesmo homem de antes. Eu havia experimentado algo diferente durante aqueles três meses: uma paz que não dependia de circunstâncias, uma força que não vinha de mim, mas de Deus, uma serenidade que parecia nascer do próprio ato de me render. Era como se, finalmente, eu tivesse encontrado um fundamento sólido para sustentar minha vida, um alicerce que nenhuma tempestade seria capaz de derrubar.

A família se tornou ainda mais central nesse processo. Minha esposa, que já era o pilar de toda essa mudança que eu precisava enfrentar, agora se transformava em companheira dessa jornada de libertação. Lembro-me de vê-la sorrir de forma diferente, um sorriso que misturava alívio e fé, ternura e força, o tipo de sorriso que só quem enfrentou a dor de joelhos consegue oferecer. Cada gesto dela, cada oração feita em silêncio, era uma lembrança de que eu não estava sozinho. Ela não me cobrava, ela me inspirava. Sua fé era firme, e seu amor, paciente. Quando eu me sentia fraco, era o olhar dela que me lembrava de onde eu havia saído e aonde ainda podia chegar. O amor dela, mais do que qualquer palavra, me dizia: “Você pode continuar. Você não precisa voltar atrás.”

E não era só ela. Meu filho, ainda pequeno, também se tornava um motivo de luta. Ver seus olhos curiosos me fazia lembrar do homem que eu desejava ser. Eu não queria ser apenas um pai presente, queria ser um exemplo vivo de superação, alguém que ele pudesse admirar não por perfeição, mas por coragem. Eu olhava para ele e entendia que precisava ser mais, precisava ser exemplo. Cada vez que ele sorria, algo dentro de mim se rearrumava. Era

como se aquele amor inocente me purificasse, me chamasse de volta à essência. A chegada da minha filha, em 2019, reforçou ainda mais esse compromisso. Quando segurei aquele pequeno corpo nos braços, compreendi que Deus havia me dado uma nova chance, não apenas de viver, mas de deixar um legado de fé, de afeto e de verdade. Como eu poderia ensinar a eles sobre coragem, responsabilidade e fé, se eu mesmo estivesse preso a um vício? Tudo o que aprendi e recebi nesse processo de vencer o vício me deu ousadia para avançar, porque sempre fui um homem que acredita na família e, ao aprender na minha nova jornada cristã que família é um grande propósito de Deus, passei a compreender que cuidar da família é também um ato espiritual. O lar deixou de ser apenas um espaço físico e passou a ser um santuário, o lugar onde o amor, a disciplina e a fé se encontram. Meus princípios e valores foram lapidados ainda mais, e a paternidade intensificou um novo senso de propósito. Cada sorriso deles era como um lembrete diário de que havia algo muito maior pelo qual lutar.

Essa mudança espiritual tão profunda que passei a experimentar foi o coração de toda a transformação. Antes, eu vivia guiado por impulsos; agora, era conduzido por convicções. A fé deixou de ser um conceito distante e se tornou uma prática viva, um diálogo diário com Deus. Se antes minha fé era rasa e quase inexistente, agora ela se tornava prática, viva, cotidiana. Passei a ler a Bíblia com regularidade, a participar de momentos de devoção em família, a refletir sobre versículos que, de forma surpreendente, pareciam falar diretamente comigo. Às vezes, uma única palavra bíblica era suficiente para reordenar um dia inteiro.

Percebi que o Evangelho não é apenas consolo, é também direção. E foi seguindo essa direção que comecei a reconstruir minha identidade. Descobri que não era sobre religião, sobre rótulos ou placas de igreja, mas sobre relacionamento com Deus, sobre aprender a escutar a voz d'Ele nas entrelinhas da vida, nas pequenas coisas, nas respostas silenciosas. E esse relacionamento começou a me dar segurança. Com o tempo, percebi que minha transformação não era apenas deixar de fumar. Era também aprender a lidar com a ansiedade de outras formas, com maturidade, com oração, com autodomínio. Era aprender a não buscar anestesia para as dores, mas sentido para elas. Era aprender a enfrentar a vida de frente, sem precisar me esconder atrás de uma fumaça. Era, sobretudo, entender que a verdadeira liberdade não está em fazer o que se quer, mas em escolher o que é certo, mesmo quando isso custa sacrifício. Era assumir as rédeas da minha história e permitir que Deus fosse o autor das próximas páginas.

Ainda havia desafios, é claro. Reconstruir a confiança no casamento não aconteceu do dia para a noite. Houve dias de silêncio pesado, de lembranças que insistiam em voltar, de feridas que ainda ardiam mesmo após o perdão. Mas cada um desses dias também era uma oportunidade de exercitar o amor em sua forma mais pura, aquela que não depende de perfeição, mas de perseverança. Havia marcas, lembranças de promessas quebradas, cicatrizes emocionais. Mas cada dia limpo, cada nova conquista, cada gesto de honestidade se tornava um tijolo colocado nessa reconstrução. A confiança, percebi, não é algo que se exige; é algo que se reconstrói, gesto por gesto, verdade por verdade. E, aos poucos, aquele lar que havia sido abalado pela insegurança voltou a ser lugar de paz. O riso voltou a preencher os cômodos, as orações voltaram a ser ditas de mãos dadas, e o amor, que um dia quase se perdeu, agora florescia com raízes mais profundas.

Foi nesse período que aprendi algo fundamental: a verdadeira mudança não acontece de fora para dentro, mas de dentro para fora. Nenhum ambiente novo, nenhuma rotina disciplinada e nenhum tratamento seriam suficientes se o coração não se rendesse primeiro. Não bastava tirar a maconha da minha rotina; era preciso preencher o vazio que ela deixava. E esse preenchimento veio na forma de fé, de amor, de propósito e de presença. Veio no silêncio das orações, nas manhãs em família, nas pequenas alegrias do cotidiano. Foi uma reconstrução lenta, mas real, uma jornada de cura e consciência.

De repente, eu já não era apenas o homem que havia lutado contra um vício. Eu era um marido renovado, um pai presente, um filho que trazia orgulho. Era um homem que havia aprendido a valorizar o simples, a contemplar o essencial. O vício que antes me escravizava se transformou em lembrança e em lição. A dor que me consumia se converteu em combustível para servir, inspirar, ensinar. Eu era alguém que havia sido resgatado por Deus por meio do amor da minha esposa, depois pela própria fé que encontrei em Deus, e, por fim, pela própria decisão de não desistir de mim mesmo.

E esse novo olhar sobre a vida me mostrou algo que carrego até hoje: ninguém está condenado a ser escravo de seus erros. O passado pode ensinar, mas não precisa aprisionar. Por mais fundo que alguém tenha caído, sempre existe um caminho de volta, sempre existe a possibilidade de recomeçar. A redenção é possível, e quando ela acontece, transforma não apenas quem a vive, mas todos ao redor.

Hoje, cada amanhecer é um lembrete silencioso de que a graça de Deus não se esgota, e que a vida, quando entregue a Ele, se renova todos os dias, não como uma promessa distante, mas como uma realidade presente, viva, que pulsa dentro de nós.

Entre a Graça e o Propósito

Havia um tempo em que eu acreditava que o maior milagre seria simplesmente me libertar do vício, respirar em paz e seguir em frente, contudo com o passar dos meses, percebi que o verdadeiro milagre não era apenas a libertação em si, e sim o que viria depois dela: o despertar de um novo propósito. O que antes parecia o fim de uma luta tornou-se o início de um chamado silencioso, quase imperceptível no começo, mas que crescia dentro de mim a cada dia.

A graça que me alcançou não foi um sentimento abstrato, foi concreta, viva, encarnada nas pessoas e nos gestos que me cercavam. Estava no sorriso dos meus filhos, na paciência da minha esposa, no abraço dos amigos da igreja e até nas madrugadas em que eu orava em silêncio, pedindo direção. Deus, com Seu amor infinito, me lembrava constantemente de que ainda havia muito por fazer. Ele não apenas me resgatara do abismo, mas agora me chamava para usar cada cicatriz como testemunho de transformação. A fé que havia começado tímida, nascida dentro de uma clínica e alimentada pelas orações da minha esposa, começou a amadurecer. Ela deixou de ser apenas um refúgio para se tornar um alicerce, firme, inabalável, testado pelas circunstâncias. Passei a entender que a graça não nos visita apenas para curar nossas feridas, mas para nos ensinar a curar também as dos outros. A cada testemunho compartilhado, percebia que minha dor ganhava sentido, que o passado deixava de ser um peso para se transformar em ferramenta.

Houve dias em que olhei para trás e me perguntei por que Deus havia permitido que eu enfrentasse tantas quedas. Hoje entendo que a graça não apaga a história; ela a ressignifica. Foi através das quedas que aprendi a ser compassivo, a entender as fraquezas alheias, a falar com empatia com aqueles que ainda se sentem aprisionados. O que antes me envergonhava passou a ser ponte de conexão com pessoas que precisavam ouvir: “Eu também estive aí, e existe um caminho de volta.”

Essa consciência me trouxe uma responsabilidade nova. Percebi que não bastava ser grato pela libertação; era preciso viver de modo coerente com ela. A fé, compreendi, é ação.

É levantar-se todos os dias disposto a ser canal daquilo que um dia nos salvou. Comecei, então, a participar mais ativamente da igreja, primeiro discretamente, depois com envolvimento genuíno. Servir deixou de ser um compromisso e passou a ser uma alegria. Estar entre pessoas que compartilhavam a mesma fé me lembrava diariamente de onde vim e para onde estava indo.

Com o tempo, entendi que o lar também é um ministério. Que a família é o primeiro e mais importante campo onde a fé se prova verdadeira. Em casa, encontrei o espaço ideal para praticar o amor, o perdão, a paciência e a humildade. Cada conversa com meus filhos, cada gesto de cuidado com minha esposa, tornou-se uma oportunidade de exercer aquilo que eu pregava. Percebi que o exemplo diário fala mais alto que qualquer discurso, e que a transformação que Deus opera dentro de nós só se confirma quando transborda para os que vivem ao nosso redor.

Em momentos de oração, sentia o coração arder com o desejo de ajudar outros homens a reencontrarem o próprio propósito. Comecei a compartilhar partes da minha história, primeiro com amigos próximos, depois em pequenos grupos, até perceber que meu testemunho era como uma semente lançada em solo fértil. Muitos se viam em mim e, ao perceberem minha restauração, sentiam esperança de que a deles também era possível. Isso me tocava profundamente. Eu, que um dia estive perdido, agora podia ser instrumento de reconciliação e fé.

A graça me ensinou que não existe dor desperdiçada. Tudo o que vivemos, até mesmo o que mais nos envergonha, pode ser usado por Deus para gerar vida em outras pessoas. Hoje entendo que Ele não apenas nos resgata, mas nos recicla: pega os cacos, molda novamente e nos transforma em vasos capazes de carregar Sua luz. Há uma beleza silenciosa nessa ideia — a de que o propósito nasce justamente no lugar onde achávamos que só existia ruína.

A vida, desde então, passou a ter outro ritmo. Já não vivo no impulso, mas na direção. Não acordo mais com o peso da culpa, e sim com a leveza de quem tem uma missão. Ser pai, marido, filho, profissional e homem de fé deixou de ser uma divisão de papéis e se tornou uma expressão única de propósito. Tudo o que faço, do trabalho diário ao tempo com a família, é atravessado por essa nova consciência: a de que cada gesto pode glorificar Aquele que me devolveu a vida.

Ainda há dias difíceis, e a caminhada da fé, por mais sólida que pareça, continua sendo desafiadora. Existem momentos de silêncio, períodos de dúvida e situações que testam a paciência. Contudo, a diferença é que hoje não enfrento nada sozinho. A presença de Deus, antes apenas uma ideia distante, agora é uma realidade que me acompanha. E essa presença muda tudo.

Hoje percebo que cada fase teve um propósito: a dor me ensinou dependência, o deserto me ensinou paciência, e a graça me ensinou amor. E é nesse entrelaçamento de experiências que encontro o verdadeiro significado de “vida restaurada”.

A fé me deu coragem, a família me deu direção e o propósito me deu sentido. Entendi que a graça não é apenas o ponto de partida da transformação, mas o fio condutor que atravessa toda a jornada. Entre a graça que me alcançou e o propósito que agora me guia, existe uma ponte construída por perseverança, oração e esperança — uma ponte firme, capaz de sustentar não apenas o meu caminho, mas também o de todos que, ao ouvirem minha história, acreditam que ainda há tempo para recomeçar.

Agora vivo com a certeza de que não fui salvo apenas para ser livre, mas para servir. Minha missão é simples, mas profunda: ser testemunha viva de que a graça é real e de que o propósito floresce justamente onde a dor um dia tentou deixar raízes. E é por isso que, quando olho para o futuro, já não vejo o medo do que virá, vejo a continuidade de um plano maior, escrito não pelas minhas mãos, mas pelas mãos Daquele que me resgatou, Jesus!

CAPÍTULO 5

A ARTE QUE NASCEU DAS NAVALHAS

O caminho que me trouxe até o universo das barbearias começou de forma quase imperceptível, como um fio solto do destino que se revela apenas quando o tempo o puxa com delicadeza. Ainda na Califórnia, entre as idas e vindas de uma vida de estudante, aprendi a cortar meu próprio cabelo por necessidade. Morando sozinho, sem dinheiro para luxos e com a curiosidade sempre alerta, comecei a observar, a experimentar, a moldar as próprias falhas até transformá-las em habilidade. A lâmina nas mãos, que antes tremia, passou a deslizar com firmeza, revelando um talento que, até então, eu desconhecia. Cortar o próprio cabelo, no início, era apenas uma tentativa de economizar, um gesto de sobrevivência entre as limitações financeiras de um estudante estrangeiro. No entanto, com o passar dos dias, aquele gesto trivial começou a ganhar um significado mais profundo e descobri, quase sem perceber, que a arte de cortar cabelo exigia o mesmo que a vida: atenção, paciência e coragem para corrigir o que não saía como o esperado. Cada corte era um pequeno exercício de coragem. Eu observava o reflexo, inclinava a cabeça, testava ângulos, ajustava linhas, e a cada erro aprendia mais sobre paciência e precisão. Era um diálogo silencioso entre a tesoura e o espelho, uma dança de tentativa e erro que, sem eu perceber, começou a moldar em mim um senso estético próprio. O cheiro do creme de barbear barato misturava-se ao som distante das ruas de San Diego, e, de algum modo, aquela simplicidade era libertadora. Eu tinha pouco, porém estava descobrindo um ofício que me conectava com a ideia mais pura de criação.

Aos poucos, cortar o próprio cabelo virou um gesto de independência, quase um ritual silencioso. Os amigos perceberam, pediam que eu os ajudasse também, e ali, entre risadas, música alta e improvisos no pequeno quarto que dividíamos, nascia algo que eu não sabia nomear, mas que, mais tarde, se tornaria um ofício de alma. Era curioso ver como aquele ambiente improvisado se transformava em um ponto de encontro. Havia quem chegasse apenas para conversar, outros para se distrair das saudades ou das dificuldades de viver longe de casa. Eu não cortava apenas cabelos; de alguma forma, já começava a tocar vidas. Essas experiências, embora simples, foram moldando em mim uma sensibilidade única. Aprendi a observar pessoas, a compreender suas expressões, a ler gestos e silêncios.

Percebi que cada rosto contava uma história diferente, e que cada cabelo carregava um traço de identidade. A barbearia, muito antes de existir fisicamente, já nascia ali, no imprevisto, no coração de um jovem tentando se encontrar em um país estrangeiro.

De volta ao Brasil, como já mencionei anteriormente, os anos se desenrolaram entre o marketing e a publicidade, mergulhei de corpo e alma na agência 4ALL Comunicação, onde comecei como aprendiz e acabei ocupando cargos de liderança, sempre movido pela vontade de aprender e fazer diferente. As campanhas que criei, o relacionamento com grandes marcas e o trabalho intenso renderam reconhecimento, prêmios e a sensação de que, finalmente, eu havia encontrado meu lugar no mundo corporativo.

Imagem: Um dos prêmios dentre os inúmeros recebidos.



Fonte: Arquivo pessoal.

O universo do marketing me fascinava. Nele, percebi o poder da comunicação, a força das ideias e a arte de construir narrativas capazes de emocionar. Havia, nesse trabalho, uma conexão com algo que eu já conhecia desde o futebol e, mais tarde, reencontraria na barbearia: o desejo de fazer parte da transformação das pessoas. Cada campanha, cada reunião, cada apresentação era, de certa forma, uma partida jogada em outro campo. Trabalhar com criatividade me fascinava, e a dinâmica do marketing despertava em mim a mesma energia que eu sentia nos campos de futebol: o desejo de vencer, de construir algo memorável, de superar expectativas.

Por um tempo, acreditei que aquele seria o meu destino. No entanto, a inquietação que sempre me acompanhou começou a falar mais alto. A rotina, por mais sólida que fosse, já não me bastava. Eu sentia falta do contato humano, do gesto artesanal, da criação com as próprias mãos. Foi então que um reencontro inesperado reacendeu a chama que eu havia acendido tantos anos antes, lá na Califórnia, diante do espelho e das lâminas afiadas. Esse reencontro teve nome: Eduardo Felipe. Um irmão de alma, companheiro de juventude e amigo que o tempo não apagou. Ele havia seguido um caminho brilhante, tornando-se dono da QOD Barbershop Niterói, uma das barbearias mais renomadas do Brasil. Foi ele quem, com entusiasmo e generosidade, me apresentou o universo profissional da barbearia, as técnicas modernas, o conceito de experiência premium e, principalmente, o significado de transformar um simples corte de cabelo em expressão de arte e identidade. Eduardo falava sobre o equilíbrio entre técnica e sensibilidade, sobre como cada corte deveria respeitar o rosto, o estilo e até a história de quem se sentava na cadeira. Aquilo me tocou profundamente. A lâmina, nas mãos certas, podia ser instrumento de beleza e transformação e, naquele instante, compreendi que não seria apenas um barbeiro, mas um artista disposto a ouvir o que o silêncio dos clientes tinha a dizer.

O início da nova jornada não foi movido pela vaidade de empreender, mas pelo desejo de criar algo que unisse técnica, estilo e significado. Eu sempre fui do tipo que cortava cabelo com o olhar, com o instinto. As técnicas estavam ali, claro, todavia, o que me guiava era o feeling, o entendimento da textura, da forma do rosto, do ritmo de cada pessoa que se sentava na cadeira. A barbearia, para mim, nunca foi apenas sobre estética. Era sobre pessoas, sobre histórias, sobre o poder de devolver a confiança a quem talvez a tivesse perdido em algum ponto do caminho.

Então nasceu o projeto que mudaria definitivamente o rumo da minha vida. Em 2018, com coragem e fé, abri minha própria barbearia, uma extensão da minha história, um espaço pensado para ser mais do que um salão de cortes. Eu queria criar um ambiente de experiência, um refúgio urbano onde cada cliente se sentisse parte de algo maior. Ali, o som das máquinas se misturava ao aroma do café fresco, e cada corte era acompanhado de conversa, risada e acolhimento. Era a minha forma de unir a arte ao propósito, o ofício à emoção. As paredes foram decoradas com elementos que contavam histórias: quadros que remetiam à cultura retrô, móveis de madeira robusta, iluminação quente. Cada detalhe tinha um significado. Eu queria que as pessoas se sentissem em casa, mas também em um lugar

especial, onde o tempo parecesse desacelerar. A barbearia era o retrato da minha trajetória, ou seja, simples e ao mesmo intensa.

O sucesso começou a surgir de forma natural, sem pressa, movido por autenticidade. Os clientes não vinham apenas pelo corte, vinham pela experiência. A barbearia se transformou em um espaço de convivência, onde o som das risadas se misturava ao barbear ritmado das máquinas, e as histórias se cruzavam como fios de cabelo no chão. Era o início de algo maior, um propósito que nascia entre o aço das navalhas e o calor humano das conversas sinceras.

Havia dias em que, ao fechar a barbearia, eu me sentava em silêncio e observava o espaço vazio. As luzes refletiam nas tesouras, o cheiro de loção pós-barba ainda pairava no ar, e um sentimento de gratidão profunda me invadia. Tudo aquilo era fruto de escolhas, de erros, de fé e de persistência. A barbearia não era apenas um negócio, era um reflexo da minha vida, construída com imperfeições, mas também com propósito e beleza. Ali, entre lâminas, histórias e café quente, eu percebi que a arte das navalhas era, na verdade, a arte de recomeçar.

Da Lâmina à Luz

Com o amadurecimento da barbearia e o crescimento do negócio, comecei a compreender que o que estávamos construindo ia além de um empreendimento. Aquele espaço se tornara um símbolo vivo de superação, de arte e de fé. Cada cliente atendido, cada elogio recebido, cada colaborador que crescia junto comigo confirmava que o trabalho manual, quando movido por propósito, é uma das mais puras formas de expressão humana.

Era curioso observar como a barbearia, que nasceu de uma ideia simples, começava a tomar proporções que iam muito além do imaginado. O que antes era apenas um sonho tímido agora se transformava em um ponto de encontro entre histórias, emoções e transformações. Os clientes, antes apenas fregueses, tornavam-se parte de uma comunidade, e cada cadeira ocupada parecia carregar um novo capítulo, um novo diálogo, um novo aprendizado. A cada dia, o salão pulsava com energia própria. O som ritmado das tesouras, o perfume da loção pós-barba, as risadas que ecoavam entre os espelhos e o vapor quente das toalhas formavam uma espécie de melodia cotidiana, quase sagrada. Era a trilha sonora da reinvenção.

Nesse contexto de consolidação e crescimento a vida me surpreendeu mais uma vez. Em 2019, recebi o convite para participar do programa da apresentadora Ana Maria Braga, um dos mais assistidos do Brasil. Ela havia se encantado pela minha trajetória, o jovem que saiu dos campos de futebol, enfrentou vícios e dores, reconstruiu sua vida e, com as próprias mãos, criou um empreendimento admirado nacionalmente. A entrevista foi transmitida para todo o país e, por alguns minutos, vi minha história ecoar nas telas de milhões de lares. No instante em que entrei no estúdio, as luzes intensas refletindo sobre o chão brilhante e o burburinho dos bastidores me fizeram lembrar dos dias em que eu era apenas um garoto cheio de sonhos. Enquanto esperava o início da gravação, minha mente viajava no tempo. Lembrei-me do campo de terra batida do Madureira, da fábrica do meu pai, das noites de solidão na Califórnia, das lágrimas silenciosas no quarto de hotel. Senti todas as versões de mim se reunidas ali, diante das câmeras, para testemunhar o que Deus havia feito na minha vida.

Quando a entrevista começou, senti algo que não sei descrever. A voz da apresentadora era suave, acolhedora, e suas palavras tinham o peso de quem realmente se interessa pela alma por trás da história. Ao contar sobre a trajetória que me trouxe até aquele momento, percebi que não era apenas sobre sucesso, mas sobre restauração. Cada frase carregava um pedaço de um caminho difícil, mas repleto de significado. A emoção me tomou de tal maneira que, por alguns segundos, o mundo pareceu desacelerar. Naquele estúdio, sob as luzes, não vi apenas um barbeiro sendo reconhecido. Vi o menino da fábrica do pai, o jovem perdido na Califórnia, o homem refeito pela fé, o marido e o pai que renasceram das cinzas. Vi em mim mesmo o reflexo de todas as versões que fui e de todas as que ainda poderia ser. A emoção foi tamanha que, por um instante, o barulho dos bastidores desapareceu e tudo o que restou foi a gratidão — uma gratidão profunda, silenciosa, quase sagrada.

A repercussão foi imensa. Pessoas que eu nunca havia conhecido começaram a enviar mensagens, contar suas próprias histórias, agradecer a inspiração. Eram homens e mulheres que, de alguma forma, haviam se reconhecido na minha trajetória. Alguns diziam que decidiram buscar ajuda após ouvirem meu relato, outros que retomaram sonhos que tinham abandonado. Perceber isso foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Descobri que a superação pessoal, quando compartilhada, tem o poder de acender luzes em outros corações. Eu não tinha apenas aberto uma barbearia; eu havia aberto uma porta para

que outros acreditassem na força do recomeço. Aquele espaço que nasceu de uma navalha e de uma ideia agora representava algo maior: a possibilidade de transformação através da fé, da disciplina e do amor ao que se faz.



Com o tempo, o negócio cresceu ainda mais. A barbearia se consolidou como uma das mais reconhecidas da América Latina, não apenas pela qualidade técnica, mas pela filosofia que a sustentava. Criamos cursos, formamos novos barbeiros, abrimos espaço para jovens que buscavam não apenas um emprego, mas uma oportunidade de reescrever a própria história. Muitos deles chegaram tímidos, sem rumo, e encontraram ali um propósito. Ver cada um florescer era como reviver, em parte, a minha própria caminhada.

Havia algo profundamente espiritual em ensinar. Transmitir o que aprendi era uma forma de gratidão. A cada corte que eu supervisionava, a cada orientação que dava, sentia que perpetuava um legado. A barbearia deixava de ser apenas um ponto físico e se tornava um organismo vivo, pulsante, onde a arte e o acolhimento caminhavam lado a lado.

Com o reconhecimento, vieram também as responsabilidades. A gestão da equipe, o cuidado com os detalhes, o compromisso com a qualidade, tudo exigia equilíbrio e dedicação. Contudo, mesmo com a correria, jamais deixei que o essencial se perdesse: a essência humana que me trouxe até ali. Era essa essência que mantinha o ambiente leve, acolhedor, sincero. Muitos clientes diziam que a barbearia os fazia se sentir em casa. E, de certa forma, era exatamente isso que eu queria proporcionar: um lugar onde o tempo desacelerasse, onde o homem pudesse cuidar de si, conversar, rir, relaxar. O corte de cabelo era apenas o começo. O que realmente importava era o que acontecia dentro das pessoas durante aquele tempo.

A fé, que já havia sido o alicerce da minha libertação, continuava sendo a força silenciosa por trás de tudo. Antes de abrir a barbearia, eu orava. Antes de iniciar um novo projeto, eu buscava direção. E em cada conquista, reconhecia a mão de Deus me guiando. Foi Ele quem me deu o dom, quem abriu as portas, quem me sustentou nos dias em que pensei em desistir. A barbearia era, acima de tudo, um testemunho da graça divina manifestada em trabalho e amor.

A consagração diante do público não alterou o que eu era. Pelo contrário, reforçou a convicção de que o verdadeiro sucesso é permanecer fiel à própria essência. Não me via como uma celebridade, mas como um homem comum que decidiu não se render às adversidades. Cada reconhecimento era um lembrete da responsabilidade de inspirar outros a fazerem o mesmo.

Hoje, quando caminho pelo salão, vejo mais do que um negócio. Vejo um espaço de reencontros. Homens que chegam cabisbaixos e saem sorrindo, pais e filhos que compartilham um corte e uma conversa, amigos que voltam não só pelo serviço, mas pelo acolhimento. A barbearia se tornou um ponto de encontro de histórias, um pequeno templo de confiança e humanidade.

Às vezes, observo de longe e me pego sorrindo ao ver a movimentação: o som das máquinas misturado à música suave, o cheiro da loção no ar, o brilho metálico das tesouras sob a luz amarelada. Cada detalhe parece ter vida própria, como se o ambiente respirasse gratidão. É nesse momento de silêncio que me recordo de tudo o que vivi, as dores, os tropeços, as renúncias e percebo que tudo valeu a pena.

Ao olhar para tudo o que construí, compreendo o significado do título deste livro: *Dos campos de futebol à arte das navalhas*. A vida me levou por caminhos imprevisíveis, mas em todos eles, houve um propósito: aprender a criar beleza a partir das quedas, transformar

feridas em sabedoria e fazer da minha história uma prova de que é possível renascer quantas vezes forem necessárias.

Hoje, a barbearia é o campo onde continuo jogando com paixão, disciplina e entrega, só que agora a vitória não está mais no gol marcado, e sim em cada rosto que sai da cadeira com um novo semblante de confiança. E é nessa troca silenciosa entre lâmina e pele, entre olhar e espelho, que encontro a minha maior recompensa: ver a esperança renascer, fio a fio, corte a corte, como se a vida inteira pudesse ser redesenhada no simples gesto de aparar uma história e revelar outra.



Ecos de Propósito

O sucesso da barbearia não foi apenas o resultado de uma boa ideia, mas de uma construção pautada em propósito, visão e constância. Desde o início, eu compreendi que abrir um negócio não significava apenas cortar cabelos ou gerenciar pessoas, mas criar um espaço de experiência, um ambiente onde cada detalhe refletisse cuidado, autenticidade e excelência. Essa mentalidade foi o alicerce de tudo o que viria depois.

Quando inaugurei a primeira unidade, tinha plena consciência de que o desafio seria grande. O mercado já estava cheio de barbearias, algumas muito conhecidas, porém poucas com uma proposta clara de valor. Eu queria oferecer mais do que um serviço: queria entregar

uma vivência completa, onde o cliente se sentisse acolhido desde o momento em que cruzava a porta até o instante em que se olhava no espelho ao final do corte. Minha visão sempre foi transformar o ato de cortar cabelo em um ritual de autoestima, um tempo de pausa no meio da correria do dia.

A inspiração para esse modelo de negócio veio não apenas da Califórnia, mas de tudo o que aprendi em minha trajetória. A disciplina dos treinos de futebol, a persistência nos anos de reabilitação, o olhar criativo desenvolvido no marketing, tudo se uniu em uma só fórmula. Eu percebi que o verdadeiro empreendedorismo é a soma da técnica com o propósito, e que o lucro, quando vem acompanhado de propósito, se transforma em legado.

Os primeiros meses foram intensos. Dormia pouco, trabalhava o tempo todo e fazia questão de acompanhar cada detalhe: o atendimento, o som ambiente, o aroma do espaço, a disposição dos móveis e até o modo como o cliente era recebido. Eu sabia que os negócios que prosperam são aqueles que cuidam do invisível, das pequenas coisas que o cliente nem percebe conscientemente, mas sente. Transformar a barbearia em referência não era uma questão de sorte, e sim de método, de gestão, de atenção constante ao que podia ser melhorado. Com o crescimento, veio a necessidade de formar uma equipe. E foi nesse ponto que compreendi o verdadeiro sentido de liderar. Liderar não é apenas mandar, é inspirar. É ajudar as pessoas a enxergarem o melhor nelas mesmas. Eu comecei a treinar os barbeiros com o mesmo rigor com que fui treinado nos campos de futebol. Ensinei que cada corte é uma obra única, que cada cliente traz consigo uma história e que o respeito por essa história é o que diferencia um serviço comum de uma experiência memorável. Construímos juntos uma cultura de excelência, onde o resultado era importante, mas o propósito era o que guiava cada decisão.

A barbearia cresceu, ganhou reconhecimento, e com o tempo se tornou referência em estilo, atendimento e gestão. O que começou como um pequeno negócio passou a atrair atenção de empreendedores de várias partes do país que queriam entender como transformar uma ideia em um conceito de marca sólida. Fui convidado para palestras, eventos e entrevistas, compartilhando o que aprendi na prática: que sucesso não é sobre ter tudo, mas sobre fazer bem o que se tem, com constância, estratégia e paixão.

A estrutura da barbearia também foi evoluindo. Criamos um modelo de atendimento por agendamento digital, otimizando o tempo dos clientes e da equipe. Investimos em tecnologia, treinamento contínuo e marketing de relacionamento. O mesmo olhar estratégico

que eu havia desenvolvido na 4 All Comunicação se tornou uma das minhas principais ferramentas. Aprendi que a comunicação é a ponte entre o propósito e o público, e que toda marca precisa ter uma voz, uma identidade e um discurso coerente com o que oferece.

O reconhecimento nacional foi consequência natural desse trabalho. Ser eleito como a melhor barbearia da América Latina foi uma conquista que ultrapassou qualquer expectativa. Não era apenas um troféu, era a validação de anos de dedicação e a prova de que o esforço e a constância constroem resultados duradouros. Cada etapa dessa caminhada foi marcada por desafios e aprendizados. Em muitos momentos, precisei tomar decisões difíceis, renunciar oportunidades que não faziam sentido com os valores da marca e aprender a delegar, algo que exige maturidade e confiança.

Com o tempo, compreendi que o papel do empreendedor é muito maior do que gerar lucro. O verdadeiro impacto de um negócio está nas vidas que ele transforma, sejam clientes, colaboradores ou parceiros. Eu via jovens barbeiros crescendo dentro da barbearia, adquirindo não apenas técnica, mas propósito, desenvolvendo-se como profissionais e como pessoas. Cada história de superação dentro da equipe se tornava um reflexo da minha própria trajetória. O ciclo de transformação que começou comigo agora se multiplicava em dezenas de outras vidas. Ao mesmo tempo, eu buscava constante inovação. Empreender é não se acomodar. É entender que todo sucesso carrega o risco da estagnação, e que a melhor maneira de honrar o que foi conquistado é continuar evoluindo. Com essa mentalidade, ampliei os serviços, modernizei o ambiente, busquei novas parcerias e mantive o foco em excelência e autenticidade.

O episódio no programa da Ana Maria Braga marcou um divisor de águas. Aquela exposição em rede nacional mostrou que minha história não era apenas sobre superação, mas também sobre empreendedorismo com propósito. Ali percebi que eu poderia inspirar outras pessoas a acreditarem nos próprios sonhos, mesmo quando a vida insiste em mostrar o contrário. Recebi mensagens de homens e mulheres de diferentes lugares do Brasil, contando como minha história os motivou a recomeçar, a abrir um negócio, a buscar ajuda, a mudar de rota, e então que pude perceber que o verdadeiro sucesso é quando a sua trajetória começa a iluminar o caminho de outros.

Hoje, quando olho para tudo o que construí, vejo muito mais do que uma barbearia premiada. Vejo uma escola de valores, um espaço de propósito e de aprendizado contínuo. Cada colaborador, cada cliente, cada parceria carrega um pedacinho dessa filosofia que foi

sendo lapidada ao longo dos anos: acreditar no trabalho, manter a integridade, e jamais perder a paixão pelo que se faz.

O tempo me ensinou que empreender é, antes de tudo, um ato de fé — fé em si mesmo, no propósito e nas pessoas. Nada do que conquistei teria sido possível sem a perseverança que aprendi no esporte, sem a humildade que adquiri nas quedas e sem o amor que encontrei na família. Hoje, o eco dessa jornada se espalha em cada gesto, em cada história compartilhada dentro da barbearia, em cada olhar satisfeito refletido no espelho. E se há algo que aprendi, é que propósito não se mede por números, mas por impacto. O verdadeiro legado de um empreendedor está na capacidade de transformar o trabalho em instrumento de transformação de vidas, de histórias, de destinos. E é isso que me move todos os dias: a certeza de que, enquanto houver alguém disposto a recomeçar, sempre haverá espaço para criar, inspirar e transformar.

Um Novo Chamado

Depois de tantas transformações, da libertação pessoal à reconstrução familiar e profissional, algo novo começou a pulsar dentro de mim, um chamado que não vinha das circunstâncias, mas da alma. Era uma inquietação diferente, um sussurro silencioso que me convidava a olhar para algo além do sucesso, além das conquistas materiais. Eu havia aprendido a vencer no mundo, porém agora sentia que precisava entender o porquê de vencer, para quem e com qual propósito.

Tudo começou de forma quase imperceptível, sem grandes sinais ou acontecimentos extraordinários. Foi um despertar suave, como a luz que invade o quarto pela fresta da cortina ao amanhecer. Em 2018, quando minha esposa, Tamella, ficou grávida da nossa filha Manuela, eu já vivia uma fase de estabilidade. A tempestade da dependência havia cessado, a família estava novamente unida e o trabalho florescia. Eu começava a colher os frutos de anos de esforço, tanto nos negócios quanto nos investimentos que havia iniciado, aprendendo, com disciplina e curiosidade, a navegar no mundo do mercado financeiro. Entre acertos e erros, comecei a entender que prosperar não era apenas acumular, mas administrar com sabedoria o que se conquistava.

Foi nessa mesma época que decidi dar vida à barbearia. Não seria apenas um empreendimento, mas um símbolo de libertação, o marco de que eu podia criar algo meu,

do zero, com as próprias mãos. Depois de anos trabalhando em projetos de outras pessoas, eu sentia a necessidade de deixar uma marca autêntica no mundo. Queria que minha história falasse de superação, não de herança. A barbearia era, de certo modo, o espelho do que eu me tornara: um homem que aprendeu a reconstruir o que antes parecia perdido, com paciência, coragem e fé em processo. Durante essa nova fase, minha esposa permaneceu como meu maior alicerce. Ela sempre foi o coração sereno no meio das minhas tempestades. Trabalhamos juntos por um tempo na 4All Comunicação, e mais do que companheira, ela foi presença sábia, capaz de enxergar caminhos quando tudo parecia incerto. Sua fé constante era algo que eu admirava, embora ainda não compreendesse por completo. Vinda de uma família evangélica, ela vivia sua espiritualidade com naturalidade e profundidade, enquanto eu, criado num lar católico pouco praticante, carregava uma religiosidade mais tradicional, marcada por rituais e muito distante de intimidade com Deus.

Durante muito tempo, essa diferença foi motivo de desconforto silencioso. Eu respeitava a fé dela, só que eu não me envolvia. Havia em mim uma resistência típica de quem acredita que pode controlar tudo sozinho. E, para ser honesto, também havia o preconceito que tantos têm sem sequer perceber: a ideia de que o evangelho é fanatismo, que fé viva é ingenuidade. Eu repetia piadas e comentários ouvidos por aí, sem compreender que, enquanto zombava da fé alheia, era a minha própria alma que permanecia vazia. Foi então que Deus começou a agir de modo sutil, paciente, através da vida da minha esposa. Sem imposições, sem discursos. Apenas pela coerência. Ela orava em silêncio, com o coração cheio de esperança. Eu não sabia, mas cada vez que ela se ajoelhava, meu nome estava em suas orações. Ela acreditava que o mesmo Deus que havia me libertado das drogas poderia também libertar meu coração da incredulidade.

A semente começou a germinar durante o período da minha reabilitação. Aquele tempo de isolamento e reflexão abriu espaço para algo novo florescer. A ausência do mundo lá fora me fez ouvir o que dentro de mim sempre foi abafado: o desejo de paz verdadeira. Foi então que, por meio de minha esposa, comecei a assistir a mensagens de pastores jovens que falavam com simplicidade e verdade. Entre eles, André Fernandes e Deive Leonardo se tornaram instrumentos de transformação. As palavras deles não soavam como sermões, pareciam mais conversas sinceras entre amigos. Pastor André, com seu jeito leve, falava sobre dor, fé e recomeço como quem conhece de perto as cicatrizes que carrega. Deive, com sua sensibilidade, me fazia enxergar Jesus não como uma figura distante, mas como alguém que

caminha ao nosso lado mesmo quando nos perdemos. A cada vídeo assistido uma peça se encaixava no quebra-cabeça da minha alma. Quanto mais eu ouvia, mais sentia algo se mover dentro de mim. Um espaço antigo, antes ocupado por vícios, medos e culpas, começava a ser preenchido por uma paz que eu nunca havia experimentado. Pela primeira vez, eu sentia gratidão pelo meu passado. Não porque ele fosse bonito, mas porque foi através dele que encontrei o caminho para Deus.

Comecei a ler a Bíblia, primeiro por curiosidade, depois por necessidade. Cada versículo parecia ter sido escrito para mim. As histórias de redenção, os conselhos de sabedoria, as promessas de recomeço, tudo fazia sentido. A Palavra se tornava em transformação da minha vida, e eu me via em cada passagem sobre queda, perdão e renascimento. Deus, que antes era apenas uma ideia distante, passou a ser presença viva, alguém com quem eu podia conversar, agradecer e confiar.

Quando saí da reabilitação, algo dentro de mim havia mudado de forma definitiva. Não era apenas o corpo livre de dependências; era a alma livre de algemas invisíveis. Eu não queria apenas viver limpo, queria viver com propósito. Descobri que a verdadeira liberdade não está em fazer o que se quer, mas em saber o porquê de se viver. O vício tinha sido a prisão, mas a ausência de sentido era o verdadeiro cativo. E agora, ao reencontrar o propósito através da fé, eu experimentava o que significa ser realmente livre. A fé, aos poucos, passou a guiar minhas decisões. Ela influenciava a forma como eu tratava as pessoas, como conduzia meus negócios, como educava meus filhos e até como me via diante do futuro. Já não se tratava de buscar sucesso, e sim de ser instrumento de algo maior, pois o propósito não necessariamente nasce do que fazemos, mas principalmente, de quem nos tornamos.

Hoje, ao recordar esse despertar espiritual, vejo que ele foi o elo que uniu todas as partes da minha história — da infância à reconstrução de um lar, do gramado ao salão da barbearia. Tudo o que vivi, cada queda e cada vitória, foi o caminho que me conduziu até aqui, ao entendimento de que não existe sucesso sem sentido, nem conquista sem propósito.

O chamado de Deus não chegou como uma voz estrondosa, mas como uma presença constante, que se revelou no silêncio, na rotina, no olhar dos meus filhos, na fé da minha esposa e no trabalho das minhas mãos. Foi Ele quem deu novo significado às minhas cicatrizes, transformando dor em testemunho e esforço em adoração. E embora eu ainda caminhe aprendendo, sei que esse chamado não tem fim. A fé não me afastou do mundo;

ela me ensinou a enxergá-lo com novos olhos, a ver propósito onde antes havia pressa, a ver milagres nas pequenas coisas, a ver graça até nos dias comuns.

Hoje, quando me sento em silêncio após um longo dia de trabalho e observo a barbearia cheia de vida, percebo que tudo está conectado: o talento, o esforço, a família, a fé. Deus usou cada capítulo da minha história para moldar quem eu sou. E se um dia o futebol me ensinou sobre disciplina, e o empreendedorismo sobre coragem, a fé me ensinou o mais importante de todos os aprendizados: que o verdadeiro sucesso é viver para servir.

Da teoria à prática da fé

Com o coração transformado e a mente renovada, eu sentia que algo dentro de mim havia mudado, porém não bastava apenas sentir. Eu queria entender mais profundamente aquele Deus que me libertou, compreender sua Palavra e viver aquilo de forma prática. Foi nesse desejo de crescer espiritualmente que a fé começou a se tornar não apenas uma experiência, mas um estilo de vida. A transformação que antes parecia apenas uma emoção passageira passou a ganhar contornos de disciplina e propósito. Eu não queria mais ser apenas um sobrevivente da própria história; queria me tornar alguém capaz de inspirar, de ensinar pelo exemplo. A fé, então, deixou de ser um abrigo momentâneo para se tornar uma estrutura sólida sobre a qual comecei a construir todas as outras áreas da minha vida.

Depois que saí da reabilitação, eu e minha esposa nos tornamos ainda mais unidos na fé. Começamos a frequentar a Igreja Batista da Lagoinha Alphaville, em São Paulo, um lugar que rapidamente se tornou nosso lar espiritual. Todas as peças da minha vida começaram, enfim, a se encaixar. A cada domingo, eu saía da igreja com o coração leve e uma sensação de propósito renovado e podia sentir Deus me dizendo: “Agora é comigo.” As mensagens, os louvores e os testemunhos das pessoas ao redor me tocavam profundamente. Eu percebia que, assim como eu, muitos ali haviam chegado despedaçados, tentando encontrar sentido, e era justamente na comunhão, na partilha, que a cura acontecia. A igreja não era um prédio, era um encontro de vidas. Ali compreendi que Deus não conserta apenas o que foi quebrado; Ele transforma os cacos em algo completamente novo.

Nesse período decidimos fazer juntos o curso Carisma, um seminário teológico oferecido pela própria igreja. Durante um ano inteiro, todos os sábados, nós mergulhamos no estudo da teologia, aprendendo mais sobre a Bíblia, sobre o caráter de Cristo, e sobre o

que significa viver de acordo com os princípios do Reino. Era um aprendizado profundo e, ao mesmo tempo, prático. As aulas me despertavam um tipo de entusiasmo que eu não sentia havia muito tempo. Era uma energia serena, diferente da euforia que o futebol me trazia. Havia um despertar silencioso, uma curiosidade viva, uma sede de compreender a vida sob uma nova perspectiva. Cada tema estudado parecia abrir uma janela dentro de mim, iluminando lugares que eu nem sabia que existiam. Eu mergulhava nos textos, nas discussões e nas orações como quem busca não apenas aprender, mas se reconstruir. Eu anotava cada ensinamento com zelo, refletia sobre versículos, discutia temas com colegas e descobria que a fé podia, sim, conviver com a razão. A teologia me ensinava que o verdadeiro conhecimento de Deus não se limita a sentir Sua presença, mas a entender Sua vontade e traduzi-la em atitudes concretas.

No começo, confesso que vinham pensamentos ruins querendo me assombrar pelas marcas do passado, os vícios, as quedas, a sensação de não ser digno de estar ali e, por vezes, até olhava em volta e me perguntava se realmente poderia pertencer àquele ambiente, se Deus podia mesmo usar alguém como eu. Havia momentos em que o peso da culpa tentava me arrastar de volta para velhas memórias, lembranças de erros que eu acreditava irreparáveis. Contudo, a cada aula, a cada leitura e oração, eu percebia que o arrependimento não é uma sentença e sim, uma ponte. Deus não me chamava por quem eu havia sido, mas por quem eu ainda podia me tornar. E essa consciência me libertou de um dos piores cárceres: o de não se achar digno do perdão. Porém, com o tempo, percebi que é justamente esse o maior símbolo da graça: Ele não escolhe os perfeitos, escolhe os disponíveis. E eu estava ali, disponível. Ser “disponível” para Deus exigia mais do que boas intenções; significava abrir mão do controle, do orgulho, e permitir que Ele me conduzisse mesmo quando o caminho não fazia sentido. Eu comecei a compreender que a obediência é o terreno onde a fé floresce. Foi ali, nas salas do Carisma, que aprendi que servir é um dos verbos mais altos do Reino.

O curso Carisma foi um divisor de águas. Ele não apenas me ajudou a entender melhor a Bíblia, mas me fez olhar para mim mesmo com mais compaixão. Eu aprendi que fé não é ausência de falhas, e sim a coragem de se levantar depois delas. Aprendi sobre perdão, sobre humildade e, principalmente, sobre propósito, porque cada pessoa tem um chamado, e o meu começava a se revelar com mais clareza. Descobri que a teologia não é apenas o estudo sobre Deus, mas sobre o homem diante d’Ele. Compreender a Palavra me

fazia enxergar o mundo com olhos de misericórdia e me lembrava que cada ato de bondade, cada gesto de amor, cada palavra de consolo é também uma forma de evangelho. Foi nesse contexto que compreendi que meu testemunho pessoal poderia ser usado como instrumento, que aquilo que me envergonhava no passado agora podia se tornar o canal de transformação para outros.

Minha esposa, sempre firme, era minha parceira também nessa jornada espiritual. Ver a forma como ela se envolvia, como vibrava com cada aprendizado, me inspirava. Foi ela quem me ajudou a entender que servir a Deus é, antes de tudo, servir pessoas. Ela me ensinou, com o exemplo, que o amor não se demonstra apenas nas palavras, mas nas atitudes diárias: no cuidado com os filhos, na paciência com as dificuldades, na generosidade com o próximo. A fé dela era simples e ao mesmo tempo profunda, e isso me desafiava. Eu observava a serenidade com que ela reagia aos problemas e percebia que sua força vinha de um lugar que eu também queria habitar. Aos poucos, a espiritualidade dela se tornou o norte silencioso da minha caminhada.

Com o tempo, a fé que antes era apenas um conhecimento começou a se tornar prática. Eu deixei de ser apenas um frequentador de igreja e passei a servir ativamente.

Quando nos mudamos para os Estados Unidos, já com uma nova etapa de vida pela frente, encontrei na Lagoinha Orlando o mesmo acolhimento e a mesma presença de Deus que havíamos experimentado no Brasil. A transição de país, que em outros tempos teria sido marcada por incertezas e ansiedade, agora se fez acompanhada de uma convicção tranquila: onde há fé, há lar. Mesmo longe da terra natal, percebi que o corpo de Cristo é um só, e que a comunhão verdadeira ultrapassa fronteiras geográficas.

Em Orlando, senti novamente a chama do propósito reacender e descobri uma nova forma de servir. Percebi que minha habilidade natural com tecnologia, gravação e edição de vídeo podia ser usada como ferramenta de ministério e então comecei a atuar no Ministério de Streaming da Lagoinha Orlando, ajudando nas filmagens dos cultos e na transmissão das celebrações para quem assistia online. Foi uma descoberta surpreendente: o dom que um dia usei em outras áreas agora ganhava um significado eterno. Entre câmeras e luzes, percebi que não era apenas um técnico de imagem, mas um instrumento para levar esperança. Cada transmissão, cada enquadramento, cada ajuste de som era um pequeno ato de serviço a um propósito maior.



Inicialmente, era algo simples, mas logo percebi que cada imagem capturada, cada som ajustado, cada detalhe técnico fazia parte de algo muito maior: levar a mensagem de Deus a pessoas que, muitas vezes, estavam vivendo o mesmo tipo de desespero que eu já vivi. Servir à igreja me trouxe uma alegria que nenhuma conquista profissional havia trazido antes. Ali, entre câmeras, cabos e gravações, eu encontrava propósito. Aquele ambiente, repleto de trabalho voluntário, fé e amizade, se tornou um prolongamento da minha casa. As conversas antes dos cultos, o preparo das transmissões, o cuidado com cada detalhe técnico se transformou em momentos de comunhão e aprendizado. Eu percebia que, enquanto ajudava a levar a Palavra, Deus também continuava me moldando. Servir não era um fardo, era um privilégio. Não era apenas sobre estar em um templo, era sobre fazer parte de algo que transforma vidas. Ali compreendi que o verdadeiro evangelho é movimento, é levar a luz para os lugares onde ainda existe escuridão. E, de certa forma, minha missão sempre foi essa: transformar dor em esperança, fracasso em fé, ruína em renascimento.

Com tudo o que aconteceu na minha trajetória fui enxergando como Deus tinha usado cada etapa da minha história para me transformar, tudo estava se alinhando. Deus transformou cada cicatriz em um instrumento para me aproximar d'Ele. Hoje, a cada culto que transmito, cada gravação que ajusto, é um lembrete de que a fé não é algo teórico, mas

vivo. É ação, é entrega, é amor em movimento. Com o tempo, percebi que o chamado de Deus não se manifesta apenas em grandes feitos, mas na constância do servir. Ele se revela na disposição de estar presente, de ajudar, de contribuir, mesmo sem aplausos. E foi nesse serviço silencioso que encontrei plenitude, a mesma plenitude que, um dia, procurei em tantos lugares errados.

E assim, pouco a pouco, percebi que o verdadeiro ministério não começa no palco e sim, no coração. Não se mede por holofotes ou aplausos, mas pela disposição de dizer: “Eis-me aqui, Senhor. Usa-me.”

Hoje, quando olho para minha caminhada, entendo que cada passo foi cuidadosamente orquestrado para me conduzir até esse ponto, o ponto em que fé, trabalho e propósito se unem. Não há contradição entre ser empresário e servo; entre liderar e se ajoelhar. Tudo faz parte da mesma sinfonia da graça, que me ensinou que servir a Deus é a maior forma de liderança que existe.



O Legado das Lâminas

O tempo, com sua calma implacável, tem o poder de revelar o que realmente permanece. Depois de tantas idas e vindas, conquistas e quedas, percebo que minha história não se resume às dificuldades superadas, mas à forma como cada uma delas foi transformada em aprendizado. A barbearia, que nasceu de um sonho simples e das mãos calejadas de quem

já conheceu o fundo do poço, tornou-se mais do que um negócio próspero. Ela se transformou em um símbolo de recomeço, um lembrete diário de que a redenção também pode ter cheiro de loção pós-barba e som de tesoura em movimento.

Hoje, quando abro as portas do salão, não enxergo apenas cadeiras alinhadas e espelhos reluzentes. Vejo a materialização de uma jornada. Cada detalhe, do corte preciso ao atendimento acolhedor, carrega a marca da fé, da disciplina e do amor pelo que se faz. A barbearia é, de certa forma, uma extensão da minha alma, um reflexo daquilo que aprendi sobre resiliência e propósito.

Ao longo dos anos, fui vendo que o verdadeiro sucesso não está apenas nos números ou nos troféus, mas na capacidade de tocar vidas. Homens entram no salão carregando o peso dos dias, e saem com o semblante leve, com o olhar revigorado. Essa transformação simples, quase imperceptível, é o que dá sentido ao meu trabalho. Cada cliente é uma história. Cada rosto é um universo. E em cada um deles encontro o privilégio de servir, de escutar, de inspirar.

O reconhecimento veio como consequência. Ser convidado para contar minha trajetória em programas de alcance nacional foi emocionante, mas também um lembrete da responsabilidade que carrego. Milhares de pessoas ouviram sobre um garoto que sonhou nos campos de futebol, caiu nas armadilhas da vida e se reergueu através da fé e do trabalho. Receber esse espaço de fala não alimentou o ego, alimentou a missão. Porque, no fundo, a visibilidade só tem valor quando ilumina o caminho de outros.

A fé, que outrora foi um refúgio, tornou-se bússola. Ela guia cada decisão, cada novo passo, cada investimento e cada gesto de liderança dentro e fora da barbearia. Com o tempo, percebi que não havia separação entre espiritualidade e profissão. A excelência também é uma forma de adoração, e o trabalho bem-feito é uma oração silenciosa que honra o Criador. Essa consciência transformou o modo como conduzo meus negócios e como enxergo as pessoas ao meu redor.

A paternidade, por sua vez, ampliou meu senso de propósito. Antônio e Manuela são o lembrete vivo de que o tempo é precioso e de que tudo o que construo tem um motivo maior. Cada vez que eles me observam trabalhando, quero que vejam mais do que um empresário. Quero que enxerguem um homem que aprendeu com os erros, que acreditou no perdão e que entendeu que o sucesso é vazio quando não é compartilhado. A herança

que desejo deixar a eles não está no patrimônio, mas no caráter, na fé e na coragem de recomeçar sempre que a vida exigir.

Há dias em que volto mentalmente àquela primeira noite em San Diego, no quarto de hotel silencioso, e percebo que o círculo se fechou. O jovem inseguro e o homem que agora conduz equipes, negócios e projetos são o mesmo, separados apenas pelo tempo e pela fé. A diferença é que, agora, sei que cada perda teve um propósito e cada vitória trouxe uma lição. A gratidão passou a ser o fio invisível que costura minha trajetória.

O legado que construo não é feito apenas de lâminas afiadas, mas de histórias que se cruzam todos os dias naquele espaço. Jovens barbeiros encontram ali a chance de aprender, de sonhar e de crescer. Homens redescobrem a autoestima. Famílias se reúnem, conversam, riem. Tudo isso nasceu de um simples desejo de dar um novo sentido à vida. O que começou como uma forma de sustento se transformou em um ministério silencioso, um lugar onde a fé e o trabalho caminham lado a lado.

Hoje, quando as luzes da barbearia se apagam e o silêncio toma o lugar do burburinho do dia, agradeço. Agradeço por cada cliente, por cada desafio superado, por cada etapa dessa longa caminhada. Aprendi que a vida não precisa ser perfeita para ser plena. Ela só precisa ser verdadeira, vivida com entrega e gratidão.

A história que começou nos campos de futebol e passou pelas ruas ensolaradas da Califórnia encontrou seu ápice nas navalhas, nas conversas, nos reencontros. A arte das lâminas me ensinou sobre paciência, precisão e presença. E, acima de tudo, me ensinou que o destino mais belo que um homem pode alcançar é aquele onde a vocação se encontra com o propósito.

Epílogo – Dos Campos à Arte das Navalhas

Dos campos de terra batida, onde aprendi o valor da persistência, às longas madrugadas nas cozinhas abafadas da Califórnia, cada experiência, por mais dura que tenha sido, serviu como lapidação de caráter e percebo que cada etapa da minha vida foi um ensaio silencioso para o propósito que hoje me sustenta. A dor, a espera e o silêncio formaram a liga invisível que moldou o homem que agora observa o próprio caminho com serenidade.

Hoje, quando atravesso o salão da barbearia e observo o vaivém dos barbeiros concentrados, o brilho do aço refletindo a luz e as conversas que se misturam ao som das máquinas, compreendo que o verdadeiro sucesso não se revela em aplausos, mas na constância de quem insiste todos os dias. Cada gesto cuidadoso, o olhar atento sobre cada cliente e a harmonia que pulsa no ambiente me lembram que vencer é permanecer fiel ao propósito mesmo quando ninguém está olhando.

A barbearia não nasceu de cálculos ou estratégias, mas de uma necessidade que se transformou em vocação. Começou como um improviso de sobrevivência, quando eu cortava o próprio cabelo para economizar e, sem perceber, descobria nas mãos uma forma de expressão. Mais tarde, essa prática ganhou corpo e se tornou missão. Cortar cabelos passou a ser mais do que um ofício; era uma forma de traduzir histórias. Cada pessoa que se sentava na cadeira trazia consigo o peso de suas próprias jornadas, e eu aprendi a escutar não apenas com os ouvidos, mas com o coração.

O salão se transformou em um espaço de reencontros. Homens que chegavam abatidos saíam com o semblante leve, como se o corte devolvesse a aparência e a confiança. Ali, o espelho não refletia apenas rostos, mas possibilidades. O ambiente, perfumado por loções e marcado pelo som compassado das tesouras, tornou-se um cenário de reconstrução silenciosa.

As conquistas vieram como consequência natural do trabalho feito com propósito. O reconhecimento nacional e as aparições em programas de TV, como o convite para contar minha história no programa da Ana Maria Braga, não foram marcos de vaidade, mas de gratidão. Naquele estúdio, sob as luzes e câmeras, eu não vi apenas um barbeiro sendo entrevistado. Vi todas as versões de mim mesmo: o menino que sonhava no campo, o jovem que se perdeu na Califórnia, o homem que se reergueu pela fé. Era como se o tempo inteiro tivesse sido costurado num só instante.

O verdadeiro sucesso, porém, nunca esteve nos holofotes. Ele se revela nas manhãs discretas, quando abro as portas e encontro minha equipe pronta, unida e comprometida. Está nos aprendizes que chegam inseguros e se tornam mestres; nos clientes que voltam não apenas por estética, mas pela experiência de se sentirem vistos. O impacto de um trabalho se mede menos pelo faturamento e mais pela transformação que ele provoca.

Há dias em que chego cedo, antes do movimento começar, e me permito alguns minutos de silêncio. O som distante da cidade ainda adormecida me faz lembrar do menino

que acreditava que vencer era marcar gols. Hoje, entendo que a vitória está na permanência. A barbearia é o novo campo onde continuo jogando e o gol acontece toda vez que alguém sai dali mais confiante do que entrou.

A fé, que um dia foi o meu resgate, tornou-se também o alicerce da minha prosperidade. Aprendi que prosperar não é acumular, é florescer com propósito. O trabalho se transformou em expressão de gratidão, e a disciplina, em forma de oração. Essa consciência mudou tudo: a maneira de lidar com as pessoas, de conduzir a equipe e até de enxergar os desafios do cotidiano. Nenhum resultado é apenas fruto de esforço; é também reflexo de propósito.

Ser empresário, descobri, é servir. Servir com integridade, com empatia e com senso de responsabilidade. O cliente que se senta na cadeira traz mais do que um cabelo a ser cortado, traz um pedaço da própria história e compreender isso é o que transforma o trabalho em arte. Com o passar dos anos, aprendi que o verdadeiro legado não se deixa em bens e sim, em valores.

Ter a minha esposa e meus filhos ao meu lado, me faz enxergar que a conquista mais grandiosa é o lar que construímos juntos. Antônio e Manuella me ensinaram que o tempo é o bem mais precioso e que o exemplo fala mais alto do que qualquer discurso. Quero que eles cresçam sabendo que vencer é ser constante, é seguir fiel aos princípios mesmo quando o mundo parece girar em outra direção.

A paz que tenho não nasceu do conforto, mas da reconciliação com a minha própria história. É a serenidade de quem entende que tudo teve um propósito, desde as quedas, até os atrasos. A fé me ensinou que Deus não desperdiça dor alguma: Ele transforma tudo em matéria-prima de aprendizado.

Agradeço pelos dias em que me senti sem rumo, porque foram eles que me ensinaram a buscar direção. Agradeço pelas feridas, porque nelas descobri o valor da cura. E agradeço pelas lutas, porque sem elas eu nunca teria conhecido a força que existe em permanecer de pé.

Encerrar esta jornada não é colocar um ponto final, é apenas virar a página com consciência de que a história continua — em cada cliente que entra no salão, em cada colaborador que encontra propósito no que faz, em cada leitor que descobre que o fracasso não é sentença, mas convite ao recomeço.

“Dos Campos de Futebol à Arte das Navalhas” é mais do que o nome de um livro. É a tradução de uma vida que aprendeu a transformar dor em propósito e ofício em missão.

A vida, percebi, é como um corte bem-feito: exige precisão, paciência e coragem para remover o que já não serve. É um processo de aprimoramento constante, onde a beleza está em saber quando parar, quando ajustar, quando confiar no resultado.

Portanto, sigo em frente com o mesmo coração grato e as mãos firmes. Se o futebol me ensinou a lutar e a queda me ensinou a recomeçar, a fé me ensinou a permanecer. E é nela que repousa tudo o que sou.

A arte das navalhas é, para mim, mais do que trabalho, é um lembrete de que as cicatrizes podem, sim, se tornar obras de arte quando entregues nas mãos certas.

FERIDAS DA INOCÊNCIA À CURA: UMA HISTÓRIA DE RESTAURAÇÃO EM CRISTO

Por falar em fé e gratidão, deixei essa parte da história da minha vida para compartilhar com vocês nesse último capítulo, e quero falar um pouco sobre um resgate profundo que vivi, do qual sou muito grato, mesmo que eu não encontre palavras suficientes que possam expressar tudo que de maravilhoso Jesus fez por mim.

A minha infância foi marcada por lembranças que me acompanham até hoje. Crescer em um lar dividido, com pais que faziam o possível para acertar, não foi fácil. Eu era um menino tentando entender o mundo à sua volta, entre a ausência de um e a dedicação do outro, havia carinho e cuidado, mas também havia lacunas. Foram nessas lacunas que coisas que nunca deveriam ter acontecido acabaram acontecendo.

Lembro-me do quanto minha mãe se esforçava para ser suficiente. Ela queria me proteger e, ao mesmo tempo, me ensinar a ser forte. Em uma tentativa de me fazer “crescer”, ainda criança, ela me presenteou com algo que acreditava ser inofensivo: uma revista de conteúdo sexual. Para ela, aquilo era um gesto inocente, talvez uma forma de garantir que o filho não se desviasse do caminho certo, no entanto, para mim, foi a abertura de uma porta que eu jamais deveria ter atravessado.

Naquela idade, eu não compreendia o que via, contudo, a curiosidade tomou o lugar da inocência e plantou uma confusão dentro de mim. As imagens, as ideias, tudo aquilo passou a fazer parte de um universo que eu não tinha maturidade para entender. Foi ali, sem perceber, que a pureza começou a se perder. Eu ainda era um menino, mas dentro de mim algo mudou bruscamente dentro de mim e não foi para melhor.

Com o tempo, aquela curiosidade inocente se transformou em um silêncio incômodo. Eu não sabia o que sentir nem o que pensar. A vergonha se misturava à culpa, e eu comecei a acreditar que havia algo errado comigo. Mal sabia eu que aquela experiência seria apenas a primeira de outras que marcariam profundamente minha vida.

Pouco tempo depois, alguém da própria família atravessou os limites do que é certo. Eu ainda era criança, e aquela pessoa decidiu me ensinar sobre assuntos dos quais nenhuma criança precisa aprender. De uma forma bem sutil, ele me chamou até o banheiro e levou aquela revista, e ali ele começou a me “ensinar” sobre como aplicar aquele conteúdo e infelizmente, não só com palavras, mas me tocando. Foi um momento péssimo e confuso, impossível de compreender. Senti medo e um tipo de vergonha que não tinha nome. Não consegui reagir e o silêncio pareceu a única saída. Eu não entendia muito bem que aquilo era errado, só sabia que me sentia sujo, culpado, e que algo havia se quebrado dentro de mim. Passei a evitar esse familiar, a me esconder, mas o que eu queria mesmo era entender por que aquilo tinha acontecido. Um dia a situação tomou um caminho que vi que iria piorar, pois ele queria partir para coisas mais absurdas, já que até então eram toques, o que já caracterizava um grande abuso sexual, contudo, naquele dia surgiu uma força dentro de mim que hoje sei que era o cuidado de Deus, e naquele momento consegui me posicionar e dar um basta em toda aquela circunstância terrível que eu estava vivendo. Anos mais tarde, percebi que esse episódio tinha me deixado marcas das quais eu precisava me libertar.

Aquela sucessão de experiências foi moldando meu modo de enxergar o mundo. Quando meu pai, em outra fase da minha vida, decidiu me “ensinar a ser homem”, levou-me a um lugar onde nenhum adolescente deveria estar. Ele achava que estava fazendo o que qualquer pai faria para mostrar ao filho como era “ser adulto, um homem”, mas, na verdade, estava me expondo a mais uma situação a qual eu não precisava viver. Apenas fui levado sem entender, sem ser perguntado, sem escolha, para um motel onde uma garota de programa já me aguardava completamente nua. Lembro-me do nervosismo daquele momento, muito confuso e sem saber o que fazer. Ele achava que estava me ajudando, mas, na verdade, me empurrava ainda mais para o abismo da culpa e do medo. Eu não sabia o que significava aquilo tudo; só sabia que não queria estar ali. Saí daquele lugar com a sensação de que havia perdido mais uma parte da minha inocência.

Esses acontecimentos, cada um à sua maneira, fizeram parte dos moldes de parte do meu comportamento e das minhas emoções. Hoje entendo que, mesmo naquela fase escura, Deus já estava ali. Eu não O conhecia ainda, mas Ele me conhecia. Foi Ele quem me deu força para resistir e não me deixar afundar completamente. Mesmo em meio à confusão, Ele me guardou. Quando lembro da criança que fui, vejo que, de alguma forma, havia algo dentro de mim que me impediu de ceder completamente à dor. Era Deus, mesmo sem eu saber.

O silêncio e o peso da culpa

Cresci e não falei de tudo isso que aconteceu comigo, era muito constrangedor e até hoje me sinto desconfortável ao tocar nesse assunto, mas vejo o quanto é necessário para que outras pessoas possam ser alcançadas e entendam que há um caminho de cura e substituição dessas cinzas por uma beleza que somente Cristo pode oferecer, por essa razão estou compartilhando aqui. Acreditei por muito tempo que, se contasse o que tinha acontecido, talvez não acreditassem em mim ou, pior, que me culpassem. Essa é uma das consequências mais cruéis de quem vive abusos: a inversão da culpa. A vítima carrega a responsabilidade pelo que sofreu, mesmo sem ter feito nada de errado.

Durante muitos anos, vivi aprisionado nesse silêncio. Fingir que estava tudo bem era mais fácil do que encarar a verdade. Eu sorria, brincava, sempre fui extrovertido, seguro e buscava sozinho resolver minhas questões, mas dentro de mim havia uma sensação constante de que carregava um segredo muito ruim.

Hoje, sei que aquele menino precisava desesperadamente de ajuda, mas ninguém sabia e eu não tinha coragem de pedir. O medo de ser julgado era maior do que o desejo de ser compreendido. O silêncio foi o primeiro muro que construí entre mim e o mundo, um muro que levei anos para derrubar.

Ecos do passado

Os anos foram passando, e eu cresci sem entender que certas atitudes eram reflexos de feridas geradas pelos abusos. Eu não percebia o quanto aquele sofrimento moldava algumas das minhas escolhas. Como muitos de nós, havia dias em que eu me sentia forte e confiante; em outros, carregava o peso de uma vida inteira.

As pessoas me viam como alguém talentoso no que eu me colocava para fazer, desde o futebol até a me tornar um empresário de sucesso, o que de fato o era, até mesmo na música (conto essa história adiante). Porém, chega um momento em que a dor escondida começa a vir para fora de alguma maneira, como por exemplo, o uso da maconha para “aliviar” certos momentos da minha vida. Eu acreditava em Deus, mas de forma distante, como se Ele existisse apenas para os outros, mesmo quando eu não falava com Ele, Ele falava comigo. Foi Deus quem me impediu de me perder completamente. Colocou pessoas e situações no meu caminho para mostrar que, apesar de tudo, eu não estava sozinho. Eu

ainda não entendia o que era propósito, mas já começava a perceber que minha vida tinha um significado maior do que a dor que eu carregava.

Entre acordes e estradas

Eu gostava muito de música, cada letra, cada melodia era como traduzir sentimentos que eu nunca tinha conseguido colocar em palavras. Comecei a me envolver com a música sertaneja ainda jovem. A estrada se tornou minha companheira e eu gostava bastante de estar nos palcos.

As coisas foram acontecendo rápido. Gravei músicas, fiz shows, dei entrevistas e, por um tempo, vivi o sonho que muitos desejam. Minha canção chegou a tocar nas rádios do Triângulo Mineiro e ficou entre as mais ouvidas por várias semanas. Fiz programas de televisão, conheci pessoas influentes e até assinei contrato com uma grande distribuidora musical. A rotina era exaustiva, as viagens intermináveis, eu dormia pouco, comia mal e passava a maior parte do tempo na estrada, sozinho, terminava um show e eu dirigia horas de volta para casa.

Um episódio marcou profundamente essa fase. Um cantor muito conhecido, Cristiano Araújo, amigo bem próximo da minha família, faleceu em um trágico acidente enquanto voltava de um show. A notícia me abalou e eu que estava vivendo exatamente a mesma rotina de viagens cansativas, estrada de madrugada, sono acumulado, quilômetros e quilômetros percorridos sem descanso, percebi que eu precisava tomar uma decisão, até porque os meus empresários já não estavam mais tendo recursos para bancar minha carreira, mas fato era, que Deus estava me mostrando que aquele caminho não era o que Ele tinha preparado para mim, Ele já tinha outros planos. Eu não sabia explicar, mas senti que aquele era um aviso. Era como se Ele dissesse: “Eu te dei um dom, mas não é pra isso que Eu o quero usar”.

Algum tempo depois, conheci a mulher que mudaria completamente minha vida. Ela foi usada por Deus para abrir meus olhos. Além do que eu já contei, ela também logo no início do relacionamento me disse com amor, mas com firmeza: “Você precisa fazer uma escolha. Eu não quero me envolver com alguém que vive na estrada, que não tem tempo pra família.”

Decidi deixar a carreira musical no auge. Foi uma decisão bem difícil, porém necessária.

Os acordes que um dia ecoaram nos palcos agora ecoam dentro de mim de outra forma: em adoração. Aquele palco de holofotes se transformou no altar da minha vida, onde canto não mais para multidões, mas para um Deus que me resgatou das estradas erradas e me colocou no caminho certo.

A música me levou a muitos lugares, mas foi o amor de Jesus que me levou para casa.

Deus já estava lá

Hoje entendo que, em cada um daqueles momentos, desde a primeira exposição, a confusão familiar, até a imposição do que chamavam de “virar homem”, Deus estava ali. Eu não O via, mas Ele nunca se afastou. Ele me sustentou em silêncio, preservou minha mente e não permitiu que o mal me destruísse por completo.

Por vezes até pensava que Deus tivesse me esquecido. Não conseguia entender o motivo de tudo aquilo que tinha acontecido comigo. A dor parecia uma sentença, e o sentimento de culpa vinha em muitos momentos, mas com o passar dos anos, o Senhor começou a revelar que, mesmo nas minhas maiores quedas, Ele nunca deixou de me amar.

Cada lembrança que antes me envergonhava hoje se transformou em testemunho. Aprendi que o inimigo tenta usar o passado como arma, mas Deus usa o passado como prova de que a graça é real. Ele me mostrou que não há dor que Ele não possa curar, nem história que Ele não possa ressignificar. Foi Jesus quem me levantou quando ninguém mais podia. Ele não veio com perguntas, veio com amor. Não me apontou o dedo, me estendeu a mão. Quando o mundo dizia “você não tem jeito”, Ele dizia “eu tenho planos para você”. Eu descobri que Jesus não veio buscar os perfeitos; Ele veio para os quebrados. Ele se senta com os que choram, Ele acolhe os que se escondem, Ele cura os que se acham irrecuperáveis.

Jesus é o Filho de Deus que deixou o céu para entrar na sujeira da nossa dor. Ele é o Cordeiro perfeito que se entregou voluntariamente por amor. Ele não apenas nos mostrou o caminho — Ele é o caminho. Foi Ele quem me ensinou que o amor de Deus não se conquista, se recebe. Quando finalmente compreendi quem Jesus é, percebi que Ele não está distante, olhando de cima; Ele caminha ao nosso lado, até nos vales mais escuros.

Na cruz, Jesus tomou sobre Si tudo o que eu carregava. Cada peso, cada lembrança, cada vergonha foi colocada sobre os ombros Dele. A cruz não foi um símbolo de derrota, foi o maior ato de amor da história. Ele suportou a dor para que eu tivesse paz. Enquanto eu achava que precisava merecer o perdão, Ele já pagou o preço, pois o sangue derramado na cruz limpou o que eu nunca conseguiria apagar sozinho. Quando entendi isso, as correntes que me prendiam começaram a cair.

A cruz é o lugar onde o impossível se torna possível. É ali que o passado encontra redenção, que a culpa encontra descanso e que o pecador encontra esperança. Foi diante da cruz que percebi que não precisava mais fugir. Jesus já sabia de tudo e, ainda assim, me escolheu.

O perdão de Jesus foi o divisor de águas na minha história. Ele não apenas me perdoou; Ele me ensinou a perdoar. Por muito tempo, pensei que não precisava perdoar quem me feriu, porque ao perdoar eu não precisaria mais carregar o que não me pertencia. Quando orei por quem me machucou, não para justificar, mas para me libertar, senti algo quebrar dentro de mim. Foi como se uma prisão se abrisse. A raiva e o ressentimento começaram a dar lugar à paz.

Jesus me mostrou que o perdão não é esquecimento, é cura. Ele limpou minha mente das acusações e me lembrou que eu também precisava perdoar a mim mesmo. A graça me ensinou que o passado não define o que Deus vai fazer no futuro.

A graça foi o que me devolveu a respiração da alma. Ela me ensinou que a vida com Cristo não é ausência de dor, é presença de propósito. Quando Jesus entrou de verdade na minha história, tudo mudou. Ele não apenas tirou o peso, Ele me deu um novo coração. As coisas que antes me prendiam perderam o poder. As palavras que um dia me feriram já não me atingem.

A graça não apenas me alcançou, ela me construiu de novo. Foi a graça que transformou culpa em paz, medo em fé e vergonha em esperança. Hoje, quando falo de quem eu era, não sinto dor, sinto gratidão. Não há orgulho no meu testemunho, há reverência. Eu sei o quanto precisei ser resgatado, e por isso valorizo tanto o amor que me encontrou.

Jesus não apenas mudou minha história, Ele me deu uma nova identidade. Agora sei que sou filho, perdoado e livre. A graça me tirou do deserto e me colocou de pé, não porque

eu merecia, mas porque Ele quis. E por meio da graça a salvação me ensinou que viver não é correr atrás de aprovação, mas caminhar na direção do propósito. Hoje eu vivo para servir, amar e contar o que Deus fez.

Cada vez que conto essa história, sinto que a luz que me alcançou brilha um pouco mais longe. A fé que antes era tímida hoje é firme, porque foi provada. Descobri que Jesus não nos dá apenas uma nova chance, Ele nos faz novos por completo, mesmo quando as lembranças tentam voltar, sei que elas não têm mais poder. O menino ferido já não existe, porque Jesus o curou completamente. O amor de Cristo preencheu cada espaço vazio e se tornou o centro da minha vida.

Jesus é o Salvador, mas também é o Amigo. É aquele que não desiste, que nos levanta quando caímos e nos ensina a caminhar outra vez. Hoje, eu posso dizer com convicção: Deus sempre esteve lá! Ele estava quando eu me sentia sozinho, quando o medo me dominava, e está aqui agora, fazendo novas todas as coisas.

A minha história é a prova de que Jesus continua salvando, curando e transformando vidas. Ele pega o que o mundo chamou de fim e escreve o recomeço com tinta de misericórdia.

Eu sobrevivi, e isso já foi o primeiro milagre. O segundo, e com certeza, o maior, foi ter encontrado Jesus, o Filho do Deus vivo, que deu a vida por mim, que me limpou, me perdoou e me fez novo. Hoje, vivo para que o mundo saiba que Jesus salva, cura e liberta e que o Seu amor é infinitamente maior do que tudo que possamos ter feito ou vivido.

POSFÁCIO

Com o tempo, aprendi que nenhuma história termina exatamente onde parece encerrar. A vida não se despede com um ponto final, mas com uma vírgula que anuncia novos começos. Este livro foi, para mim, essa vírgula, um respiro entre o que vivi e o que ainda está por vir.

Ao revisitar cada fase da minha trajetória, percebi que a superação não é um evento isolado, e sim um exercício diário. Há dias em que vencer significa conquistar um prêmio, abrir uma empresa, realizar um sonho. Em outros, vencer é simplesmente manter-se de pé, escolher a paz, preservar a fé. E é nesse equilíbrio entre o extraordinário e o cotidiano que a verdadeira grandeza se revela.

Escrever estas páginas foi mais do que narrar memórias; foi um ato de reconciliação. Reencontrei o menino dos campos de terra, o jovem que sonhava com o futebol, o homem que se perdeu e se refez. Percebi que cada versão de mim contribuiu para que eu me tornasse quem sou hoje. Nenhum erro foi inútil, nenhuma dor foi desperdiçada. Tudo serviu para me conduzir de volta ao propósito original, aquele que, no fundo, sempre estive ali, apenas esperando ser reconhecido.

Hoje, compreendo que o sucesso não está apenas em construir algo grandioso, mas em edificar uma vida que faça sentido. Descobri que o verdadeiro valor está em usar o que aprendemos para servir aos outros, em transformar cicatrizes em pontes, em fazer do trabalho um testemunho silencioso de fé.

Se este livro alcançar corações, que o faça não pelo que conquistei, mas pelo que aprendi: que recomeçar é a forma mais bonita de continuar.

Agradeço a cada leitor que chegou até aqui. Que as páginas desta história o inspirem a olhar para a própria caminhada com misericórdia, coragem e esperança. Que cada um descubra, à sua maneira, a arte de recomeçar e perceba que, entre as mãos que um dia empunharam a bola e as que agora seguram a navalha, o mais importante nunca mudou: o desejo de fazer algo com amor.



ISBN: 978-6-55321-053-0

